



**CENTRO DE COMPETÊNCIA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS REFLEXIVAS**

**Por**

**Palmira Lira Santos**

**Sob a orientação de**

**Professora Doutora Jesus Maria Sousa  
Professor Doutor Robson Luiz de França**

**Funchal 2013**



**PALMIRA LIRA SANTOS**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS REFLEXIVAS**

Dissertação apresentada ao Centro de Competência de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Educação, Universidade da Madeira, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Área de Concentração: Inovação Pedagógica

**Orientadores:**

Prof.<sup>a</sup> Doutora Jesus Maria Sousa

Prof. Doutor Robson Luiz de França

**Funchal 2013**



Dedico esta Dissertação a duas pessoas muito importantes na minha vida acadêmica, à Prof.<sup>a</sup> Marize Cisneiros da Costa Reis e ao Prof. José César de Farias (Plic) *in memoriam*. Por sempre acreditarem no meu trabalho, na minha capacidade e por todo o incentivo para que este título de Mestre em Educação fizesse parte da minha vida.



## AGRADECIMENTOS

Nesta página muito especial deste trabalho, gostaria de agradecer a algumas pessoas de entre muitas que foram importantes na sua elaboração.

Em primeiro lugar, ao meu marido e meus filhos, agradeço a paciência e compreensão em minha ausência em vários momentos do lazer em que tive de me dedicar aos estudos.

Ao Dr. Elton Santos, meu cunhado, que tanto me ajudou nos momentos de dúvidas e incertezas, que teve toda paciência de ler e reler meu trabalho várias vezes sem se negar em nenhum momento, contribuindo bastante com suas valiosas observações e sugestões, um verdadeiro pai acadêmico. A ele, meu grande agradecimento.

A André Pirauá e José Souza Neto, que abriram as portas da Academia Moviment para realização desta investigação; sem a colaboração dos quais, não seria possível concluí-la. Pela sua presteza de sempre me atenderem colocando em minhas mãos todo o material necessário, meus sinceros agradecimentos.

Ao meu orientador, Professor Robson França, pela orientação do projeto desde o início à conclusão, a amizade, o incentivo, sempre me acalmando nas angústias e nervosismo, exercendo seu papel de orientador com todo carinho e sabedoria.

À minha orientadora, Professora Jesus Maria Sousa, agradeço a paciência e sabedoria. Por sempre me incentivar mostrando os caminhos científicos, bem como por todo carinho com que sempre me atendeu, sua postura sempre firme e correta nos momentos necessários. Meu especial obrigada.

A todos que fazem a DH2, agradeço os bons serviços e o convênio firmado com a Universidade da Madeira, Instituição de grande prestígio e rigor, proporcionando aos brasileiros a oportunidade de qualificação.

À Universidade da Madeira, nas pessoas do Magnífico ex-Reitor Professor Doutor José Manuel Nunes Castanheira da Costa e do atual Reitor Professor Doutor José Moleirinho do Carmo, meus agradecimentos especiais. Instituição de que tive o prazer de ser aluna, pela seriedade e pelo seu reconhecimento científico, trazendo para o Brasil a oportunidade de qualificação, abrindo portas e promovendo momentos de grande aprendizagem.

Ao Professor Carlos Fino, coordenador científico da Universidade da Madeira, o rigor, a seriedade do trabalho e o respeito aos mestrados sempre procurando a excelência nas produções.

Às professoras da IES, Ana Zélia e Nayana Pinheiro, que se colocaram sempre à disposição para responder a todas as dúvidas.

Aos alunos da IES e aos que fizeram parte do programa de estágio, que direta ou indiretamente contribuíram na minha pesquisa.

Ao grande amigo e eterno Coordenador Pedagógico Cleiton Barbosa (in memoriam), pessoa maravilhosa que tanto me incentivou e me apoiou para conclusão deste trabalho; sei que mesmo em outro plano está feliz pela minha conquista. Meu muito obrigado.

Em especial, a Deus, que sempre me acalenta e me ilumina, dando força e inteligência, quando o cansaço nas madrugadas se fazia presente.

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática.

Paulo Freire



# O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS REFLEXIVAS

## RESUMO

Esta investigação tem como objetivo analisar a Prática Pedagógica dos alunos-estagiários na disciplina Estágio Supervisionado (Curricular Obrigatório) do curso de Bacharelado em Educação Física numa IES particular na cidade de Recife-Pernambuco, Brasil, no contexto da Inovação Pedagógica. A justificativa para esta investigação parte de três vertentes bem particulares: a primeira refere-se ao interesse em ampliar o conhecimento sobre o tema Estágio Supervisionado; a segunda relaciona-se com o campo profissional; por último, a lacuna teórica e a ausência de pesquisas no campo do Estágio Supervisionado. Partindo de uma abordagem qualitativa, este projeto de investigação será um estudo de caso com abordagem etnográfica, por se tratar de um objeto específico baseado num fenômeno real. Seus procedimentos foram observação participante, entrevistas com professores, estagiários, supervisores de estágio e o proprietário da academia. O Estágio vem sendo considerado como a hora da prática, o fazer prático dos alunos nos cursos de Educação Física. Por meio da mobilização dos saberes e da compreensão entre a aplicabilidade da teoria e prática, conjuntamente os alunos estagiários vão construindo sua identidade profissional e se adaptando ao mundo da sua Prática Pedagógica. Esse conjunto de reflexões no contexto da Inovação Pedagógica pode representar uma ruptura com o pensamento educacional tradicional, trazendo à tona a realidade construtiva e transformando a prática pedagógica dos estagiários. A pesquisa realizou-se numa IES particular do Recife e numa Academia de Ginástica, que oferece um programa de estágio diferenciado, onde os estagiários recebem orientação teórica e prática de forma reflexiva, o que lhes possibilita uma prática com autonomia. Conclui-se que os alunos da IES investigada, que passaram pelo programa da academia de ginástica, realizaram uma prática pedagógica no estágio supervisionado de forma inovadora.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado. Inovação pedagógica. Prática reflexiva.



# **THE SUPERVISED PRACTICE: A STUDY ON REFLECTIVE PEDAGOGICAL PRACTICES**

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the pedagogical practice of student interns in the discipline Supervised Practice (Required Course) of Bachelor Course of Physical Education in a particular HEI in the city of Recife in the context of Pedagogical Innovation. The rationale for this research is based on three very specific aspects: the first relates to my interest in expanding my knowledge about the topic Supervised Practice and the second is related to the professional field, and finally to fill the theoretical gap and lack of research in the field of Supervised Practice. From a qualitative approach, this research project will be a case study with an ethnographic approach, because it is a specific object based on a real phenomenon. Its procedures were Participant Observation, Interviews with Teachers, Interns, Supervisors and the Owner of the Academy. The internship has been considered as the hour of practice, where the students do practical courses in Physical Education. From the mobilization of knowledge and understanding of the applicability of the theory together with practice students interns are building their professional identity and adapting to the world of their own pedagogical practice. It is understood that this set of reflections in the context of Pedagogical Innovation may represent a break with the traditional educational thought, bringing up constructive reality, transforming the practice of teaching interns. The research was conducted in a particular HEI in Recife and at a Gym that offers a program of differentiated practice, where trainees receive theoretical and practical guidelines reflectively and allowing trainees to practice autonomously. We drew the conclusion that the studied HEI, who passed through the gym program, performed a supervised teaching program un an innovative way.

**Keywords:** Supervised Practice. Pedagogical innovation. Reflective practice.



# LA PRATIQUE SUPERVISÉE: UNE ÉTUDE SUR LES PRATIQUES PÉDAGOGIQUES RÉFLEXIVES

## RÉSUMÉ

Cette recherche vise à analyser la pratique pédagogique des étudiants stagiaires dans la discipline de Pratique Supervisée (Cours obligatoire) de Cours de baccalauréat en éducation physique, en particulier dans la ville de Recife, dans le contexte de l'innovation pédagogique IES. La justification de cette recherche est basée sur trois aspects très spécifiques: le premier se rapporte à mon intérêt pour élargir mes connaissances sur le sujet Supervisé et le seconde est lié au domaine professionnel, et enfin réaliser un vide théorique et le manque de recherche dans le domaine du Stage supervisé. D'une approche qualitative, ce projet de recherche sera une étude de cas avec une approche ethnographique, parce que c'est un objet spécifique fondé sur un phénomène réel. Ses procédures sont l'observation participante, entretiens avec les enseignants, les stagiaires et les superviseurs et le propriétaire de l'Académie. Le stage a été considérée comme l'heure de la pratique, le savoir-faire des étudiants des cours d'Éducation Physique. À travers de la mobilisation des connaissances et la compréhension de l'applicabilité de la théorie dans la pratique les étudiants des stagiaires construisent leur identité professionnelle en se adaptant au monde de leur propre pratique pédagogique. Il est entendu que cet ensemble de réflexions dans le contexte de l'innovation pédagogique peut représenter une rupture avec la pensée éducationnelle traditionnelle, révélant la réalité constructive et transformant la pratique pédagogique. La recherche a été menée dans une IES particulière de Recife dans une Académie de Gymnastique qui offre un programme de stage différencié, où les stagiaires reçoivent des directives théoriques et pratiques de façon réfléchie ce qui leur permet de pratiquer de façon innovatrice. Notre conclusion est que les étudiants qui ont passé le programme de l'académie de Gymnastique ont fait une pratique pédagogique de manière innovante dans le stage supervisé.

**Mots-clés:** Pratique supervisée. Innovation pédagogique. Pratique réflexive.



# LA PRÁCTICA SUPERVISADA: UN ESTUDIO SOBRE LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS REFLEXIVAS

## RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar la práctica pedagógica de los estudiantes, de una Institución de Enseñanza Superior privada, en la disciplina de Práctica Supervisada (Currículo Obligatorio), curso de licenciatura en Educación Física en la ciudad de Recife-PE. La justificativa de esta investigación se basa en tres aspectos muy concretos: el primero se refiere al interés por ampliar mis conocimientos sobre el tema, el segundo está relacionado con el ámbito profesional, y, finalmente, el vacío teórico y la falta de investigación en el campo Prácticas supervisadas. Basado en un enfoque cualitativo, este proyecto de investigación tendrá un estudio de caso con un enfoque etnográfico, ya que es un objeto específico centrado en un fenómeno real. El procedimiento de esta investigación fue construida con base en una observación participativa, bien como entrevistas con profesores, pasantes, supervisores y el propietario del gimnasio. La pasantía está considerada como la hora de la práctica, pues los estudiantes hacen cursos prácticos en Educación Física. A partir de la movilización de los conocimientos y la comprensión de la aplicabilidad de la teoría con la práctica estudiantes pasantes están construyendo su identidad profesional y la adaptación al mundo de su propia práctica pedagógica. Se entiende que este conjunto de reflexiones en el contexto de innovación Pedagógica, puede representar una ruptura con el pensamiento educativo tradicional, la educación de la realidad constructiva, la transformación de la práctica de los pasantes de enseñanza. La investigación se llevó a cabo en un gimnasio de Recife, que ofrece un programa teórico y práctico de orientación para sus alumnos con enfoque reflexivo permitiéndoles que los alumnos practiquen sus ejercicios de manera autónoma. Se observó que los alumnos de la Institución investigada tuvieron una experiencia innovadora de pasantía por cuenta de la propuesta del programa del gimnasio y de las prácticas pedagógicas presentadas por la asignatura.

**Palabras clave:** Práctica Supervisada, Innovación Pedagógica, Práctica Reflexivo, Pasantía.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Representação dos paradigmas conservadores.....	33
Quadro 2 –	Representação dos paradigmas emergentes.....	39
Quadro 3 –	Áreas de atuação.....	48
Quadro 4 –	Distribuição da carga horária.....	50



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caminhos da inovação.....	36
Figura 2 – Visão holística dos paradigmas emergentes.....	37
Figura 3 – Explicativo do programa.....	78



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CIE	Centro de Investigação em Educação
CES	Câmara de Educação Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
CP	Conselho Pleno
CREF	Conselho Regional de Educação Física
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	Tecnologias da informação e comunicação
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Uma	Universidade da Madeira
UPE	Universidade de Pernambuco



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1	OBJETIVOS.....	3
1.1.1	<b>Objetivo geral.....</b>	<b>3</b>
1.1.2	<b>Objetivos específicos.....</b>	<b>3</b>
1.2	PROBLEMA E QUESTÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	4
1.3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	4
1.3.1	<b>Instrumentos.....</b>	<b>7</b>
1.3.2	<b>Análise dos dados.....</b>	<b>10</b>
1.3.3	<b>População.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA E REGULAMENTAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
2.1	ESTÁGIO SUPERVISIONADO: MARCO HISTÓRICO.....	13
2.2	FORMAÇÃO DO ALUNO ESTAGIÁRIO.....	15
2.3	O QUE É ESTÁGIO? .....	18
2.4	FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO ESTAGIÁRIO.....	20
2.5	A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA IES.....	25
2.6	O ESTÁGIO COMO PESQUISA E ATIVIDADE REFLEXIVA NUMA PERSPECTIVA INOVADORA.....	27
<b>3</b>	<b>INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....</b>	<b>31</b>
3.1	VISÃO DO PASSADO.....	31
3.2	O QUE ESPERAMOS.....	34
3.3	NOVOS CAMINHOS.....	35
3.4	A PRÁTICA NO ESTÁGIO À LUZ DA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA.....	39
<b>4</b>	<b>O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS ALUNOS ESTAGIÁRIOS.....</b>	<b>47</b>
4.1	PROCEDIMENTOS LEGAIS.....	47
4.2	A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	50
4.3	DA PRÁTICA PARA A SALA DE AULA.....	53

5	<b>O PROCESSAMENTO DO ESTÁGIO NO CURSO DE BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>	57
5.1	PERCORRENDO OS CAMINHOS DA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA PRÁTICA DOS ESTAGIÁRIOS.....	58
5.2	COMO AS PROFESSORAS DESCREVEM SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA IES.....	60
5.3	A APRENDIZAGEM NA VISÃO DOS ESTAGIÁRIOS.....	66
5.4	O PROCESSO DO ESTÁGIO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA REFLEXIVA E INOVADORA.....	73
5.4.1	<b>A proposta diferenciada e inovadora da academia.....</b>	74
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	87
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	101
	<b>APÊNDICE A – Transcrição das entrevistas.....</b>	107

## 1 INTRODUÇÃO

Há alguns anos, surgiu a possibilidade de ministrar a disciplina de Estágio Supervisionado no curso de Bacharelado em Educação Física numa Instituição de Ensino Superior (IES) em Recife. A proposta surgiu como um desafio, por ser uma nova disciplina, e, por outro lado, sem a devida indicação de como seria ou poderia ser ministrada. Em busca de uma definição, foram consultados diversos materiais didáticos como livros, artigos e manuais de outras IES, bem como propostas pedagógicas de fontes diversas, tanto das Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino da Educação Física como também de experiências consolidadas de outras instituições.

A princípio, pensava que seria bastante indicar aos alunos os respectivos locais de estágio, orientá-los como deveriam portar-se no ambiente de prática supervisionada e quanto ao preenchimento de fichas de controle de frequência, de observação, de registro das práticas desenvolvidas, entre outras; dessa forma, estaria o estágio cumprido.

Na formação do profissional da Educação Física, bem como em outras áreas e campos profissionais, no caso brasileiro, existem diversas leis regulamentadoras tanto do âmbito federal como dos órgãos de cada classe profissional, que, por sua vez, estabelecem regulamentos de Estágios Curriculares Obrigatórios e os Curriculares Não Obrigatórios; ou seja, os que são considerados como disciplinas e os de que os alunos participam livremente e têm efeito de enriquecimento curricular e, naturalmente, formativo. Porém, os Estágios Curriculares Obrigatórios estão necessariamente sujeitos aos regulamentos e se caracterizam pela rigidez de seu cumprimento, pela grande burocracia que consiste em formação de um rol de documentos comprobatórios da execução da atividade de prática obrigatória e, ainda, condição de pré-requisito para a conclusão do curso.

Em muitas IES, essa disciplina tem um tratamento meramente burocrático de preenchimento de fichas e relatórios, não sendo dado a ela o real valor da aplicabilidade de uma prática pedagógica reflexiva que a disciplina merece e necessita, tendo em vista que o aluno, quando se confronta com o campo de estágio, não consegue estabelecer a necessária relação entre as teorias estudadas em sala de aula e as práticas a serem vivenciadas no campo de estágio e posteriormente na vida profissional.

Dessa forma, sob esse olhar, parece que se cria uma larga distância entre a teoria e a prática, pois os acadêmicos limitam-se a cumprir os protocolos, o que, por sua vez,

traz limitação profunda na sua formação profissional e ainda perdem a oportunidade de proceder ao aprofundamento necessário oriundo da práxis, tão necessária para pensar e repensar a teoria e a prática no campo epistemológico em questão.

Nesta linha, por meio de um levantamento inicial para efeito desta pesquisa, percebeu-se que há necessidade premente em se aprofundar nos conhecimentos existentes sobre o assunto Estágio como Prática Pedagógica Reflexiva, principalmente para o curso de Bacharelado em Educação Física.

Na perspectiva de ampliar os conhecimentos acerca deste assunto, vem-se recolhendo informações dos alunos sobre suas práticas, solicitando relatos de experiências relacionadas com as vivências nos estágios, bem como das visitas aos supervisores (professores que fazem o acompanhamento nos locais do estágio) para poder se apropriar mais da disciplina, questionando a respeito dessa prática pedagógica.

A justificativa para esta investigação parte de três vertentes bem particulares: a primeira diz respeito ao interesse em ampliar os conhecimentos acerca da temática Estágio Supervisionado; a segunda relaciona-se com o campo profissional, pois é fundamental que se avance em conhecimentos teóricos com a apreensão da prática e que contribuam socialmente para a melhoria da formação dos egressos dos cursos de Educação Física. Por último, percebe-se uma lacuna teórica por um lado e, por outro, a ausência de pesquisas no campo do Estágio Supervisionado em cursos de Bacharelado em Educação Física; portanto, em nossa perspectiva, veem-se poucos estudos publicados, surgindo assim a oportunidade de mais uma contribuição científica para a sociedade acadêmica.

Vale enfatizar que a importância desta pesquisa se deve também ao fato de que o mercado de trabalho, não só no Brasil, mas de forma abrangente, tem crescido bastante para o profissional da Educação Física, tendo em vista a construção da ideia de qualidade de vida melhorada por meio de atividades físicas orientadas, devendo ser desenvolvidas por profissionais especializados em cursos de graduação para atuar em academias, spa, parques, clubes, e por profissionais de atendimento personalizados para acompanhamento individualizado ou por faixa etária, ou ainda de acordo com a necessidade de pacientes em tratamento, entre outros.

Dessa maneira, é fato a ampliação da procura desse profissional, o aumento de alunos matriculados nos cursos superiores de graduação e também da opção desses alunos pelo bacharelado ao invés da licenciatura, e dos estagiários por este campo.

Muitos são os fatores que levam as pessoas, de modo geral, a se matricularem em academias em busca de qualidade de vida, condicionamento físico, estética, entre outros. Estimulados pela mídia e pelo conhecimento que passou a ser mais abrangente pelo uso das tecnologias, o aumento do mercado vem necessitando de mais estagiários para darem suporte à demanda.

Tendo isso em mente, surgiu a oportunidade de fazer um Estudo de Caso numa Academia de Ginástica, empresa de Fitness, que propôs um programa diferenciado para os estagiários, onde no cumprimento da carga horária, eles passam por apresentação de trabalhos, explicações teóricas por meio da prática. Com isso, não apenas cumprem as obrigações burocráticas, mas também participam de palestras, acompanham os alunos da academia mediando teoria-prática, transformando o programa específico para estagiários em algo que aponta para ser inovador, no sentido de refletirem e criticarem sobre suas ações.

Como requisito de qualificação para obter o título de Mestre em Ciências da Educação na Universidade da Madeira, é que se propõe este projeto com o intuito de determinar as reais transformações que ocorrem na prática, por meio de um estudo científico que auxilie professores e alunos nos Estágios Supervisionados, uma vez que são poucas as informações na literatura sobre o assunto.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

Analisar a Prática Pedagógica dos alunos estagiários na disciplina Estágio Supervisionado (Curricular Obrigatório) do curso de Bacharelado em Educação Física numa IES particular na cidade de Recife no contexto da Inovação Pedagógica.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- a) Identificar as principais categorias da Inovação Pedagógica e da aprendizagem da Disciplina Estágio Supervisionado.
- b) Conhecer as principais categorias teóricas por meio da revisão bibliográfica sobre o marco histórico e regulamentar do Estágio Supervisionado.

- c) Analisar o Estágio Curricular Obrigatório, tendo como alvo a prática pedagógica dos alunos estagiários para verificar de que forma poderá o aluno desenvolver um trabalho pedagógico competente.
- d) Investigar como se processa a disciplina Estágio Supervisionado no curso de Bacharelado em Educação Física.
- e) Verificar se há e como se faz Inovação Pedagógica na prática pedagógica dos Estágios Curriculares Obrigatórios do curso de Bacharelado em Educação Física.

## 1.2 PROBLEMA E QUESTÃO DA INVESTIGAÇÃO

Comprova-se que os alunos estagiários vêm participando de uma prática tradicional em que apenas são levados a cumprir a burocracia da lei existente que regulamenta os Estágios nos cursos de graduação. Daí surge o problema de verificar se existe e como ocorre uma prática diferenciada e inovadora que envolva os alunos em reflexões levando-os à aplicabilidade da teoria.

Como questão da investigação: Existem Práticas Pedagógicas Inovadoras nos Estágios Supervisionados (ES) em Educação Física?

## 1.3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A indicação metodológica deste estudo considera a realidade social como uma totalidade, ajudando a entender que, no processo de construção do conhecimento, os fatos não se revelam diretamente aos olhos do pesquisador. Ao considerar o objeto de estudo como integrante de uma determinada realidade social, sua apreensão deve levar em conta as múltiplas dimensões que os envolvem, constituídos por elementos que não podem ser apenas quantificados. “Lidamos com uma realidade constituída de pessoas que se relacionam por meio de práticas que recebem identificações e significados” (MACEDO, 2010, p. 12).

A pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica abrange um campo muito vasto de investigação, dependendo fundamentalmente dos instrumentos utilizados para se atingir o objetivo de uma interpretação da realidade, sendo suas raízes centradas nas práticas.

Considera-se importante no processo da pesquisa o respeito às fontes e aos autores, entendendo que a vida humana não pode ser isenta de valores e que os autores sociais devem expressar, estabelecendo uma relação de confiança construída entre o pesquisador e os participantes, fazendo uma análise do que o homem é – vivendo, falando, trabalhando, envelhecendo e morrendo (MARTINS, 2008).

Partindo de uma abordagem qualitativa, com a consideração da existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, para efeito de consecução deste projeto de investigação, será utilizada a estratégia de estudo de caso por se tratar de um objeto específico baseado num fenômeno.

Relacionado com o objetivo que se propõe este projeto, Stake (1995) definiu ser essa metodologia a ideal, por se tratar de um caso particular que instiga a tê-lo como apoio em sua compreensão como também de refinar a teoria.

Dessa forma, a opção pelo estudo de caso justifica-se claramente por se enquadrar como uma estratégia adequada para resolver esse problema. O estudo de caso é uma abordagem qualitativa que se fundamenta na compreensão e ampliação da experiência. Ele deve ser um retrato vivo da realidade em suas múltiplas dimensões, tendo o pesquisador a obrigação de apresentar as interpretações, não podendo assim intervir sobre a situação nem manipular os comportamentos.

Segundo Yin (2001), o estudo de caso representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados.

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2001, p. 19).

O estudo de caso visa proporcionar maior familiaridade com o problema a fim de torná-lo explícito de forma exploratória. Yin considera quatro tipos de estudo de caso: 1. projetos de caso único holístico; 2. projetos de caso único incorporado; 3. projetos de casos múltiplos holísticos; 4. projetos de casos múltiplos incorporados.

Entende-se que este trabalho será um estudo de caso instrumental para Stake (1995) e um estudo de caso único e holístico para Yin (2001).

Assim, considerando o exposto, compreendendo que os procedimentos metodológicos devem cercar o objeto e tendo como evidência inicial que o campo empírico da pesquisa será composto pelos alunos estagiários e pelos professores da Disciplina Estágio Supervisionado II, III e IV de uma IES particular, por meio do projeto de estágio desenvolvido pelo supervisor na Academia de Ginástica, é que se busca lançar mão de estratégias articuladas de pesquisa.

A coleta de dados num estudo de caso baseia-se em várias técnicas. Autores como Macedo (2010) e Yin (2001) sugerem que se utilizem no mínimo quatro técnicas, o que garante a confiabilidade do estudo e o rigor nos resultados obtidos. A confrontação dos resultados evita a subjetividade do pesquisador, daí a sugestão de Gil (2002), Macedo (2010) e Yin (2001) de que são necessárias várias técnicas de recolha e coleta para justamente poder dar confiabilidade ao estudo de caso, uma vez que as maiores críticas referem-se à estratégia de pesquisa, por permitir muita subjetividade do pesquisador, sendo combatida por Yin (2001) exatamente por fornecer os subsídios de recolha que comprovam o rigor do estudo. Para isso, lançar-se-á mão das técnicas de Análise documental, Entrevistas e Observação Participante.

Segundo Yin (2001), não há obrigatoriamente uma ordem a seguir, sendo essencial elaborar boas perguntas, saber ouvir, ter discernimento e imparcialidade, para garantir bons procedimentos nessa fase; procurar ser claro no que está sendo realizado; referir as provas que estão sendo produzidas, as variações que podem ser antecipadas. Sua sugestão maior é a elaboração de um protocolo como roteiro de ações com determinados procedimentos, planejamento e elaboração de um plano de análise.

O ponto chave para a coleta de dados para um estudo de caso não se trata meramente registrar os dados mecanicamente, como se faz em alguns outros tipos de pesquisa. Você deve ser capaz de interpretar as informações como estão sendo coletadas e saber imediatamente, por exemplo, se as diversas fontes de informação se contradizem e levam à necessidade de evidências adicionais – como faz um bom detetive (YIN, 2001, p. 840).

Para essa fase, Yin (2001) recomenda que todo pesquisador deve ter o cuidado de fazer as inferências sobre o que realmente foi apreendido no local, sugerindo também que deve ser baseada em muitas evidências.

Anotar-se-ão num diário todos os fatos relevantes investigados na pesquisa com a finalidade de identificar categorias de dados para análise, servindo de roteiro

orientador no processo para vivenciar todos os passos da pesquisa. Essa minuciosa coleta de informação e investigação é de total importância na educação, pois permite avaliar melhor as informações percebidas e não ditas. Segundo Macedo (2010, p. 134): “O diário é um dispositivo de grande relevância para acessar os imaginários envolvidos na investigação pelo seu caráter subjetivo, intimista”.

### **1.3.1 Instrumentos**

#### **Pesquisa Bibliográfica e Pesquisa Documental**

Foi necessário proceder à contextualização do objeto de estudo através da pesquisa bibliográfica e pesquisa documental a fim de obter informações e opiniões atuais, recorrendo à literatura já publicada, tais como livros, artigos, periódicos, publicações avulsas e material disponível na internet. A revisão bibliográfica é sempre útil para fazer comparações com outros casos semelhantes, buscar fundamentação teórica e para reforçar a argumentação de quem está descrevendo o caso. “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45).

A análise documental se assemelha à bibliográfica. A diferença está na fonte; enquanto na pesquisa bibliográfica se utilizam materiais analisados e publicados, na pesquisa documental buscam-se documentos que possam traduzir informações mais apuradas do caso, tais como cartas, escrituras, ofícios, fotos, filmes, entre outros. Muitas vezes se confundem por tratar-se, eventualmente, de pesquisa em jornais, revistas, ou melhor, a fonte é a mesma. A análise documental tem a função de subsidiar a pesquisa revelando aspectos mais aprofundados. “Esse tipo de informação pode assumir muitas formas e deve ser o objeto de planos explícitos de coleta de dados” (YIN, 2001, p. 107). Os documentos serão de grande auxílio com as evidências, tais como cargos, grafias, lembrando, ainda, que podem ser feitas inferências.

Tem seu papel fundamental, pois registra fatos presentes ou passados que serão de grande valia para a busca de informações pondo em evidência fatos que, porventura, tenham ficado omissos nas entrevistas.

No entanto, o pesquisador não deve ter tamanha confiança nos documentos, pois eles podem também traduzir uma realidade inexistente.

Segundo Gil (2002), a pesquisa documental tem uma série de vantagens por retratar fonte fidedigna, não ter custo e evitar o contato com os pesquisados; contudo, convém evidenciar que a subjetividade ou a objetividade nas análises pode não ser totalmente correta. Por conseguinte, sugere: “Por isso é importante que o pesquisador considere as mais diversas implicações relativas aos documentos antes de formular uma conclusão definitiva” (GIL, 2001, p. 47). Yin (2001) faz um alerta para julgar a veracidade dos arquivos e procurar informações sobre as condições em que os documentos foram produzidos e seu grau de precisão.

### Entrevista

É um excelente recurso na função de coleta. Pode assumir uma estrutura aberta, fechada ou semiaberta. Constitui-se numa forte fonte, pois retrata individualmente o ponto de vista de quem a descreve. Segundo Macedo, é um recurso metodológico fundamental por traduzir o real e os significados dos conceitos.

De fato, a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico para apreensão de sentidos e significados e para a compreensão da realidade humana, na medida em que toma como premissa irremediável que o real é sempre resultado de uma conceituação (MACEDO, 2010, p. 104).

O investigador estará sempre questionando, principalmente quando ele participa ativamente. Sua pesquisa, por meio de conversas informais, pode traduzir fatos importantes, até mesmo nas solicitações de informações, na busca por dados precisos a respeito dos recursos que cercam o objeto da pesquisa. Dessa forma aberta, será possível apropriar-se das experiências e das informações da instituição. Porém, as entrevistas deverão ser programadas, coordenadas com o objetivo claro guiado sempre pelo problema a ser investigado.

Yin (2001) considera a entrevista uma das fontes de informação mais importantes, em que de forma espontânea os inquéritos podem ser realizados, assumindo até o caráter de conversa informal.

No entanto, o investigador não pode fugir do seu foco, ir à busca de um informante-chave pode ser uma boa opção, pois ele, além de fornecer dados precisos, pode indicar fontes mais evidentes sobre o caso; não se deve prender a uma fonte de informação, pode lançar mão de entrevistas grupal ou focal, pois se trata de um grupo

singular em que a proposta será obter informações precisas num tempo relativamente breve, num estudo prático de um grupo específico, fazendo as perguntas direcionadas.

No geral as entrevistas constituem uma fonte essencial de evidências para o estudo de caso, já que a maioria delas trata questões humanas. Essas questões deveriam ser registradas e interpretadas através dos olhos de entrevistadores específicos e respondentes bem-informados (YIN, 2001, p. 115).

Sendo assim, a condução de forma espontânea para que os professores da disciplina, os alunos estagiários e os supervisores e o proprietário possam colocar-se livremente sobre os inquiridos, será considerada uma das fontes pelo fato de o informante responder livremente, expondo suas impressões e interpretações.

É importante lembrar que o investigador deverá ser um bom condutor das perguntas e especialmente saber ouvir e armazenar, adotando requisitos de anotações e gravações para posteriormente poder interpretar as informações com profundidade.

#### Observação Participante

É uma técnica de coleta de dados que não consiste apenas em ver, ouvir e anotar dados, mas uma modalidade especial em que o observador participará ativamente do ambiente, com funções determinadas, assumindo, assim, uma abordagem etnográfica.

Presentes no local da pesquisa, os observadores poderão partilhar do dia a dia da Academia, o que torna assim mais fidedigno, adotando uma participação ativa de modo a fazer parte do grupo de trabalho e mantendo a distância necessária.

Embora Yin (2001) não considere a observação participante necessária no estudo de caso – por achar que pode prejudicar a credibilidade do projeto e acreditar que as manipulações podem ocorrer na observação participante, diferentemente das outras fontes –, por outro lado, afirma que o investigador pode ter a oportunidade de ter seu ponto de vista de “dentro” do estudo de caso.

Desse modo, opta-se por esta coleta de dados por se entender que ela trará mais recursos à investigação, bem como em consonância com a Linha da Inovação Pedagógica que aponta para a investigação ação, abolindo as diferenças entre investigadores e investigados, para que possam os investigadores impregnar na sua prática profissional o conhecimento necessário à sua transformação (FINO, 2003).

Os sujeitos fazem parte do trabalho em comum, embora tenham tarefas diferentes, sempre na tentativa de compreender sua visão de mundo (MACEDO, 2010). É pertinente acentuar que não se trata apenas de anotações, mas sim de uma convivência em que se procura obter mais informações. É fundamental que haja participação densa, não perdendo seu foco.

Tudo deverá ser anotado em blocos ou folhas. Yin (2001) indica o uso do protocolo, até mesmo como rigor na veracidade das confirmações posteriores da pesquisa escrita. Tudo separado com palavras-chave, citações textuais, além de todos os dados sobre o assunto.

Na observação participante, o pesquisador deverá manter um grau de relacionamento com os sujeitos de forma a construir confiança, intimidade, devendo ficar o máximo de tempo no local da pesquisa para poder se impregnar dos costumes, da linguagem e poder atingir a compreensão do caso pesquisado, podendo assim interpretá-lo com rigor.

É importante para a formação do *corpus* que haja perfeita interação do pesquisador com os pesquisados.

### **1.3.2 Análise dos dados**

Segundo Bardin (1977, p. 134): “Qualquer análise do conteúdo, passa pela análise da mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível”.

Faz-se, então, a análise e a interpretação dos dados durante e após a coleta num movimento incessante do início ao fim. Realizam-se leituras exploratórias, analíticas e interpretativas dos documentos, e pesquisa bibliográfica.

Macedo (2010) sugere algumas etapas. Inicialmente, no sentido da tomada de consciência de quando se deve parar a coleta e iniciar a análise; esse momento denomina-se “Saturação”, ou seja, a partir do momento em que a densidade dos dados corresponde às respostas dos objetivos e do problema.

Inicia-se, assim, a pré-análise após a transcrição e a documentação dos instrumentos coletados, devendo-se realizar uma leitura minuciosa, permitindo que as questões sejam bem focadas e lembrando sempre de não se afastar do norte da pesquisa: “A triangulação, dispositivo que auxilia o etnopsiquisador através das diferentes

abordagens e fontes dando valor e consistência às conclusões da pesquisa” (MACEDO, 2010, p. 141), enfatizou que é o momento em que o pesquisador vai fazer a comparação e o cruzamento dos dados, além de confrontá-los para chegar a uma interpretação mais minuciosa.

Com o objetivo de impregnar e dar sentido aos dados, a releitura atenta é de fundamental importância para garantir a integralidade e confirmar as categorias eleitas, também denominadas de noções “subsunçoras”, ou categorias de análise. Tais categorias serão listadas quando da confrontação dos dados e da análise dos instrumentos.

Segundo, ainda, Macedo, a análise de conteúdos é um recurso metodológico interpretacionista, ou seja, o pesquisador é parte fundamental no processo, pois parte dele a interpretação do *corpus* dos dados coletados.

A análise interpretativa estará voltada para alguns fatores como o respaldo do referencial teórico, os resultados alcançados por meio das respostas obtidas na categorização e a interpretação conclusiva, formando o *corpus* da pesquisa, que nada mais é do que o campo onde deverá fixar sua atenção.

Ressalte-se que o pesquisador lida com as ideias contemporâneas, portanto, o texto será reflexo das crenças e valores construídos da sociedade vigente.

### **1.3.3 População**

A população-alvo da pesquisa constituiu-se dos seguintes sujeitos:

- a) Professores da disciplina de Estágio da IES investigada – serão entrevistadas duas professoras, que trabalham há mais de quatro anos na Instituição e ministram a disciplina de Estágio há mais de um ano. Uma possui Mestrado em Educação pela UFPE e a outra está vinculada ao Programa de Mestrado da UFRN.
- b) Alunos estagiários da IES investigada – foram selecionados cinco alunos de diferentes turmas. Um deles está iniciando a disciplina de Estágio e outros que estão concluindo o Curso de Graduação em Educação Física, porém todos frequentaram o Programa de Estágio da Academia investigada.

- c) Coordenador e Supervisor do estágio da Academia de Ginástica. O Coordenador e o Supervisor são Especialistas, e um faz parte do Programa de Mestrados da Universidade de Pernambuco/ Universidade Federal da Paraíba (UPE/UFPB).
- d) Proprietário da Academia de Ginástica. O proprietário da academia também é Especialista na área de Educação Física.

## 2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA E REGULAMENTAÇÃO

### 2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: MARCO HISTÓRICO

Os cursos de Educação Física no Brasil foram criados na década de 1930, inicialmente com características militares, apenas para instrução de exercícios físicos, com preocupação de formação higienista, pois adotavam o método Francês que visava à melhoria da saúde do corpo, da moral e disciplina da população; também objetivava a melhoria da raça brasileira. As aulas eram ministradas em escolas primárias, apenas para alunos elitizados.

com a instrução primária, se dará também a educação física e moral, a saber; a educação constituirá em limpeza, exercícios e posições e maneiras do corpo, asseio e descências [*sic!*] do vestuário, o mais simples e econômico possível, danças e exercícios ginásticos, ornicultura, passeios de instrução (MARINHO, 1940, p. 46).

Inicialmente as aulas eram ministradas por pessoas que não tinha formação específica apenas práticas vivenciadas, como exemplo, militares, e não há nenhum registro quanto à existência de atividades de Estágios Supervisionado.

Nos anos 1960, os cursos visavam a aulas de Educação Física e treinamentos esportivos, e nas Universidades as atividades de estágios eram oferecidas no final do curso e recebiam o nome de Prática de Ensino. Não havia nenhuma relação entre teoria e prática. “Em Pernambuco há referências explícitas à prática pedagógica, que deveria ser realizada na Escola de Aplicação e às disciplinas ‘Metodologia Geral’, ‘Metodologias Especial’ e ‘Didática da Educação Física’” (PIMENTA, 2006, p. 24).

Contudo, nos anos 1990, houve uma verdadeira modificação nos cursos universitários de forma geral, a mudança da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a abertura de vários cursos e a expansão das IES particulares.

A partir daí, no Brasil, várias Faculdades particulares iniciaram o processo de abertura de cursos em Educação Física. Hoje em Pernambuco, existem mais de dez cursos entre Universidades Públicas e Faculdades Privadas.

As mudanças ocorreram tanto no campo quantitativo quanto no campo qualitativo. As novas pesquisas e estudos na área transformaram, também, a visão do

homem, havendo quebra de paradigmas. As teorias da Educação Física vêm sofrendo mudanças que revolucionaram toda a prática pedagógica, saindo de um pensamento cartesiano para o entendimento do ser total. Estudando a história do país, evidencia-se um grande período de ditadura política, fechando Universidades e modificando todo o cenário de progresso.

Após esse período, a cortina para o progresso vem aos poucos abrindo as portas para a tecnologia e conseqüente evolução no pensamento da população, iniciando a abertura dos estudos científicos e do pensamento crítico e reflexivo; porém, os rizomas do tradicionalismo ainda estão presentes em muitos professores que foram filhos dessa educação e não inovam suas práticas, apenas reproduzem o que aprenderam.

Durante vários anos e ainda hoje, encontram-se na formação inicial Cursos Universitários que não preparam os graduandos para a prática pedagógica crítica e autônoma. Paulo Freire, no seu livro a Pedagogia da Autonomia mencionou:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumido-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção (FREIRE, 1996, p. 22).

Os saberes necessários encontrados na formação inicial eram apenas os disciplinares (TARDIF, 2002), apenas os de conhecimentos relacionados com cada matéria, sem nenhuma ligação com a prática. No final do curso, os alunos cursavam a “Prática de Ensino”; assim, por muitos anos, vem-se constituindo a prática pedagógica nos cursos de Educação Física, sem haver ligação da teoria com a prática. A formação inicial tem o dever de contribuir não apenas para habilitação legal, mas que forme profissionais com competências e saberes necessários para o exercício da profissão.

De facto, já não basta ter em conta que a formação de professores esteja adaptada ao mundo de hoje. É preciso que ela antecipe o futuro. Daí que mais do que uma reprodução de modelos ideais, é preciso recorrer a outras estratégias de formação que exijam ao futuro professor uma série de competências (SOUSA, 2000, p. 48).

Em 1987, institui-se o conteúdo mínimo para os cursos havendo a separação em Licenciatura e Bacharelado, podendo ser cursados os dois ao mesmo tempo.

Com a Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno (CNE/CP) n.º 2/2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Educação Física que determina a carga horária mínima para os cursos de Licenciatura (2.800 horas) e Bacharelado (3.200 horas), e uma nova regulamentação dos estágios, estabelece-se uma definição para esta disciplina que, até então, se caracterizava como Prática de Ensino, realizada apenas nos últimos períodos dos cursos de Educação Física. O Parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES) n.º 109/2002, de 13 de março de 2002, regulamentou o estágio em 400 horas no mínimo e instituiu locais específicos, bem como o acompanhamento por professores (BRASIL, 2002).

Porém, a relação estabelecida com Prática Pedagógica reflexiva e crítica não se faz presente em todas as discussões. Concordamos com Masetto (2003) quando afirma que os currículos necessitam de revisão partindo para uma visão que atenda às necessidades da sociedade. O autor destaca, ainda, a importância de práticas pedagógicas para além dos estágios.

Muitas foram as discussões com relação aos campos de atuação dos profissionais de Educação Física, e em 2004, regulamenta-se a subdivisão separando em definitivo os cursos em Licenciatura e Bacharelado – passando-se a se chamar Graduação (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2005).

## 2.2 FORMAÇÃO DO ALUNO ESTAGIÁRIO

O Estágio vem sendo considerado como a hora da prática, sendo o fazer prático dos alunos nos cursos de Educação Física. Desse modo, nessa perspectiva reducionista sua missão passa apenas a cumprimento da burocracia, preenchimento de fichas e elaboração de relatórios finais, e prestar atenção às habilidades dos profissionais que estão sendo acompanhados. Em muitos casos, os estagiários estão ocupando o lugar dos profissionais, não cumprindo a função de uma prática que contribua na sua formação, fato bastante discutido pelo Conselho Regional de Educação Física (CREF), sendo utilizados como mão de obra barata.

O processo de aprendizagem do estagiário deve ser mais amplo, não existe teoria sem prática nem prática sem teoria, as duas estão interligadas; e o Estágio Supervisionado é o momento ímpar de materialização, com uma prática

contextualizada, refletida e analisada, embora em situações específicas da prática pedagógica ocorram fatos que fogem ao controle dos alunos estagiários e das IES que os encaminham, pois o local escolhido nem sempre oferece condições de um estágio, onde o aluno possa atuar como deveria. Em Educação Física, no curso de bacharelado, os alunos devem cumprir suas práticas de estágio vivenciando as três áreas de atuação do profissional bacharel: Saúde, Esporte e Lazer. Tais locais são clubes, academias, associações, praças e outros semelhantes. Porém, como esses locais vêm contribuindo para uma práxis?

Na ânsia para atuar na prática, os alunos estagiários se submetem às explorações, passando das seis horas de estágio, com bolsas insignificantes, sem nenhum direito, às vezes, até aos intervalos; vão ao estágio como se estivessem atuando como profissionais. Buriolla (2009) faz referência a esse tratamento comparando o aluno estagiário com um adolescente que ainda não se definiu entre criança e adulto.

Ora o aluno é estagiário, ora ele é um trabalhador, ou seja: ora lhe são podadas determinadas atividades (por ser estagiários), ora tem que fazer tudo o que o profissional faz, pois o aluno está no mundo do trabalho. Dá-me a impressão de considerá-lo como adolescente (BURIOLLA, 2009, p. 230).

Vários são os depoimentos dos alunos estagiários que comentam sobre a indiferença que sofrem por parte de alguns professores supervisores que não entendem a importância do momento de mediação e da troca de aprendizagem com o aluno estagiário, deixando de auxiliá-los nos momentos de dúvida, com a indicação de melhores caminhos para a prática pedagógica. Muitos professores supervisores ainda estão ancorados no paradigma tradicional em que a prática do estágio se resumia apenas ao cumprimento da carga horária e preenchimento de fichas, fortalecendo as técnicas e metodologias de uma didática instrumental.

A prática no estágio tem a função de possibilitar que os futuros bacharéis, os alunos estagiários “compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional” (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 43). Vários autores, entre eles Pimenta e Lima (2009), e Schön (1992), propõem um estágio com valorização da reflexão, uma formação baseada na epistemologia da prática, o estágio como construção do

conhecimento por meio da prática pedagógica reflexiva com análise e problematização dessa prática.

Segundo Kuhn (1998), as mudanças e os avanços somente serão possíveis quando descartamos crenças antigas. Muitas instituições de ensino ainda não atentaram para essas inovações que podem oferecer aos alunos um ensino inovador. Portanto, em concordância com as afirmações de Papert (1994) e Fino (2007), deve-se procurar mediar e facilitar a aprendizagem dos alunos estagiários privilegiando o que lhe é peculiar, sua capacidade de formular pensamentos. Essas ideias de construção do conhecimento estão presentes nas obras de vários autores, como Papert, Piaget, Vygotsky e Paulo Freire, e dependendo de qual deles seja o referencial eleito, configura-se como uma proposta pedagógica diferenciada e inovadora.

Qual o objetivo desse ensino? Acumular conhecimentos úteis? (Mas em que sentido são úteis?) Aprender a aprender? Aprender a inovar, a produzir o novo em qualquer campo tanto quanto no saber? Aprender a controlar, a verificar ou simplesmente a repetir? (PIAGET, 1985b, p. 20).

Os questionamentos de Piaget levam à reflexão sobre alunos que estão na formação inicial, pois com uma formação voltada para a leitura, a elaboração de projetos, socialização da própria prática, fazendo, e reflexão com os pares, poder-se-á obter um estágio que contribua para uma releitura de sua prática.

Como componente curricular, é fundamental tratar na disciplina de Estágio questões como o sentido da profissão, o que é ser professor, competências e saberes necessários para construção da própria identidade profissional, ética, a realidade social, as áreas de atuação (saúde, esporte e lazer). Tais questões devem ser discutidas em salas de aula, antes de os estagiários serem encaminhados para a prática pedagógica. O projeto estágio não deve ser levado ao aluno como um fardo a cumprir, apenas agregado às 400 horas exigidas pela lei; é fundamental que nessa preparação estejam contidas atividades de caráter global, a intencionalidade e a reflexão sobre o caráter formativo que constitui a essência do estágio. O estágio curricular obrigatório não é simplesmente uma experiência prática vivida pelo aluno da formação inicial, mas uma oportunidade para refletir, sistematizar e praticar a teoria e os instrumentos discutidos durante o curso.

## 2.3 O QUE É ESTÁGIO?

O Estágio pode ser definido como o momento prático em que o aluno na formação inicial em Educação Física é colocado no campo profissional para pôr em prática os conhecimentos adquiridos unindo aos da teoria. Assim interpretado pela Resolução CNE/CES n.º 7, de 31 de março de 2004, artigo 10.º, parágrafo 2.º:

§ 2.º O estágio profissional curricular representa um momento da formação em que o graduando deverá vivenciar e consolidar as competências exigidas para o exercício acadêmico-profissional em diferentes campos da intervenção, sob a supervisão de um profissional habilitado e qualificado, a partir da segunda metade do curso (BRASIL, 2004b, p. 18).

Alguns autores definem o Estágio, como Buriolla (2009, p. 13): “O estágio é concebido como um campo de treinamento, um espaço de aprendizagem do fazer concreto”. Pimenta e Lima (2009, p. 33) afirmam: “o que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção da vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade”. Roesch (2007, p. 3) diz: “O estágio curricular, entre outros objetivos, proporciona ao aluno (especialmente àquele que nunca teve uma experiência de trabalho) a oportunidade de testar esses argumentos”.

Pode-se dividir em Estágio Curricular Obrigatório e Estágio Curricular não Obrigatório. O Estágio Curricular Obrigatório é aquele oferecido pela IES como disciplina curricular obrigatória, que está definido como pré-requisito no projeto pedagógico do curso de Educação Física, estando submetido às exigências da instituição, “cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma” (§ 1.º do art. 2.º da Lei n.º 11.788/2008).

O Estágio deve ser realizado no campo da formação profissional do aluno, sob supervisão/orientação de profissional devidamente habilitado, responsável pela atividade objeto do estágio. É necessária a existência de um documento convenial, que formaliza e define as condições do estágio do aluno, firmado entre a IES e a pessoa jurídica onde o estágio estiver sendo realizado (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2005).

Porém, estão estabelecidos na Resolução n.º 7, de 31 de março de 2004, do Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior, e também na

Notificação Recomendatória n.º 741/2002 do Procurador-Geral do Trabalho, os três componentes obrigatórios como o Termo de Compromisso, o seguro contra acidentes pessoais e estar matriculado e frequentando a IES.

O Estágio Curricular pode ser também não obrigatório, sendo opcional ao aluno, não fazendo parte da carga horária obrigatória. Os alunos normalmente querem estagiar logo que iniciam o curso, existe o desejo de praticar unindo a teoria dos novos conhecimentos a uma prática; alguns entendem que ainda não se encontram preparados, e outros o contrário, até porque várias são as oportunidades oferecidas. Em busca de pequena bolsa-estágio, muitos alunos, principalmente os que estudam em IES particulares, argumentam a necessidade de custear seu curso. Há uma grande discussão a respeito desses estágios, pois a legislação diz que os alunos somente poderão estagiar na intervenção na segunda metade do curso, ou seja, do 5.º período em diante, porém muitos desejam começar o estágio curricular não obrigatório em período anterior em razão de sua questão financeira, tendo necessidade de custear o curso. Essa é uma discussão que não será aprofundada. Os Estágios têm por objetivo proporcionar aos alunos uma prática pedagógica orientada, que garanta a aquisição de habilidades e competências necessárias ao futuro profissional.

Estágio Curricular Supervisionado, que tem por atribuições precípuas colocar o futuro profissional em contato com a realidade educacional, desenvolvendo-se estilos de ensino, possibilitando adequadas seleções de objetivos, conteúdos, estratégias e avaliações, entre outras finalidades. Para tanto, o estágio Curricular supervisionado deve fornecer subsídios para a formação do futuro professor, tanto no aspecto teórico quanto prático, a fim de que possa desenvolver um trabalho docente competente (KRUG; SILVA, 2008, p. 1).

Nesta investigação será tratado apenas o assunto Estágio Curricular Obrigatório, tendo como alvo as práticas pedagógicas dos alunos estagiários; de que forma poderá este aluno desenvolver um trabalho docente competente? O estudo seguirá na perspectiva de descobrir os caminhos possíveis para essa prática.

Como previsto no Parecer CNE/CES n.º 58, de 18 de fevereiro de 2004, Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física:

*O estágio profissional curricular* representa o momento da formação em que o(a) graduando(a) devesse vivenciar e consolidar as competências e habilidades exigidas para o exercício acadêmico-profissional em diferentes campos de intervenção, a partir da segunda

metade do curso, sob a supervisão de profissional habilitado e qualificado. O *estágio profissional curricular* e o momento de efetivar, sob a supervisão de um profissional experiente, um processo de intervenção acadêmico-profissional que tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização do(a) graduando(a). O objetivo é oferecer ao futuro graduado em Educação Física um conhecimento do real em situação de trabalho, isto é diretamente em instituições e locais formais e informais que oportunizem a prática de exercícios e de atividades físicas, recreativas e esportivas, nas perspectivas da prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e da reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, entre outras. E também um momento para se verificar e provar a aquisição das competências e habilidades exigidas na prática acadêmico-profissional e exigíveis dos(as) formandos(as). No caso da Instituição de Ensino Superior optar pela proposição de núcleos temáticos de aprofundamento, parte da carga horária do *estágio profissional curricular* supervisionado deverá ser cumprida no campo de intervenção acadêmico-profissional correlato (BRASIL, 2004a, p. 13).

Essa diretriz consiste em normas para as quais as IES no campo dos Estágios Supervisionados deverão dar uma atenção específica, uma vez que, por meio dos Estágios, é que se adquirem as Competências e Habilidades exigidas para formação do futuro profissional, sendo acompanhado por um supervisor que compreenda o sentido da mediação teoria-prática, garantindo uma prática pedagógica dos estagiários, o aprofundamento e boa aplicabilidade da teoria.

## 2.4 FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO ESTAGIÁRIO

A formação da Identidade do aluno estagiário como profissional da prática pedagógica está intimamente ligada à formação inicial. Exige que seja ultrapassada a transmissão do conhecimento e estimule o estudante à reflexão, a ter senso crítico, questionando as consequências de sua ação. Embora, para isso, não se discuta especificamente a formação, mas o repensar sobre ela com a análise da prática pedagógica na formação do futuro profissional de Educação Física, considerando como um dos aspectos os saberes necessários que se configuram na prática pedagógica do aluno estagiário.

Os subsídios para este estudo foram definidos por Pimenta quando diz:

Em relação à formação inicial, pesquisas têm demonstrado que os cursos de formação, ao desenvolverem um currículo formal com conteúdos e atividades de estágios distanciados da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar, pouco têm contribuído para gerar uma nova identidade do profissional docente (PIMENTA, 2007, p. 16).

Dada a natureza do futuro profissional que será contribuir, por meio do ensino, na construção do conhecimento e no processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se que o Curso de Bacharelado em Educação Física possa desenvolver nos alunos estagiários “habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazer” (PIMENTA, 2007, p. 18). A fim de articular as práticas sociais/profissionais com a realidade educativa e do cotidiano, novas perspectivas buscam entender o trabalho do professor por intermédio de uma abordagem que vai além do saber acadêmico-científico. De acordo com Nóvoa (1992), essa abordagem se coloca em oposição aos estudos que reduziam a profissão docente a um conjunto de competências técnicas, gerando uma crise de identidade nos professores em decorrência de uma separação entre o profissional e o eu social.

A nova forma de conceber o trabalho do futuro professor tem a intenção de dar “voz ao professor” com base na análise da trajetória, história de vida, etc. Passou-se a valorizar os diferentes aspectos da história individual profissional do professor, reconhecendo e considerando a construção desses tipos de saber, relacionando-os com sua formação. Novos estudos educacionais passaram então a reconhecer o professor como sujeito dotado de um “saber fazer”, e é na análise dos valores e princípios que orientam a ação docente que estão os elementos principais para a compreensão acerca dos fundamentos da prática cotidiana do professor.

Como o universo de informações vem sendo ampliado de forma acelerada nas últimas décadas, a práxis pedagógica inovadora, na sua ação docente, precisa passar do ensinar para focar na mediação de aprender a aprender. Por sua vez, a produção do saber, fazer e ser de forma contínua contempla o aprender a aprender, mas para isso, o professor necessita ser desafiado a buscar novas metodologias para atender as exigências da sociedade atual (SANTOS; FRANÇA, 2011, p. 227).

Por meio dos conhecimentos adquiridos na relação teoria-prática é que os alunos terão subsídios para formar sua identidade, transformando seu *savoir-faire* num processo contínuo.

Quando falamos de identidade profissional, referimo-nos a uma identidade social particular, uma entre tantas outras identidades sociais do sujeito, como vimos. É uma identidade especializada que diz respeito a um mundo institucional especializado que partilha saberes específicos, isto é, saberes profissionais (FINO, 2003, p. 3).

Quais seriam os saberes necessários para construção dessa identidade? Pimenta (2007) argumentou que tais saberes estão relacionados com a própria vida dos alunos estagiários, um repensar e refletir dele por todo o seu caminho até chegar à sua prática pedagógica, passando por essa jornada seus valores, suas experiências como aluno, suas angústias, sua história de vida e no sentido que pretende construir sua prática. Na linha do tempo, os alunos puderam conferir como alunos a prática de vários professores que influenciaram positiva e negativamente nessa construção e levaram consigo aquelas que se transformaram em experiências de êxito.

Na linha da Inovação Pedagógica, Fino (2003) afirmou que é necessário romper com teorias tradicionais, um novo agir de forma a entender o aluno como construtor do próprio conhecimento, sugerindo o Construcionismo, e não apenas o Instrucionismo (em que o sujeito participa da construção, não apenas recebe instruções), baseado nas teorias de Papert (1994), como estudo e caminho para essa nova identidade.

Entende-se um ensino voltado para a pesquisa e a produção do conhecimento o do sujeito que norteia seu eixo, participando na construção do conhecimento de forma integral, indivisível, portanto, entendendo o aluno como sujeito que pensa, reflete, critica, questiona como ser criativo, ou seja, um ser universal, ideal Epistêmico. Nos estudos de Piaget e Vygotsky, encontram-se as bases e os pressupostos fundamentais de que o indivíduo é o centro do próprio percurso em direção ao conhecimento.

Contudo, na formação inicial, as IES necessitam mobilizar saberes até que o aluno estagiário possa construir sua identidade; mas quais são esses saberes?

Conforme Pimenta (2007), são três: os da Experiência, do Conhecimento e os Pedagógicos. Nenhum aluno chega à IES como *tabula rasa*, todos trazem suas experiências de vida como estudantes, muitos foram atletas ou participaram de

atividades esportivas, outros procuram o curso pela boa experiência e pelo relacionamento com antigos professores. Na própria IES, quando já estão mais maduros, conseguem distinguir melhor, por meio dos docentes, que tipo de postura como profissional vão querer adotar nas suas futuras práticas.

Os alunos trazem e adquirem também conhecimentos específicos de todas as disciplinas que percorrerão oferecidas pelo currículo, tais disciplinas mesmo sendo vistas em compartimentos. É fundamental o olhar do estagiário para o viés que existe em todas as disciplinas e suas contextualizações, que os conhecimentos não são estanques, todas as disciplinas estão interligadas. À medida que se dirigem para sua prática, seja ela em qual modalidade da Educação Física que ele escolha, sempre terá de fazer a contextualização com outros saberes necessários à prática. Não podem também esquecer os conhecimentos pedagógicos relacionados com métodos e técnicas fundamentais para orientação do seu proceder, como planejamentos e planos de aula, avaliações físicas, entre outros.

Tardif (2002) classificou os Saberes da Formação Inicial, ligados aos Pedagógicos, definindo-os como os Saberes Disciplinares em que, por intermédio da IES, os alunos tomam conhecimento desses saberes produzidos pelas ciências nas diversas disciplinas do curso, definindo como Saberes Curriculares, aqueles que correspondem aos conteúdos e métodos na elaboração de projetos, planilhas, tabelas que os alunos devem aprender para aplicar, e Saberes Experienciais aqueles em que o aluno vai incorporar as experiências individuais e coletivas de sua prática.

Mesmo que se descreva de forma diferenciada, há semelhança entre os autores que corroboram ser importante para o entendimento dos estagiários o modo como mobilizarem os saberes em suas práticas.

Analisando as características do saber docente, Tardif (2002) afirma que o saber profissional é o saber da ação, o saber do trabalho está a serviço do trabalho, todos os saberes estão relacionados com o mundo do trabalho e como os professores conseguem articulá-los para resolver situações problemas, o que o distingue do saber científico. Ao mesmo tempo, eles estão relacionados no tempo – temporais – relacionam-se com a história de vida, pois a mobilização do processo em ensinar vai acontecendo ao longo de sua vida, são diversos (plurais), personalizados, situados – singulares – e carregam consigo marcas do seu objeto, que é o ser humano. Assim, baseando-se nessa perspectiva, o autor afirma que a prática profissional não é local de aplicação do saber

científico, mas, sim, de transformação em função das exigências do trabalho, do aqui e agora.

A concepção de tipos de saber da ação de Tardif (2002), de certo modo, relaciona-se com a ideia de Schön (1992) de que os professores, na sua prática pedagógica, criam um conhecimento específico ligado à ação. Esse conhecimento é pessoal, tácito, não sistemático, espontâneo, experimental, intuitivo e cotidiano, o que leva muitas vezes as pessoas a agir sem ter consciência da sua ação. De acordo com Schön (1992), o professor analisa e interpreta sua realidade no ato, o que seria a reflexão-na-ação e também após a realização, que é a reflexão-sobre-a-ação.

Zeichner (1993) ressaltou a importância da preparação dos alunos estagiários de forma a assumirem atitudes reflexivas. Afirma também que essa apreensão dos saberes se prolonga por toda a vida, e na IES os professores iniciam o processo de como ensinar, sendo este um ato reflexivo para o resto da vida.

Importante também o estudo das Competências necessárias à prática pedagógica. Perrenoud (2000) fala sobre práticas inovadoras e descreve dez competências que devem orientar a prática pedagógica desde os estagiários até os futuros profissionais:

- 1) organizar e dirigir situações de aprendizagem;
- 2) administrar a progressão das aprendizagens;
- 3) conceber e fazer com que os dispositivos de diferenciação evoluam;
- 4) envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
- 5) trabalhar em equipe;
- 6) participar da administração da escola;
- 7) informar e envolver os pais;
- 8) utilizar novas tecnologias;
- 9) enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
- 10) administrar a própria formação contínua (PERRENOUD, 2000, p. 15-16).

Nessa formação de identidade entende-se que, para construir todo esse processo no sentido de mobilizar os saberes, faz-se necessário aos estagiários uma abordagem na disciplina Estágio Supervisionado, que os alunos estagiários possam observar para problematizar suas práticas, analisar e conferir novas literaturas e começar a ter um olhar para os locais de estágios não apenas como aluno, mas sim como futuros profissionais. Nesse processo de reflexão crítica os alunos estagiários poderão avançar para transformação da Prática Pedagógica, reconhecidos como intelectuais que, com a tomada de consciência dos valores e significados de sua emancipação partam para mudança do estudo da sua prática, passando a entender a epistemologia da Práxis.

A consciência-praxis é aquela que age orientada por uma dada teoria e tem consciência de tal orientação. Teoria e prática são processos indissociáveis. Separá-los é arriscar demasiadamente a perda da própria possibilidade de reflexão e compreensão. A separação de teoria e prática se constitui na negação da identidade humana (GHEDIN, 2012, p. 153).

Por meio da mobilização dos Saberes e da compreensão entre a aplicabilidade da teoria e a prática, de forma conjunta, é que os alunos estagiários vão construindo sua Identidade Profissional, definindo o tipo de profissional que desejam ser, o tipo de prática que vão adotar, qual a maneira de agir diante de uma situação-problema do cotidiano, quais os princípios éticos, qual a relação professor-aluno. Será com o estágio que eles se adaptarão ao mundo da sua Prática Pedagógica.

## 2.5 A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA IES

A disciplina Estágio Supervisionado do curso de Bacharelado da IES está alicerçada na Lei do Estágio n.º 11.788/2008, elaborada em 25 de setembro pelo Ministério do Trabalho e Emprego, que regulamenta, por meio da Cartilha Esclarecedora, todos os encaminhamentos dos Estágios Curriculares Obrigatórios e não Obrigatórios para todos os cursos do ensino superior (BRASIL, 2008).

Essa regulamentação representa um avanço para os alunos estagiários, porque reconhece o estágio como vínculo educativo profissionalizante, desde que seja supervisionado e esteja atrelado ao projeto político-pedagógico do curso, garantindo aos estagiários o direito do exercício da cidadania e da democracia no ambiente do trabalho de forma que os estagiários possam atuar na sua prática pedagógica interagindo nos locais de trabalho sem exploração de mão de obra barata, tendo direito ao recesso remunerado, seguro contra acidentes pessoais, jornada máxima de seis horas/dia, vale-transporte e redução da jornada no período de prova. Essas garantias estão assinadas pelo ex-ministro Carlos Lupi, conforme o inciso II do artigo 10.º e os artigos 12 e 13 da Cartilha Esclarecedora:

II – 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior,

Art. 12. O estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio-transporte, na hipótese de estágio não obrigatório.

Art. 13. É assegurado ao estagiário, sempre que o estágio tenha duração igual ou superior a 1 (um) ano, período de recesso de 30 (trinta) dias, a ser gozado preferencialmente durante suas férias escolares (BRASIL, 2008, p. 12-13).

O cumprimento do Estágio curricular Obrigatório na IES em Recife que será investigada é uma exigência para conclusão do curso de Bacharel em Educação Física, totalizando como manda a lei em quatrocentas (400) horas para obtenção do diploma. Esta carga horária é distribuída em cinco disciplinas denominadas Estágio Supervisionado I – II – III – IV e V, cada uma com carga horária de oitenta (80) horas aulas, distribuídas em vinte (20) horas de aulas presenciais, com um professor da Instituição e sessenta (60) horas de observação e intervenção em campo, que são acompanhados pelo supervisor do estágio (profissional habilitado).

De acordo com a regulamentação do curso e do projeto político da Faculdade, os estágios iniciam-se na segunda metade do curso para a intervenção. Porém, no 4.º período em que o aluno esteja matriculado, a IES, em questão, inicia as primeiras 80 horas com 60 horas de observação em campo e 20 horas de aulas presenciais.

Em cada período, o aluno estagiário terá de cumprir a carga horária requerida, com intervenção nas três áreas de atuação do profissional bacharel em Educação Física: Saúde, Lazer e Esporte.

A organização da disciplina formaliza-se da seguinte forma:

- no Estágio Supervisionado I, o aluno estagiário apenas cumpre a observação de 60 horas, distribuídas em dois estágios de 30 horas cada, em duas diferentes áreas de atuação. Nas aulas presenciais (20 horas), os alunos participam de estudos dirigidos, leitura de textos, reflexões e discussões críticas sobre a identidade profissional, competências e reflexão da prática, bem como conhecimentos sobre as leis de estágio;
- no Estágio Supervisionado II, o aluno participa de intervenção na área esportiva; nas aulas presenciais, eles constroem o planejamento, planos de aula.
- no Estágio Supervisionado III, o aluno intervém na área de Saúde; nas aulas presenciais, eles constroem projetos;
- no Estágio Supervisionado IV, o aluno intervém na área de Lazer, Dança e Atividades Inclusivas, nas aulas presenciais eles apresentam trabalhos sobre curiosidades, novidades nas suas práticas pedagógicas;

- no Estágio Supervisionado V, o aluno intervém na área que escolher; nas aulas presenciais, eles apresentam um relato de suas experiências na prática pedagógica, apontando os pontos positivos e negativos e as contribuições para a vida profissional das práticas vivenciadas.

O encaminhamento burocrático é o preenchimento das fichas de Identificação; conforme mencionado, o aluno informa seus dados, o local, horário e a modalidade do estágio; desse modo, facilita-se o acompanhamento do professor da Faculdade.

O Termo de Compromisso e Seguro contra acidentes pessoais é emitido obrigatoriamente pela Faculdade, pois constitui como elemento estabelecido no artigo 3.º da Lei do Estágio, bem como a entrega do relatório das atividades exercidas durante o período em que o aluno esteve estagiando.

Quanto aos locais de estágio, a Faculdade mantém convênio com várias instituições locais, possibilitando a livre escolha do aluno, o que facilita quanto à sua conveniência de moradia e horário. É possível também a abertura de convênios para novos espaços, como também para alguns que não tenham sido realizados.

## 2.6 O ESTÁGIO COMO PESQUISA E ATIVIDADE REFLEXIVA NUMA PERSPECTIVA INOVADORA

Levando em conta a formação inicial do aluno estagiário, a aprendizagem profissional oferecerá diversas opções e muitas situações se apresentarão para o aluno estagiário poder evidenciar sua prática, sendo o *locus* onde a identidade do profissional será evidenciada. O aluno estagiário vai desenvolver uma prática sistematicamente planejada para que ela se torne uma vivência reflexiva, sendo de extrema importância por desempenhar um papel decisivo para sua formação, em que ele exercerá sua prática pedagógica.

Vários são os depoimentos de alunos que sentem a dicotomia teoria-prática e, na hora de enfrentarem o estágio curricular, ficam angustiados, aflitos, pois parafraseando os alunos, “a teoria é uma, a prática é outra”. Em algumas IES, os estagiários passam vários períodos assistindo a aulas, fundamentalmente teóricas, e a disciplina estágio supervisionado só entra na grade nos últimos períodos do curso, deixando assim uma distância muito grande entre teoria e prática.

baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos proposicionais. Em seguida [...] eles vão estagiar para ‘aplicarem’ esses conhecimentos. Enfim, quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos proposicionais não se aplicam bem na ação cotidiana (TARDIF, 2002, p. 270).

Quando se reflete sobre estágios, logo vêm à tona todos que fazem parte dele, que estão envolvidos nesse processo, tanto as pessoas quanto as instituições, formando um conjunto intimamente ligado entre a teoria e a prática. Comumente, as IES associam as disciplinas ao campo da teoria e o estágio ao campo prático, dando até mais importância e destaque à teoria “priorizando o saber teórico em detrimento da formação do aprendizado técnico-prático” (BURIOLLA, 2009, p. 44).

Isso propicia uma aprendizagem fragmentada, não havendo vínculo entre conteúdo teórico e prático nas disciplinas, não entendendo o estágio como um componente fundamental que viabiliza a construção do conhecimento e a aplicabilidade da teoria.

Ancorada em tradicionalismos, a formação inicial em algumas IES ainda se constitui de forma parcializada, sem conexão entre teoria e prática, formando uma crise entre paradigmas.

Kuhn (1998, p. 105) relatou que “o significado das crises consiste exatamente no fato que indicam que é chegada a ocasião para renovar os instrumentos”. Portanto, na quebra do Paradigma Tradicional, é necessário que exista uma nova opção para substituí-la. “Inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais, e abertura para a emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição” (FINO, 2003, p. 3).

Esse conflito não é novo entre o saber necessário para a prática e a reflexão-nação. Como afirmou Schön (1992), sobre esse assunto, teóricos como Vygotsky (1989; 1991) e Piaget (1985a) trataram em suas obras sobre o pensamento epistemológico. Deve-se considerar que tanto os professores da formação inicial quanto os alunos estagiários devem estar atentos para o que diz Schön.

Um professor reflexivo permite-se ser surpreendido pelo que o aluno faz. Num segundo momento, reflete sobre esse facto, ou seja, pensa sobre aquilo que o aluno disse ou fez e, simultaneamente, procura compreender a razão por que ele surpreendido. Depois num terceiro momento, reformula o problema suscitado pela situação; talvez o

aluno não seja de aprendizagem lenta, mas, pelo contrário, seja exímio no cumprimento das instruções. Num quarto momento, efectua uma experiência para testar a sua nova hipótese; por exemplo, coloca uma nova questão ou estabelece uma nova tarefa para testar a hipótese que formulou sobre o modo de pensar do aluno. Este processo de reflexão-na-acção não exige palavras. (SCHÖN, 1992, p. 83).

Autores como Pimenta (2009) preconizam a ideia de um estágio como construção do conhecimento voltado para uma prática reflexiva. Gimeno Sacristán (1999) considerou inseparável teoria e prática, afirmando que sempre há um diálogo do conhecimento pessoal com a ação. A teoria dota o sujeito de uma ação contextualizada possibilitando aos futuros professores de Educação Física as condições e os saberes necessários para sua atuação profissional, envolvendo a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções diante das situações-problema, ou seja, o estágio assim realizado permite que se procurem contribuições de pesquisa e desenvolvimento das habilidades.

O estágio constitui-se numa disciplina que oferece um período especial ao estudante de Educação Física, pois no *locus* da IES é onde ocorre a “produção social do conhecimento, da circulação da produção cultural em diferentes áreas do saber e do permanente exercício da crítica histórico-social” (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 89).

Da forma como o estágio vem sendo administrado, apenas com a fase da observação, depois a intervenção e preenchimento burocrático de fichas e relatórios, apenas contribuem para a dicotomia teoria-prática. Ideal seria uma prática integradora e inovadora.

A prática não existe sem teoria, para tanto se faz necessário o conhecimento do objeto, dos meios, das técnicas exigidas, pois a prática não fala por si mesma, ou seja, teoria e prática são indissociáveis, como Práxis. Entende-se como práxis a ação dos homens, dos educadores, dos professores que agem de forma refletida sobre a teoria e a transforma e converte em orientação prática (GHEDIN, 2012).

É possível transformar a parte burocrática de preenchimento de fichas e de elaboração de relatórios utilizando esses instrumentos não apenas como obrigação, mas como material que possa servir de dados para consulta na elaboração de artigos científicos ou mesmo para reflexões contextualizadas das práticas pedagógicas dos alunos estagiários. O estágio se constitui num campo de aproximação da realidade, e fazer do estágio um caminho para investigações, estudos de pesquisa na medida em que o aluno estagiário se aproxima do *locus* com um olhar crítico-reflexivo.

Na formação inicial, os alunos estagiários estão apenas começando a aprender a ser e a fazer, os supervisores e professores das IES necessitam ter esse entendimento.

Com o conceito de ensino reflexivo, os formadores de professores tem a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de a melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional. (ZEICHNER, 1993, p. 17).

Com base nas ideias de Dewey, ser reflexivo é muito mais do que um conjunto de passos para resolução de problemas; entende-se que, para ser reflexivo, ele tem de partir da vontade própria, implicando emoção e paixão pelo ofício que exerce, pelo ato de ensinar e de transformar sua prática pedagógica em ação, em atitude social, com pensamento voltado para realidade do aluno; portanto, o aluno estagiário necessita unir tudo isso aos conhecimentos adquiridos na IES.

As reflexões devem ocorrer no interior da sala de aula nas IES, nos momentos de socialização das experiências em grupo, pois cada experiência é única, porque são exercidas em lugares diferentes, com pessoas diferentes, com culturas diferentes; levar à sala de aula e discutir com os pares será motivo de fortalecer a reflexão.

Essas ideias estão ligadas ao Construcionismo que assume, neste caso, uma função epistemológica, ancorada nas teorias de Fino (2008; 2011), Papert (1996), Piaget (1985a) e Vygotsky (1989; 1991), já mencionados, que entendem a construção do conhecimento como um processo mediado pelos pares.

### **3 INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

#### **3.1 VISÃO DO PASSADO**

Ao longo dos anos, a Prática Pedagógica dos professores vem sendo baseada em paradigmas do passado. Autores como Papert (1994), Gimeno Sacristán (1990) e Toffler (1980) já afirmavam que a linha que rege a prática pedagógica dos professores está completamente ultrapassada.

A teoria Tradicional nos remete exatamente à proposta de Tyler, em que a escola privilegia conteúdos enciclopédicos, uma educação acima de tudo centrada no professor, uma teoria tecnicista com visão em linha de montagem, preparando os alunos para situações definidas. Os alunos são meros receptores, e os professores seguem os objetivos propostos pelo currículo planejado. “As teorias curriculares se convertem em mediadores ou em expressões da mediação entre o pensamento e a ação em educação” (GIMENO SACRISTÁN, 2000, p. 37). A concepção de sociedade da época era valorizar as práticas do mundo industrial, tendo como foco a racionalização, e a escola teria de reproduzir esse controle, com um currículo fechado (que controla, é autoritário, sem flexibilidade), a valorização dos conteúdos dando privilégio ao ensino, à aprendizagem, avaliação, metodologia e muito preocupado com as questões organizacionais.

Na escola, a educação era fragmentada por entender o mundo apenas no plano racional numa visão mecanicista, os alunos entravam com o toque da sineta, sentavam à sua carteira, repetiam e faziam suas tarefas, havia apenas preocupação com resultados, o que Paulo Freire vem a chamar de “Educação Bancária”, alunos como meros receptores, onde os professores depositam os conhecimentos.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem ‘enchidos’ pelo educador. Quanto mais vá ‘enchendo’ os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor será. Quanto mais se deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão (FREIRE, p. 1987, 58).

Nessa visão o ensino se transforma num mero repassar de conhecimentos, em que o educador tem o papel principal no processo, as disciplinas são vistas de forma estanques, sem ligação umas com as outras, nem significação com a vida, a escola vem sendo colocada como local único e soberano do saber, sendo a família responsável apenas pela educação dos sentimentos. Caberia à escola inculcar valores. “É uma concepção que recolhe toda a tradição acadêmica em educação, que valoriza os saberes distribuídos em disciplinas especializadas – ou quando muito, em áreas nas quais se justapõem componentes disciplinares” (GIMENO SACRISTÁN, 2000, p. 39).

No campo da Educação Física, a área médica dominava, pois não havia profissionais de Educação Física, eram os médicos e os militares responsáveis por essa prática. Os médicos, no entanto, afirmavam que deveria haver mudança de hábitos, costumes, crenças e valores. Os exercícios físicos eram considerados como medidas higiênicas, corroborando com o discurso da Europa do século XIX que ditavam a educação de bons hábitos e boa moral (SOARES, 2007).

O currículo na escola era instrumento de controle social, era necessária uma ordem, massificação da escolaridade para que fosse ensinado o mínimo de instrução.

Para os ricos, a instrução deveria ser de tal nível que estes pudessem ser governantes do estado e bons administradores de seus negócios particulares; para os pobres. A instrução deveria ter por finalidade desenvolver a obediência, extremamente útil para uma existência virtuosa (SOARES, 2007, p. 36-37).

Assim, as pessoas são formadas na escola por meio dos Paradigmas Conservadores que deram base à Escola do século XX, os exercícios físicos, ou seja, a Ginástica faz parte da educação de forma laica, havia uma atenção voltada para o corpo, embora de forma utilitarista, justificada pelo método científico, e o homem social passa a ser o homem biológico (Quadro 1). “O seu referencial estava carregado de intenções como: regenerar a raça, fortalecer a vontade, desenvolver moralidade e defender a pátria” (SOARES 2007, p. 40).

Com a finalidade meramente de reprodução, os alunos eram treinados de forma conservadora, de forma passiva e sendo espectador de um trabalho repetitivo e mecânico, o conhecimento era transmitido de forma meramente expositiva.

Infelizmente, não se pode tratar desse paradigma como passado, encontra-se ainda presente em muitas práticas pedagógicas existentes nos dias atuais.

Quadro 1 – Representação dos paradigmas conservadores

<b>Paradigmas conservadores</b>			
Paradigmas	Tradicional	Escolanovista	Tecnicista
Escola	Conservador	Ensino centrado no homem	Treinar o aluno
Professor	Dono da verdade	Facilitador de aprendizagem	Transmissão/ Reprodução
Aluno	Receptivo/Passivo	Sujeito ativo	Espectador
Método	Aulas expositivas	Trabalho em grupo	Repetitivo e mecânico
Avaliação	Respostas prontas	Autoavaliação	Visa ao produto

Fonte: Baseado em Behrens (1999)

Professor como dono de uma verdade absoluta não deve existir mais, embora seja muito frequente esse quadro na IES, aluno espectador repetindo as aulas expositivas, com respostas decoradas, pois os professores como soberanos do saber apenas aceitam o produto do que foi transmitido. Muitos professores de IES são reprodutores de seus antigos professores, porque eles, na maioria, não passaram por uma formação pedagógica, possuem apenas o saber de sua disciplina, sendo excelentes “transmissores de conhecimentos”; sua identidade como professores formou-se pela experiência que obtiveram (PIMENTA, 2007; TARDIF; RAYMOND, 2000). Não assumem o compromisso de contextualizar os conteúdos com a vida real, não há pesquisa como estratégia para gerar conhecimentos, estudam sempre o já produzido no sentido de se manterem atualizados. Com esse modo de agir e pensar, é que os alunos se formam, reproduzindo, nunca criando e refletindo.

O homem é o resultado de sua cultura, de sua história, da sua sociedade, daí a reivindicação para o estudo e inclusão no currículo da cultura global, para que se possa ter conhecimento e respeito às diferenças, deixando de ser o sujeito individual para ser sujeito coletivo, debatendo as desigualdades de gênero, raça, etnia e sexualidade, e apontando para um currículo como discurso, na formação da identidade, com a valorização também do hibridismo, em que se misturam as culturas e a junção de palavras.

### 3.2 O QUE ESPERAMOS

É inaceitável que em pleno século XXI – diante de tantos avanços tecnológicos, com impressionantes desenvolvimentos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) que modificaram o cenário mundial, conectando as pessoas e transmitindo informações em segundos, globalizando a comunicação e a economia mundial em torno do planeta – ainda se encontre no ensino das Instituições de Ensino Superior atuais, principalmente na formação inicial, práticas pedagógicas tradicionais.

A Universidade, que tem por obrigação ser agente transmissor do saber reflexivo e consagrado, como também de compartilhar e produzir novos saberes, não deve permitir práticas tradicionais, e sim estimular a socialização do conhecimento por meio de práticas inovadoras.

A necessidade de mudanças na estrutura das aulas, no comportamento e no relacionamento professor-aluno, bem como na maneira de conduzir o processo ensino-aprendizagem ainda continua respaldada em séculos passados; ou seja, romper com esta estrutura é questão *sine qua non* para provocar revoluções que interfiram na estrutura, no currículo e no andamento da instituição, o que implica também a redefinição do papel dos professores.

Inovar na maneira de agir, de conduzir a prática pedagógica, em sua maioria, transforma a rotina tradicional da instituição de ensino, pois vai trazer posicionamentos diferenciados, que poderão ser bem-aceitos ou não. Encontra-se estampado que a receptividade é sempre bem-vinda por meio de atos que se materializam na satisfação dos alunos, implicando sempre mudanças com avanços. Fino (2007, p. 1) explicou bem claramente quando disse: “A Inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais”.

A inovação requer contextos de aprendizagem que redefinam mudanças qualitativas que sejam compartilhadas pelos professores e alunos, com desejos explícitos de transformação, com crença e opinião na quebra de paradigmas tradicionais.

As Instituições de Ensino, na maioria, permanecem baseadas no modelo da escola fabril, professor onipotente e alunos submissos, sem participação, sem nenhuma contribuição na construção do conhecimento nem por parte dos alunos nem dos pares.

Papert (1980) alertou para tomada de consciência em sua obra, sendo bastante firme em afirmar que o conhecimento é construído, que chega a ser uma afronta às crianças a imposição do tradicionalismo escolar; naquela época já apontava para um futuro (atual) em que os chips, os aparelhos eletrônicos estariam ao alcance de todos. Suas ideias tornaram-se fonte de inspiração e admiração de estudiosos que acreditam nesta construção do conhecimento por meio do Construcionismo, pouco ensino e mais aprendizagem, em que aqueles que desejam aprender se juntam a outros que sabem algo a mais e compartilham, trocam, constroem juntos.

### 3.3 NOVOS CAMINHOS

Estamos na era da pulverização das informações, os alunos não chegam mais na condição de espectadores, eles querem compartilhar, contribuir nas sugestões e observações. A mudança em nossa prática pedagógica depende de nós, de rompermos barreiras, de descortinar o véu do tradicionalismo que nos impede de ver um futuro melhor para os alunos, compartilhando com eles, incentivando produções; abrir nossa mente para novos conhecimentos, pesquisar, estudar, crescer. Essa mudança não deve ficar apenas nos estudos, ela deve materializar-se em ações, transformando nossos ideais. As pessoas não são mais as mesmas, os valores estão sendo imbricados pela velocidade das informações, as tendências internacionais de uma sociedade mais moderna e civilizada estão presentes em nossa casa, nas telas da TV, dos computadores. Ou nos inovamos ou ficamos para trás no tempo e no espaço, fiéis a uma sociedade que não existe mais.

Pérez Gómez (2011, p. 68) explica que a internet é um armazém inesgotável de informações e afirma:

Poderoso meio de comunicação, uma plataforma de intercâmbio para o encontro, a colaboração em projetos conjuntos, a constituição de novas comunidades virtuais, o planejamento compartilhado e a organização de mobilizações globais, bem como para a expressão dos próprios sentimentos, desejos e projetos.

Afirma, também, a necessidade de selecionar o que lê e pesquisa, pois tanto há informações valiosas como bastante lixo. Acrescenta que o sistema educacional deve preparar o aluno para que manejem e resolvam situações do futuro, de forma que os

indivíduos possam “aprender de que maneira aprender e de que forma autorregular a própria aprendizagem para enfrentar os desafios de um contexto tão aberto, cambiante e incerto” (PÉREZ GÓMEZ, 2011, p. 68).

Figura 1 – Caminhos da inovação



Fonte: Baseada em Fino (2008)

Entende-se que esse conjunto de reflexões no contexto da Inovação Pedagógica pode representar ruptura com o pensamento educacional tradicional, trazendo à tona a realidade construtiva, transformando a prática pedagógica do professor, de forma que os aprendizes possam construir de forma significativa, crítica e reflexiva seu conhecimento, para que possam argumentar por meio da realidade produzida por eles, podendo ser compartilhada com os pares e acrescentando uma nova construção.

Nesse sentido entende-se que a importância dessa transformação necessita partir de dentro de cada profissional atento aos novos estudos, os quais sintam a real ruptura com o tradicional, e tentem iniciar em sua sala de aula, podendo ou não fazer uso das novas tecnologias, porém se usá-las, que seja de forma construtiva, com participação, críticas e reflexões.

Ou seja, os contextos da aprendizagem que o presente requer são completamente diferentes dos que eram adequados e os mantiveram adequados durante muitas décadas. Romper com os contextos do passado e criar os contextos de que o futuro necessita o que implica uma redefinição do papel dos aprendizes e dos professores (FINO, 2011, p. 104).

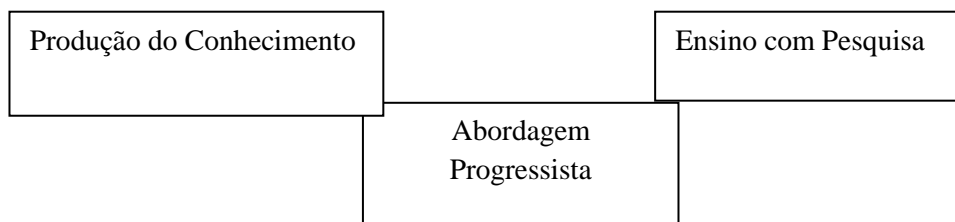
A Inovação Pedagógica instiga a uma urgente revolução na prática dos professores com novos paradigmas na tentativa de evolução para uma educação

formadora. Traçando um paralelo a toda esta visão tradicionalista, surge no final do século XX o que ficou conhecido como a crise dos Paradigmas, levando o homem a ter uma visão sistêmica e global do mundo. Essa visão sofreu influência direta de três teorias revolucionárias: Teoria da Relatividade, Teoria Evolucionista e Teoria Quântica. Isso fazendo com que a sociedade de Produção em Massa seja designada de Sociedade do Conhecimento, com o foco deixando de ser o sujeito individual para ser o sujeito coletivo, tornando o sujeito mais reflexivo com base no fazer e no seu saber. Moraes (1997, p. 26) afirma que vários educadores contribuem com esse pensamento.

Freire, Morin, Dewey e Schön também reconhecem a hominização resultante da ação-reflexão, o que nos leva a propor um repensar da educação centrada na adoção do enfoque reflexivo na prática pedagógica, que valoriza a competência gerada pelas reflexões que ocorrem antes, durante e depois das experiências vividas.

No Paradigma Inovador da ciência, a visão do mundo passa a ser holística, com o ensino para a produção do conhecimento, norteado seu eixo para onde o sujeito participa na construção do conhecimento de forma integral indivisível, entendendo o aluno como sujeito que pensa, reflete, critica, questiona, como ser criativo.

Figura 2 – Visão holística dos paradigmas emergentes



Fonte: Baseada em Behrens (1999)

Por meio da tarefa de investigar, é necessário que a dúvida seja lançada ao aluno, para que o instigue a produzir seu conhecimento, ele como o ator principal da ação, enfocando, valorizando a curiosidade, o questionamento e estimulando a análise, argumentos e ideias. O aluno poderá ser produtor do seu conhecimento justificando o seu fazer, utilizando a pesquisa como ponto de partida da aprendizagem.

Mais do que uma atividade, a pesquisa é entendida como uma atitude própria do sujeito cognoscente. Ela traduz o sentimento da busca, de indagação que toda a aprendizagem requer. A extensão, por sua vez

constitui-se na leitura da realidade, aquela que é a matéria prima para a construção da dúvida acadêmica. Só é possível construir a dúvida intelectual a partir da leitura de campo profissional ou científico (CUNHA, 1998, p. 14).

As reflexões aqui tomadas estão imbricadas na questão primordial de quebra de paradigmas mediante uma prática pedagógica que canalize para a construção do conhecimento em um saber fazer inovador. Tais questões perpassam por uma tomada de decisão que implica um professor que assume papel de mediador do conhecimento, instigando o aluno a aprender a aprender utilizando abordagens que venha a desafiá-lo a ser participativo e crítico vivendo em coletividade, para que sua ação seja reprodutiva e transformadora.

Nessa tomada de decisão, importante se faz que os professores possam diminuir os espaços de discussões teóricas, estimulando os alunos a buscar conhecimento por meio de pesquisa, envolvendo-os em trabalhos coletivos e distribuindo responsabilidades. Com propostas desafiadoras, o professor poderá valorizar a busca em meios eletrônicos e na biblioteca, poderá dinamizar os espaços das IES para compartilhar as produções, transformando os alunos em sujeitos participativos e reconhecidos como capazes de produzir e inovar.

Em busca dessa mudança paradigmática, a educação atravessa períodos de crise na prática pedagógica, pois a inovação se debruça por várias investigações que apontam para um novo tempo, tempo esse que não suporta mais uma escola no modelo fabril. Os desafios descritos no Quadro 2 sugerem uma revisão nos processos metodológicos, na avaliação, na forma de pensar e agir dos alunos e professores, transformando a ação pedagógica em busca de uma prática crítica, reflexiva, ultrapassando o ensino livresco para uma participação ativa, coletiva e construtiva, o professor como mediador entre o saber elaborado e o saber experiencial, e o aluno como o grande protagonista desse processo.

Na linha de investigação da Inovação Pedagógica que integra o Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira (CIE-UMa), as pesquisas centram-se unicamente em práticas pedagógicas inovadoras, havendo um estudo para a etnopesquisa, entendendo-a como única maneira de apropriação da realidade da prática existente que servirá de base à interpretação para as práticas nomeadamente inovadoras (FINO, 2011).

Quadro 2 – Representação dos paradigmas emergentes

<b>Paradigmas emergentes</b>			
	<b>Visão Holística</b>	<b>Paradigma Progressista</b>	<b>Ensino com Pesquisa</b>
<b>Escola</b>	Visão ecológico-sistêmica	Instituição democrática, dialógica e crítica	Escola gera projetos, usa tecnologias
<b>Professor</b>	Busca ultrapassar reprodução para produção do conhecimento	Assume o papel de mediador entre o saber elaborado e o conhecimento	Instiga o aluno a aprender a aprender, ser dinâmico e articulador
<b>Aluno</b>	Vive coletivamente, porém é único competente e valioso	Vive coletivamente, porém é único competente e valioso	Participante ativo, crítico e sério
<b>Método</b>	Busca a prática crítica, reflexiva, produtiva e transformadora	Compreende o ser como histórico, abordagem dialética ação-reflexão-ação	Desafia ultrapassar o ensino livresco
<b>Avaliação</b>	Contempla as inteligências múltiplas	Contínua e processual	Contínua, processual e participativa.

Fonte: Baseado em Behrens (1999)

### 3.4 A PRÁTICA NO ESTÁGIO À LUZ DA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Para entender a Inovação Pedagógica à luz das teorias do CIE-UMa, é importante fazer um aporte histórico no processo ensino-aprendizagem numa linha do tempo colocando, como se vem fazendo, o ensino nas IES.

O Ensino Universitário no Brasil surge embasado numa estrutura que sempre privilegiou o domínio do conhecimento e experiência profissional como único requisito para a docência nos cursos superiores, com a crença de “quem sabe, sabe ensinar” (FINO, 2007; MASETTO, 2003), ministrar aulas expositivas ou palestras e mostrar na prática como se fazia.

Na docência do ensino superior, encontra-se a figura do professor como mero transmissor de conhecimento, aquele que conhece bastante sua matéria e transmite, não havendo excelência no desempenho pedagógico, sem se comprometer em compartilhar, contextualizar, nem tão pouco relacionar com a vida real no sentido da aplicabilidade da teoria, sem se preocupar com a produção científica, estudando apenas o que já se encontra produzido (ensino livresco). A questão didático-pedagógica é sempre ignorada. Esse panorama sempre negava o ensino com pesquisa, apoiado na concepção positivista da ciência em que ensinar se resume a dar aulas, passar a matéria e controlando o que o aluno deveria aprender. São privilegiadas a memória, a resposta única e o erro como

punição, nunca como aprendizado. Não se acreditava em pesquisa para os alunos universitários, pois o conhecimento científico deveria ser atribuído apenas a professores detentores do conhecimento.

Se a aprendizagem é concebida como um ato de repetição e certeza, não há lugar para a dúvida intelectual produtora da pesquisa. É vista como uma grande ousadia questionar verdades ou interpelar ideias. Na melhor das hipóteses, esta só pode ser tarefa de iniciados e não de iniciantes (CUNHA, 1998, p. 12).

Na década de 1970, houve uma busca por docentes com qualificação, parou-se apenas de importar os conhecimentos estrangeiros, e começou a busca por produção científica.

Uma grande revolução no ensino universitário inicia-se nos anos 1990 com a abertura de vários cursos superiores, principalmente particulares e a abertura de vagas, aumentando o contingente de professores e alunos no ensino superior; porém, a qualificação dos profissionais preparados para assumir essa demanda do mercado não foi suficiente, sendo então contratados profissionais com titulação, mas não específica para desempenhar o papel de professor mediador, muito menos com propostas construtivistas. Encontram-se nos dias de hoje professores chamados *data show*, utilizando as ferramentas modernas de forma tradicional, realizando avaliações como processo de terrorismo e barganhando o comportamento (do sistema fabril) por questões mais fáceis nas provas, com metodologias tradicionais, ou seja: bom comportamento, boa prova; mau comportamento resultava sempre em provas difíceis.

O professor passou a seguir receita, principalmente por meio dos manuais ofertados aos mestres. De acordo com Monteiro (2001), essa forma de perceber a atividade docente ainda está presente na prática cotidiana de muitos professores, apesar das críticas e dos questionamentos feitos.

Já nos anos 1980, por meio de uma conjuntura histórica, econômica e política, a escola foi apontada como reprodutora das desigualdades sociais, como instrumento de interesse do Estado e também mantenedora da divisão da sociedade em classes. Assim, a atividade docente passa a ser vista com ênfase nas questões políticas e técnicas do trabalho pedagógico. Também, a formação técnica era considerada de grande importância para a atuação do professor, da mesma forma que os resultados obtidos com a sua ação.

Pode-se perceber que, em meio a esse processo, no que concerne ao saber próprio para o exercício da atividade docente, existia uma atenção demasiada nas instruções teóricas e técnicas, o que tornava o professor mais um agente realizador e menos conectado com as singularidades da sua prática docente.

Essa forma de conceber a prática do professor passou a ser colocada em xeque principalmente pelo fato de ignorar a subjetividade e a capacidade criadora do professor. Valendo-se desses questionamentos, surgem novos desafios para o professor: transformar o conhecimento que a academia produz para ser ensinado, considerando os diversos aspectos presentes nas instituições, na sala de aula de forma significativa e contextualizada. Entende-se que o objetivo desse profissional como docente universitário será a formação do aluno como cidadão crítico, visando ao preparo profissional para o trabalho. Para isso, é fundamental o entendimento da sociedade a fim de que possa transformá-la e adaptar-se para que nela possa intervir.

Por meio da UMA, será possível mostrar que o papel do professor como mero repassador de informações está no seu limite, pois essa linha de investigação fala sobre a ruptura com esse paradigma tradicional. Como afirmou Kuhn (1998), não há possibilidade de alguma permanência, e sim de partir radicalmente para uma nova postura. A mudança acompanha um salto qualitativo em nossa Prática Pedagógica, até porque a linha da inovação obrigatoriamente está baseada nas práticas. Investigar em educação leva o professor a ter um conhecimento que possa levá-lo a refletir sua prática, aprender por meio da investigação.

Gimeno Sacristán (1990) comentou que é importante analisar alternativas metodológicas que apontem para uma aprendizagem a serviço da sociedade, centrada no aluno de forma que esse mesmo aluno possa optar sobre as formas de fonte de informação, em que a pesquisa, a investigação e as atividades tenham significado, e independentemente de sexo, raça e religião, os alunos possam interagir na busca pela construção do conhecimento. Esse pensamento foi compartilhado por Papert (1994) quando afirmou que a construção do conhecimento deve partir de quem quer aprender, sendo sua meta proporcionar ao aluno pouco ensino e mais conhecimento. Lança Papert (1994), então, o Construcionismo como uma forma de aprendizagem, em que o aprendiz processa seu conhecimento no “fazer” e acima de tudo com prazer, tornando a aprendizagem estimulante e significativa.

Com o pensamento sempre heterodoxo que apoia a Inovação Pedagógica, pois vai contra o tradicionalismo do ensino, os inovadores estarão sempre quebrando barreiras e mantendo implicações que desafiam e incomodam os viciados em práticas antigas, isto é, os acomodados. No entanto, a aprendizagem baseada no construtivismo, na resolução de problemas, compartilhando com pares, com pesquisa, torna o processo inovador (FINO, 2007).

Partindo dessa reflexão é que se situa esta pesquisa, baseada em um estudo de caso em que se investigarão as Práticas Pedagógicas dos alunos estagiários utilizando a observação participante numa Academia de Ginástica, onde se confirma um estudo interno, sendo uma opção local da empresa, partindo da ideia individual do coordenador, que busca na formação inicial dos alunos estagiários uma forma de mediar e ampliar a prática pedagógica, proporcionando uma aprendizagem mais autônoma.

Segundo Luckesi et al. (2010), essa busca por um ensino superior que proporcione na formação inicial mais autonomia, vem sendo uma luta constante que perpassa por várias Universidades Brasileiras (públicas), pois a maioria das IES (particulares) mantém o ensino tradicional (verbalístico, livresco, desvinculado da realidade, que não exercita a criticidade, numa visão mecanicista). Os alunos estão sempre repetindo e fazendo tarefas propostas pelos professores, só se preocupando com os resultados (a já referida “Educação Bancária”).

Porém, para que essa ruptura ocorra, muitas vezes, esbarra-se com os currículos tradicionais, pois mesmo que esteja na era da sociedade do conhecimento, em que o conhecimento não é mais privilégio de ninguém, mesmo que faça parte da *global Village*, ainda se esbarram em ementas prontas, programas que chegam aos docentes apenas para que se cumpram, privilegiando uma relação vertical. Os alunos do Curso de Bacharel em Educação.

Exatamente contrariando essa relação vertical, a Inovação Pedagógica propõe uma relação horizontal, em que as pessoas que querem aprender se reúnem mediando entre pares de forma estimulante. Neste contexto de aprendizagem entende-se que na epistemologia da prática e os estudos levam à construção da Identidade deste futuro profissional, por meio de: Saberes, Competências necessárias à prática e reflexão sobre a prática (PERRENOUD, 2000; SCHÖN, 1992; TARDIF, 2002; ZEICHNER, 1993).

Na busca por uma prática diferenciada, a Academia de Ginástica oferece uma proposta de estágio que se espera seja inovadora, uma vez que tal proposta desenvolve

atividades que apresentam mediação na relação teoria-prática, e seu foco é melhorar e contribuir para o enriquecimento da prática pedagógica dos estagiários. Dessa forma, investiga-se para descobrir se realmente ocorrem práticas inovadoras.

A proposta da prática pedagógica no contexto da Inovação Pedagógica tem a preocupação com o futuro. Toffler (1980) já anunciava uma grande mudança que passaria por uma completa transformação, e a Terceira Onda iria trazer não apenas uma mudança tecnológica, paralelamente em muitos níveis, mas principalmente no trabalho. Partindo para estudos investigativos, será possível entender se existem práticas pedagógicas inovadoras realizadas nos Estágios Supervisionados?

O Estágio em Educação Física ao longo dos anos vem permitindo Práticas Pedagógicas que se ancoram em paradigmas tradicionais, em que não há mediação, interação ou intervenção dos estagiários no processo. O estágio é fruto de uma escola do passado, em que o tradicionalismo se baseia no pensamento de formar seres para o trabalho. As necessidades de épocas passadas exigiam pessoas obedientes, capazes de responder apenas às atitudes solicitadas, porém com a mudança dos tempos, evoluiu-se para uma era moderna, impregnada de tecnologias, seja na escola, na família, no trabalho, nos transportes, na ciência e na cultura das pessoas. Entretanto, as rápidas mudanças tecnológicas não vêm sendo acompanhadas com a mesma velocidade pelas IES. Toffler (1972) afirmava que, à medida que o meio ambiente se modifica, a sociedade se altera na mesma velocidade. À medida que as pessoas vão podendo lançar mão de todas as tecnologias ofertadas, automaticamente a sociedade começa a cobrar delas mais capacidade de pensamentos críticos e reflexivos. Dessa maneira supõe-se que o ensino na Formação Inicial necessita de mudanças tanto nos seus currículos quanto nas práticas pedagógicas dos professores e, principalmente, nos encaminhamentos dos estagiários.

Vários estudos e pesquisas foram idealizados, todos voltados para definir a melhoria e modernização dos procedimentos mais adequados para as IES no sentido de viabilizar uma nova forma de encaminhar os alunos aos estágios. O objetivo era fazer o nexos entre a teoria e a prática, em que os alunos pudessem preparar suas práticas pedagógicas para responder ao anseio da sociedade, porém, verifica-se que ainda está alicerçada e muito forte a ideia de transmissão de conhecimento ou, em outros casos, exatamente o contrário, unicamente preocupada com as técnicas e a burocracia. Esse rizoma do tradicionalismo permanece arraigado e nos tempos atuais devem-se preparar

os alunos numa visão de futuro, pois não há mais espaço para o ensino tradicional. Fino (2000, p. 3) já afirmava em seu artigo: “Hoje, a sociedade das tecnologias digitais, dos computadores e da telemática, da globalização e da pulverização das culturas locais, do genoma seqüenciado, já não se compadece em esperar por uma instituição que, para prosseguir, tem que mudar de paradigma”.

Moraes (1997) afirmou que vários educadores contribuíram com esse pensamento, entendendo que, para essa mudança paradigmática, o ensino necessita de um repensar na prática pedagógica, um repensar baseado numa práxis, que estimule a reflexão valorizando o ensino das múltiplas competências.

A Pós-modernidade marcada pela pluralidade e pelas múltiplas narrativas aponta para a ampliação das TIC, que abriram as portas para o conhecimento diversificado e globalizado, visando a transformar as IES para um ambiente de construção do conhecimento, de utilização de novas práticas pedagógicas em um ambiente inovador.

Inovar pedagogicamente significa uma quebra de Paradigmas, uma transformação que deverá partir de um posicionamento crítico, que ocorra na prática pedagógica indo de encontro ao pensamento tradicional, colocando em lápide o modelo fabril. Passa por uma adequada formação profissional, pela transformação interna implicando reflexão e mudança qualitativa, podendo ocorrer em um espaço onde exista qualquer forma de aprendizagem.

As práticas pedagógicas ocorrem onde se reúnem pessoas, das quais algumas têm o propósito de aprender alguma coisa, e outras, o propósito de facilitar ou mediar nessa aprendizagem. Ou quando todas têm o mesmíssimo propósito de aprender alguma coisa em conjunto (FINO, 2007, p. 3).

Essa transformação deve efetivar-se pelo menos de forma micro de acordo com Papert (1994), o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino, de forma que o aluno estagiário entenda a necessidade de ter uma atenção voltada para seus futuros alunos.

Fazer um estudo de caso pesquisando a prática pedagógica dos alunos estagiários à luz das teorias da Inovação Pedagógica vem a ser a proposta desta Investigação. Uma vez que é um projeto que partiu com propósitos de dentro da academia, com ideias inovadoras que visam à prática pedagógica dos estagiários de forma reflexiva, e a formação inicial da IES será fundamental neste processo, pois a

junção da teoria com a prática determinará o bom seguimento do estágio supervisionado.

Esta investigação baseia-se na proposta apresentada por uma academia a uma IES particular na cidade do Recife, oferecendo aos seus estagiários uma prática de forma reflexiva, com intervenções autônomas, havendo interação e possibilidade de criticidade, proporcionando uma práxis mediando teoria e prática.

Nesse sentido e justificando a linha de pesquisa da Inovação Pedagógica, como proposta para a UMa, esta investigação propõe focar a atenção na Fixação de paradigmas ancorados no passado e propondo uma mudança paradigmática local, por ser de bastante importância pesquisar como se desenvolvem as Práticas Pedagógicas dos Estagiários de Educação Física num ambiente que preconiza inovação no sentido de incentivar uma prática ligada à teoria de forma reflexiva e crítica.



## **4 O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS ALUNOS ESTAGIÁRIOS**

### **4.1 PROCEDIMENTOS LEGAIS**

O Estágio Curricular Obrigatório se constitui numa disciplina Prática, exigida por lei, que todos os alunos devem cumprir como requisito para conclusão do curso, de acordo com a Lei Federal n.º 11.788/2008 elaborada em 25 de setembro pelo Ministério do Trabalho e Emprego.

Cada IES deverá elaborar em seu Projeto Político-Pedagógico as instruções para o cumprimento dessa lei, que estabelece 400 (quatrocentas horas) a serem cumpridas pelos alunos no Estágio Curricular Obrigatório. Algumas IES seguem a Instrução do CNE de março de 2004, que estabelece que os alunos do curso de Educação Física somente deverão Intervir nos Estágios na segunda metade do curso, e apenas oferecem a disciplina no 5.º período, para o curso com duração de quatro anos; outras, porém iniciam no 4.º período, mas respeitando a instrução do CNE, apenas com a Observação da Prática, partindo para a intervenção só no período seguinte.

As intervenções na segunda metade do curso, ou seja, no 5.º período deverão contemplar as vivências acadêmico-profissionais que façam parte do movimento humano nas diferentes modalidades sob uma perspectiva de prevenção e promoção da saúde, de formação cultural, da educação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos ou outros campos compatíveis.

Nessa perspectiva a IES investigada propõe uma prática orientada pela subdivisão da disciplina Estágio Supervisionado dos alunos em cinco períodos do curso, iniciando no 4.º período com a observação de pelo menos duas modalidades, dando oportunidade ao aluno de uma escolha mais indicativa nas intervenções seguintes; a partir do 5.º período, há uma orientação por áreas de atuação.

Como os alunos da IES investigada fazem parte do curso de Bacharelado (graduação), os indicativos acima pertencem às áreas de atuação na Prática Pedagógica do futuro profissional.

Essa grade foi estabelecida pelos professores que constituem a disciplina de Estágio Supervisionado, em reunião, em que decidiram contemplar áreas de Esporte,

Saúde e Lazer, deixando o estagiário livre no último estágio para escolher a área desejada, apenas com a solicitação de que ele não repita as modalidades em que já estagiou, desse modo ampliando bastante a lista de Práticas Pedagógicas possíveis (Quadro 3).

Quadro 3 – Áreas de atuação

<b>Áreas de Atuação do Estágio Curricular Obrigatório</b>				
Estágio I	Estágio II	Estágio III	Estágio IV	Estágio IV
Observação	Intervenção	Intervenção	Intervenção	Intervenção
Livre	Esporte	Fitness e Wellness	Lazer	Livre
	Gestão	Fisiologia do exercício	DANÇA	
	Preparação física	Avaliação física	PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	
	Iniciação e formação	Musculação	LABORAL	
	Treinamento	Hidroginástica	PILATES	
	Fisiologia do exercício	Grupos de corrida		
		Ginástica		
		Spinning		
		Gestão		

Fonte: A IES investigada

Os professores trabalham em equipe, participam da tomada de decisão, estão comprometidos com a Inovação e responsabilizam-se pela avaliação da própria prática. A estabilidade do corpo docente proporciona compromisso com normas e finalidades de objetivos compartilhados.

Obedecendo à Lei do Estágio, todos os alunos preenchem a apólice de seguros contra acidentes pessoais, paga pela IES. No Estágio de intervenção (5.º período), eles são obrigados a fornecer os dados específicos do local de estágio para elaboração do Termo de Compromisso. O termo é elaborado pela secretária de Estágio e entregue ao aluno em três vias, as quais deverão ser assinadas pelo representante da IES, o representante legal do Estabelecimento e mais duas testemunhas. Uma das três vias deverá ser anexada à pasta do aluno, outra deverá ficar no estabelecimento do estágio e a terceira é a cópia do aluno. Nesse Termo reza o compromisso da IES e do estabelecimento com a Prática Pedagógica do aluno, e desobriga o estabelecimento de

qualquer responsabilidade trabalhista com o estagiário durante o período vigente no termo; seguindo-se as obrigatoriedades que são estabelecidas na regulamentação para as Instituições de Ensino.

Art. 7.º São obrigações das instituições de ensino, em relação aos estágios de seus educandos:

I – celebrar termo de compromisso com o educando ou com seu representante ou assistente legal, quando ele for absoluta ou relativamente incapaz, e com a parte concedente, indicando as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;

II – avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;

III – indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário;

IV – exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades;

V – zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento de suas normas;

VI – elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos;

VII – comunicar à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas (BRASIL, 2008, p. 10).

Diante das exigências da lei, os professores da disciplina solicitam que os estagiários preencham a Ficha de Identificação; além dos dados de identificação, eles devem informar o local com o nome Fantasia onde desenvolvem a Prática Pedagógica, incluindo dias, horário e o nome do Supervisor, para que se possam verificar as informações e o para o professor da disciplina Estágio Supervisionado fazer o acompanhamento da prática pedagógica.

Os alunos perfazem uma carga horária de 80 horas por disciplina, das quais 20 horas são reservadas para discussão em sala, bem como acompanhamentos, leitura de textos, informações, elaboração dos planos, apresentação de microaulas e apresentação de relatos de experiências referentes às Práticas Pedagógicas bem-sucedidas ou não, havendo a possibilidade de socialização das Práticas Pedagógicas para todos os estagiários. Corroborando exatamente com as ideias da Linha de Pesquisa da Inovação Pedagógica de que as práticas bem-sucedidas devem ser divulgadas, abrindo possibilidades de adaptação para outras práticas em outros ambientes.

Quadro 4 – Distribuição da carga horária

Períodos	Aulas presenciais	Aulas na intervenção	Forma de estágio	Carga horária*
4.º	20 horas	60 horas	2 estágios de observação com 30 horas cada um	80 horas
5.º	20 horas	60 horas	Intervenção	80 horas
6.º	20 horas	60 horas	Intervenção	80 horas
7.º	20 horas	60 horas	Intervenção	80 horas
8.º	20 horas	60 horas	Intervenção	80 horas

Fonte: A IES investigada

\*Perfazendo o total de 400 horas como obriga a lei

Durante a semana, os alunos têm em seu horário aulas na IES investigadas, são chamadas de aulas presenciais e outras reservadas para o estágio em campo. Concorda-se com Pimenta (2009, p. 100) quando diz:

Como componente curricular, o estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos e comunidade escolar e universidade trabalharem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos e a realidade dos professores.

O acompanhamento na IES mostrou o compromisso com a aprendizagem dos alunos estagiários, entendendo que aprender não é copiar ou reproduzir a realidade, os textos apresentados na sala levam os alunos a um pensar de forma reflexiva entre o pensar e o fazer, entre o conhecer e o agir.

## 4.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Pode-se considerar como uma prática social, envolvendo dimensões educativas de forma abrangente, expressando as atividades rotineiras que, por sua vez, deveriam ser voltadas para o educando, como instrumento de transformação social.

As práticas pedagógicas ocorrem onde se reúne pessoas, das quais tem o propósito de aprender alguma coisa, e outras o propósito de facilitar ou mediar nessa aprendizagem. Ou quando todas têm o mesmíssimo propósito de aprender alguma coisa em conjunto (FINO, 2008, p. 3).

Compreende múltiplas dimensões, pois nela estão contidos todos que direta ou indiretamente fazem parte do processo: coordenadores, supervisores, alunos, estagiários e a relação entre eles, bem como a forma como se trabalha e se avalia, sendo todos no mesmo propósito da Aprendizagem.

As práticas podem ser reprodutoras quando os estagiários apenas copiam as formas tradicionais trazidas na sua história ou da formação inicial, como também podem ser inovadoras quando partem para problematização, reflexão e mediação dos conhecimentos.

Para o estagiário, a prática pedagógica se caracteriza como o momento inicial de praticar a teoria estudada, seu desenvolvimento vem sempre acompanhado por sua história de vida, seus valores, suas crenças e sua ideologia de vida. Essas práticas iniciais expressam as atividades rotineiras, materializadas em ações planejadas e orientadas pelos professores da IES e pelos supervisores dos locais escolhidos para estágio. Dessa forma, é importante que toda orientação perpassa pela operacionalização de mudanças da epistemologia da prática para epistemologia da práxis. “pois a práxis é um movimento operacionalizado simultaneamente pela ação e reflexão, isto é, a práxis é uma ação final que traz, no seu interior, a inseparabilidade entre teoria e prática” (GHEDIN, 2012, p. 153).

Essas informações iniciais vão traduzir o proceder do estagiário no seu agir como docente. Nos primeiros momentos, há uma total insegurança, o medo de errar, o como colocar a teoria em prática, fato que se vai tornando fácil à medida que são orientados, que quebram a dicotomia teoria-prática.

A teoria está a serviço da prática, serve para orientar, dar instruções, para reaplicar e rever as práticas. A separação entre teoria e prática permanece juntamente com os mal-entendidos que se tornam cada vez mais intensa. Atualmente os professores conservam-se neste mundo de separação entre teoria e prática, sem compreender o que é um saber teórico e o que é um saber prático (NASCIMENTO; FARIAS, 2012, p. 188).

Muitos se sentem mais tranquilos, pois, antes da formação inicial, já têm experiências com familiares ou profissionais da área convivendo no ambiente de trabalho, configurando como socialização primária e antecipatória. Principalmente os alunos de Educação Física, que, na maioria, foram atletas ou frequentaram academias de ginástica.

É importante que o estagiário tenha a compreensão de que o saber-fazer se constrói mediante a interação da teoria com a prática, vai muito além da repetição de práticas evidenciadas no sistema social e econômico. A teoria não é soberana sobre a prática, ela serve para mediar o compreender das práticas pedagógicas de forma reflexiva. “É preciso que se desenvolva a capacidade de investigar a própria atividade para, com base nela, construir e transformar os saberes-fazeres docentes, em um processo contínuo de constituição da identidade do professor” (NASCIMENTO; FARIAS, 2012, p. 191).

Os estagiários, em seu início de prática pedagógica devem, portanto, realizar a interpretação sobre as situações de incerteza, ele vai construindo o conhecimento para subsidiar sua prática cotidiana com o acompanhamento pelos supervisores mais experientes, que os orientam e também por estudos em grupo, pesquisas e cursos que complementam a carga horária.

Na esfera do cotidiano dos estágios, podem-se evidenciar as academias, clubes, SPA, centros esportivos. A sociedade atual impregnada pela mídia em busca de corpos perfeitos, bem como da melhoria da qualidade de vida e entre muitos outros fatores, busca as atividades físicas muitos mais que tempos atrás. Tais locais não dão conta da clientela e há uma enorme procura por estagiários que possam suprir essa demanda.

A mídia, de certa forma, vem contribuindo para a superlotação das academias de ginástica, uma vez que são várias as revistas, jornais e televisão que divulgam corpos perfeitos e modelados, os típicos ‘malhados’. Esse fato acaba por contribuir para que haja uma grande procura pelos centros especializados de treinamento, incluindo aí as academias. A população está cada vez mais se preocupando com a melhoria da qualidade de vida e essa conscientização, a respeito da importância do exercício físico, vem proporcionando um grande aumento de público nas academias de ginástica (TAHARA; SCHWARTZ; SILVA, 2003, p. 8).

As atividades mais procuradas são: Musculação, Ginástica, Pilates, Grupos de Corrida, Grupo de Ciclismo e Dança. Para atuar em cada uma dessas modalidades, os estagiários necessitam de conhecimento específico, como saber manter um bom relacionamento professor-aluno, responsabilidade no cumprimento dos horários, planejamento das atividades, dinâmica para estabelecer estratégias de ensino variadas. Ter o discernimento de articulação, os saberes necessários à Prática Pedagógica é a

tarefa inicial dos estagiários, daí a importância de uma mediação dos Professores da IES, bem como dos Supervisores dando esse suporte.

#### 4.3 DA PRÁTICA PARA A SALA DE AULA

No Estágio I (4.º período, Observação), trabalharam-se capítulos de livros que levaram os alunos a estudar Identidade Profissional, Competências dos Professores, Artigos relacionados com Estágios. Os alunos partiram para a observação em busca de profissionais que mediam o conhecimento, tendo como base na faculdade subsídios que os levassem a escolher seus supervisores, e pudessem ter acréscimo no seu aprendizado. No fim do semestre, faz-se uma Roda de Conversa, por meio da qual, passam a socializar suas experiências de êxito e as malsucedidas no Estágio de Observação. Todo conhecimento é autoconhecimento, porque é sempre reinterpretado por aquele que o produz: “Todo o conhecimento só tem sentido quando se transforma em senso comum e, desta forma, possa dar sentido à vida” (CUNHA, 1998, p. 28).

As experiências expostas foram de muita riqueza, pois os estagiários tinham como comparar a Prática Pedagógica de seus supervisores, foi possível verificar depoimentos obtidos em sala de aula como, “Consegui ter um supervisor maravilhoso, que me apresentou todos os espaços, tirou minhas dúvidas, indicou-me livros, artigos para complementação das minhas incertezas”, mas, infelizmente pude verificar outros a exemplo de: “Tive supervisores que mostraram tudo que não quero ser como profissional, o descompromisso, a indelicadeza em me orientar”.

Participar dessa roda de conversa proporcionou aprendizagem coletiva e discussão entre os colegas estagiários corroborando o saber, levando ao grupo de estagiários a criticidade de maneira que possam entender a cultura da comunidade em sua essência. Pimenta (2009) comenta sobre o pânico que os alunos demonstram nos relatos quando chegam para estagiar, os comentários sobre os espaços, a estrutura, os profissionais desatualizados, também alguns sem preparo acadêmico.

A oportunidade de primeiro observar de forma crítica e reflexiva, tomando como viés a leitura dos textos sobre identidade, competência, práticas reflexivas, corrobora bastante para a observação contextualizada com os conhecimentos teóricos e minimizam as expectativas da futura prática, eles podem questionar, tirar dúvidas tanto com os supervisores quanto com os professores da IES.

Nos estágios II, III e IV, os alunos recebem orientações tais como elaborar planos de aula, apresentar os planos e simular microaulas com os colegas, exemplificando as de suas Intervenções; apresentam também em *data show* os planejamentos, bem como projetos de trabalho, filmam suas aulas para apresentarem aos colegas e são acompanhados pelos professores da IES investigada. Muitos ministram aulas para os colegas.

Entende-se esse momento prático como proveitoso, porém nem todos os supervisores atendem aos anseios de conhecimentos práticos, há algumas vezes dificuldade na mediação. Nesse caso os alunos podem trocar o local escolhido por outro.

Porém, na maioria, encontram-se supervisores que procuram estimular os estagiários com conversas, indicações de leitura e entendem a importância desse momento prático para eles. Muitos são posteriormente contratados por demonstrar interesse, iniciativa, capacidade de resolução, conhecimento da disciplina, responsabilidade e vontade de aprender mais. Um bom estágio depende muito de uma boa orientação dos supervisores, pois, por mais que os professores da IES tente orientá-los teoricamente sobre o que vem a ser o estágio, a importância de unir teoria e prática, se os supervisores não estiverem dispostos a colaborar, os estagiários não podem praticar de forma consciente e livre para acertar e errar. Como estagiário, eles estão na prática para aprender, fazer do erro um momento de aprendizado.

Na IES, eles são orientados a apresentar o melhor de si, pois estão sendo observados e julgados por sua prática, seu conhecimento e sua ética. Em uma ocasião, uma professora disse em sala de aula: “Nunca feche a porta. Se não estiver sendo bem acompanhado pelo supervisor, agradeça o tempo que ficou e avise que vai sair”.

No último período, os estagiários já se encontram bem mais experientes, na maioria, já estão com sua proposta de emprego garantida; passaram cinco períodos da IES com a disciplina de estágio, sendo orientados tanto pelos professores quanto pelos supervisores.

No estágio V, os alunos apresentam um Relato de Experiência a respeito de sua vivência nos estágios anteriores. Tais relatos são entregues em forma de artigo científico e apresentados em sala para socialização entre os colegas; são bastante interessantes, e alguns deles são levados a apresentação em Congresso, Fórum e Seminário, estimulando a participação e a produção científica.

Selecionaram-se dois que chamaram a atenção para se relatar neste trabalho. Um foi de uma aluna do 8.º período da manhã, que comentou a respeito de sua experiência. Inicialmente ela fez menção a várias Práticas Pedagógicas bem-sucedidas, no entanto, ela escolheu uma que lhe chamou a atenção pela negatividade.

Colegas, infelizmente meu relato não será referente a uma boa experiência. Particpei de um estágio em natação, pois gostaria de conhecer uma modalidade esportiva diferente da minha prática, porque sempre fui ligada a academias de ginástica, então, como no estágio II somos indicados para atividades esportivas, procurei uma das instituições conveniadas e fui fazer em Natação. A respeito da modalidade, até que pude vivenciar algo de positivo, aliado aos conhecimentos da faculdade, pude intervir ajudando a professora (supervisora) de forma satisfatória, porém a supervisora era exemplo de tudo que não desejo ser, pois havia falta de ética com os alunos, pais e comigo. Havia também atualização no conhecimento, pois as atividades eram sempre as mesmas, os alunos já conheciam decorado o que tinham de fazer. No dia em que pude atuar livre, ou seja, apenas eu com os alunos e ela observando, propus atividades diferentes, brinquei com as crianças, trocamos ideias, foi superdivertido. Porém, notei que a supervisora não gostou muito da mudança, pois os alunos começaram a pedir para que a aula fosse ministrada por mim. Ainda bem que já estava no final da minha carga horária. (Depoimento em sala de sala).

No processo de Inovação Pedagógica, entende-se exatamente uma quebra, uma ruptura, e acompanha o risco de esbarrar com conceitos tradicionais, normalmente não são bem-vindos, mas estão ligados à opção individual, havendo descontinuidade do velho e tradicional para uma forma diferenciada, com a participação, em que o aluno pode interagir.

Fazendo parte ainda dos acompanhamentos, outro foi de suma importância para o contexto do estudo de caso a ser relatado em breve, pois concorda com o ensinamento de Libâneo, que afirma a necessidade de reflexão sobre a prática:

O que destaco é a necessidade da reflexão sobre a prática a partir da apropriação de teorias como marco para as melhorias das práticas de ensino, em que o professor é ajudado a compreender o seu próprio pensamento e a refletir de modo crítico sobre sua prática e, também, a aprimorar seu modo de agir, seu saber-fazer, internalizando também novos instrumentos de ação (LIBÂNEO, 2012, p. 83).

Com a aplicação dessa prática, em que os alunos são levados a questionar e discutir em grupo o seu agir, seu fazer, houve outra experiência que contribui bastante para a ampliação dos estudos. Dois alunos do 8.º período da noite relataram uma experiência de bastante êxito.

Nosso relato será baseado em experiência muito proveitosa que tivemos o prazer de participar juntos [os dois alunos] no estágio III em que a prática é em academias. Pudemos vivenciar o melhor estágio que tivemos nesta academia. Primeiro eles nos preparam teoricamente e na prática, antes da Intervenção, há uma preocupação muito grande com o estagiário, não nos deixando sem informação (Depoimento em sala de aula).

A proposta da Academia vem exatamente contrariar a visão tradicional a que os estagiários são expostos na Intervenção, sem mediação do conhecimento. Com base no relato dos alunos, realizou-se um Estudo de Caso, tomando esta Academia como alvo de investigação para responder ao questionamento: Existem Práticas Pedagógicas Inovadoras nos Estágios Supervisionados (ES) em Educação Física?

## **5 O PROCESSAMENTO DO ESTÁGIO NO CURSO DE BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Os alunos do Curso de Bacharel em Educação Física passam por vários períodos de conhecimentos teóricos até chegar, como manda a lei, na segunda metade do curso para pôr em prática em forma de estágio o que captaram, aprenderam em sala de aula, nos livros, nas pesquisas e nos seminários em grupo. Identificou-se, ainda, certa dificuldade em se expressar na escrita, e às vezes nas palavras, pois nas entrevistas realizadas, as falas foram simplórias, o que será observado na conversa com os estagiários e na transcrição.

Este processo é orientado pelos professores designados pela IES, para encaminharem os estagiários aos estabelecimentos cadastrados para que possam desenvolver de forma orientada pelos supervisores sua Prática Pedagógica.

Na verificação da documentação, constatou-se cerca de 90 locais cadastrados, distribuídos pela área metropolitana da cidade e em algumas cidades vizinhas. Todos devem ter profissionais habilitados e credenciados ao Conselho de Educação Física CREF.

Inicialmente são muitas dúvidas e muita insegurança e cabe ao professor minimizar e mediar esse momento de incertezas, orientando sobre a parte burocrática e como proceder na primeira visita ao local de Estágio.

Normalmente eles iniciam suas práticas em locais próximos à sua residência, em locais onde conhecem algum profissional ou até mesmo em estabelecimentos onde foram atletas. Isso traz mais segurança ao estarem sendo supervisionados por professores que já possuem algum relacionamento, pois a empatia neste momento é fundamental. Um bom supervisor vai garantir uma boa orientação na Prática Pedagógica do estagiário, porque uma das tarefas do supervisor é contribuir para que o estagiário se aproprie da realidade profissional onde ele vai atuar, fazendo a aproximação da teoria estudada na IES que deverá constituir-se numa reflexão sobre e a partir da ação. (PIMENTA, 2006).

É fundamental que a observação e análise da prática possa reverter-se em aprimoramento, e não em cópia, para que as questões ligadas aos conteúdos da Educação Física possam ser aprimorados por uma análise e interpretação, e o estagiário

possa tomar como experiência as práticas positivas, esclarecendo e aperfeiçoando para tradução de sua prática.

O estágio deverá ser integrado e integrador das disciplinas do Curso de Bacharel em Educação Física, daí se faz necessário que o estagiário percorra todos os caminhos da Intervenção do futuro profissional, devendo ter vivenciado as áreas de Saúde, Lazer e Esportes. Possibilitando uma lista de oportunidades de práticas que vai torna-se necessária para que ele entenda a sociedade e suas transformações, de forma que possa a ela adaptar e nela intervir no mercado de trabalho.

## 5.1 PERCORRENDO OS CAMINHOS DA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA PRÁTICA DOS ESTAGIÁRIOS

A finalidade principal desta investigação foi estudar como se realiza o acompanhamento dos estagiários quando inseridos na prática pedagógica. A preocupação primeira foi identificar onde poderia encontrar uma academia que oferecesse uma supervisão diferenciada. Além disso, houve a intenção de estudar percorrendo todo o caminho de inserção dos estagiários numa prática inovadora, que promova uma mudança de comportamento, a descontinuidade de práticas tradicionais de forma que o estagiário possa ter subsídios de uma prática com autonomia, ultrapassando o senso comum.

E a inovação pedagógica passa pela criação de novos contextos de aprendizagem, desenhados à luz do desenvolvimento dessas ciências e implicando alterações qualitativas na tal componente técnica que regula a prática partilhada pelos aprendizes e pelo professor (FINO, 2011, p. 102).

A necessidade de desvendar o cotidiano do estagiário encaminhou os procedimentos metodológicos, por isso, optou-se por uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica, em que serão recolhidas informações no campo, que servirão de material para elaboração da pesquisa, por meio de uma interpretação da cultura local.

O esclarecimento do que serão, ou não, práticas pedagógicas inovadoras é algo a cargo de um enquadramento conceptual exterior à etnografia, o qual tem de estar presente permanentemente na mente do investigador que olha para as práticas pedagógicas para as interpretar

como se fosse um nativo delas, dentro da dialéctica de se tornar nativo, para conhecer, e de ser estrangeiro, para interpretar (FINO, 2011, p. 100).

As Práticas Pedagógicas a serem investigadas deverão seguir um caminho entre as ideias de contraposição ou contradição, para se chegar a uma argumentação capaz de definir e distinguir com clareza o discurso. Por se tratar de um objeto de estudo específico, baseado num fato, utilizar-se-á a estratégia do estudo de caso.

A importância da familiarização do investigador com o conteúdo pesquisado traz confiabilidade ao estudo. Yin (2001) também enfatiza a importância do tipo de questões propostas para distinguir os estudos de caso de outras modalidades de pesquisa nas Ciências Sociais. Afirma que a estratégia é geralmente usada quando as questões de interesse do estudo referem-se ao como e ao por que; quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se dirige a um fenômeno contemporâneo em um contexto natural.

Essas características foram levadas em conta para realização desta investigação. Seus procedimentos principais foram Observação Participante, Entrevistas com professores, estagiários, supervisores dos estágios e o proprietário da Academia.

Para realização das entrevistas, criou-se um roteiro, tendo como base as questões a serem investigadas. Nem todas as respostas foram selecionadas, apenas as que estavam no contexto, afirmando ou não a linha de investigação. Já as observações, foram feitas diretamente na IES e na Academia, participando ativamente ora como estagiária, ora como aluna. Para garantir a liberdade das respostas criaram-se perguntas semiabertas, em que os entrevistados puderam expressar suas experiências vividas.

Foram entrevistadas duas professoras da IES investigada, onde elas lecionam a disciplina de Estágio. Elas têm mais de um ano lecionando a disciplina e mais de cinco anos no ensino superior.

Os estagiários são alunos da IES investigada sendo em número de cinco, selecionados da seguinte forma: um deles é aluno iniciante na disciplina Estágio e os outros quatro são alunos concluintes do Curso de Bacharel em Educação Física da IES. Todos os alunos participaram do programa de estágio na Academia de Ginástica a ser investigada.

O coordenador e o supervisor escolhido fazem parte da Academia, sendo eles formados em Educação Física, com Especialização e mais de quatro anos de formados.

O proprietário da Academia também é formado em Educação Física, atuante na profissão há mais de dez anos e como proprietário da Academia, há mais de cinco anos.

A entrevista com as professoras da IES seguiu um roteiro de questões para desvendar aspectos importantes a esclarecer sua prática no cotidiano no que se refere às atividades propostas em sala, os recursos técnico-metodológicos utilizados, opiniões a respeito de atividades complementares, sobre participação em seminários, bem como sua opinião quanto a uma prática pedagógica inovadora.

Entende-se e concorda-se com Luckesi et al. (2010, p. 41) quando dizem: “Por conseguinte, formando profissionais de alto nível tecnológico e fazendo ciência, a universidade deve ser o lugar por excelência do cultivo do espírito, do saber, e onde se desenvolvam as mais altas formas de cultura e da reflexão”.

O papel do professor no ensino superior vem transformando-se ao longo dos anos, a sociedade da informação não tem mais espaço para o transmissor, e sim para o mediador, que intercambia ação e reflexão, preparados para exercer sua profissão de forma contextualizada na discussão com os pares, na sua área e em outras também.

## 5.2 COMO AS PROFESSORAS DESCREVEM SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA IES

Discutir a questão de sua prática se torna tarefa complexa diante da especialidade Estágio, uma vez que nem todas as IES têm um olhar específico para essa disciplina. Na maioria das Instituições, o cumprimento da burocracia no que rege a Lei n.º 11.788/2008 é o suficiente para dar conta do Estágio Curricular Obrigatório. Há uma desigualdade na estrutura curricular atribuindo sempre maior espaço para a teoria e dando-se menor importância à parte prática. O exercício do profissional de Educação Física é prático quando se refere a aprender a fazer; sua ação será contextualizada e fundamentada numa teoria, não existe teoria sem prática, nem prática sem teoria. (PIMENTA; LIMA, 2009).

Alguns estagiários vêm utilizando, segundo Gimeno Sacristán (1999), uma prática artesanal, de imitação, partindo do pressuposto de que devem apenas seguir os modelos dos seus antigos professores, sem que haja nenhuma reflexão. Nessa perspectiva, fica reduzida a possibilidade de uma análise crítica e fundamentada.

É preciso que os professores orientadores de estágio procedam, no coletivo, junto a seus pares e alunos, a essa apropriação da realidade, para analisá-la e questioná-la criticamente, à luz de teorias. Essa caminhada conceitual certamente será uma trilha para a proposição de novas experiências (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 45).

Em busca de novas experiências, os estagiários poderão construir sua identidade, identificando os saberes necessários para sua prática pedagógica.

Levando em conta que o tripé de uma Universidade é Ensino, Pesquisa e Extensão, considera-se a extensão um espaço superimportante na construção do conhecimento do estagiário no caminho da apropriação da realidade, pois seria mais próximo para a orientação dos professores das IES. Baseados nesse contexto, podem expressar a fala de uma das professoras quando afirma:

A extensão é algo que nas IES não tem, deixa uma lacuna que poderia ser um subsídio para que esse aluno possa entender o que é esse campo de atuação, para ele refletir na ação, na prática. Aí eu acredito que a IES que não tem extensão deixa uma lacuna muito grande na formação dos alunos, então preenchemos com visitas em que levamos os alunos a refletir o conteúdo visto em sala de aula, o conteúdo teórico visto em vivências práticas. Seminários e algumas outras atividades que levem para mais próximo de sua futura atuação com o público (Professora 2).

Na busca por essa quebra entre a dicotomia teoria-prática, as professoras apresentam propostas metodológicas em que os estagiários participam em sala de atividades que assemelham às práticas dos estágios.

No segundo momento da disciplina, eles vão vivenciar o que planejaram, além de fazer o acompanhamento nos locais onde eles estão vivenciando o estágio; eles apresentam os planos de aula aos demais alunos da sala, então este trabalho é feito individual ou em dupla, e os demais alunos da sala simulam como se fossem as pessoas dos locais de estágio, então eles vivenciam aquele plano de aula comigo, e os demais alunos simulando a realidade de estágio onde eles vão praticar (Professora 1)

No currículo do curso de Bacharel em Educação Física, não há a disciplina de Didática, ficando essa discussão sobre elaboração de planejamentos a cargo da disciplina Estágio. Porém, atualmente há uma visão para além da instrumentalização técnica da função docente, uma preocupação na formação de um profissional pensante, que vive num tempo historicamente construído e com capacidade de modificar a

realidade. Autores como Nóvoa (1999), Pimenta (2005) e Schön (1992) corroboram com esse pensamento.

Entender o estágio como uma disciplina integrante do corpo de conhecimento do curso de Bacharel em Educação Física em que estão imbricadas todas as disciplinas será um caminho para que o estágio não seja considerado apenas um apêndice, apenas com a obrigatoriedade de preenchimento de fichas e elaboração de relatórios. Para isso, cabe aos professores-orientadores desenvolver atividades específicas, elaborar processos metodológicos para contribuir nesta perspectiva.

Como recurso técnico metodológico que trabalho em sala, uso a mídia. Eles apresentam em data show esses planejamentos que fizeram, apresentam algumas discussões em grupo, discutem sobre artigos que se traz nessa contextualização da temática estágio II, no caso esportiva. Utilizamos esses recursos técnicos metodológicos na apresentação dos planejamentos elaborados por eles (Professora 1).

Sem dúvida, eu acredito sim que, através desses momentos de troca de experiência com um pequeno grupo ou com grande grupo, auxilia sim na construção do conhecimento do aprendiz, no momento de contextualização coletiva, em que pode haver uma grande troca nesta construção do conhecimento. Por meio dos debates de texto, como na construção, só seminário em si, é um momento de muita riqueza na construção do conhecimento (Professora 1).

Outra fala:

Primeiramente, explico o que é estágio, os alunos têm sempre muitas dúvidas em relação a isso, e muitas vezes se concentram no estágio como trabalho 'Escraviário', como se costuma dizer, o aluno passa a acreditar porque os estágios são remunerados, que aquela é sua melhor forma de estágio. Então, é superimportante essa conscientização por meio de textos que falem sobre o estágio e sobre as leis que o regem acompanhado de um diálogo para que eles entendam que estão no estágio para aprender, e não para trabalhar como professor supervisor (Professora 2).

Acredito que seminário, discussão, leitura de texto e algumas cobranças, como resenhas, resumo até porque sai do ritmo do aluno das aulas expositivas. Em algum momento, eles terão de refletir sobre um novo texto, um resumo ou uma resenha (Professora 2).

Verifica-se na fala das professoras que há uma preocupação com a reflexão, com a produção de textos e pesquisas que apontem para um estágio que prepara para um trabalho docente coletivo, pois a prática pedagógica não é individual, é uma tarefa resultante da ação coletiva dos estagiários entre as práticas institucionalizadas. O

desafio é proceder a esse intercâmbio durante o processo de formação, entre o que se teoriza e o que se pratica; introduzir a pesquisa no estágio vai permitir uma ampliação e análise maior dos contextos de novos dados da realidade. “É necessário, pois, que as atividades desenvolvidas no decorrer do curso de formação considerem o estágio como o espaço privilegiado de questionamento e investigação” (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 112). A não compreensão e a interpretação do estágio de forma ampliada com questionamentos e investigação levarão a uma visão focalista e reducionista da realidade.

As professoras apontam também para algumas dificuldades encontradas ao ministrar a disciplina de Estágio, pois uma grande parte dos alunos estagiários quer imediatamente começar a ser remunerado, por isso saem à procura de ocupar seu tempo com os Estágios Curriculares não Obrigatórios. Os alunos alegam que as mensalidades da IES são pagas por eles, por isso necessitam estagiar para sobreviver. Neste caso presenciei conversa dos professores que chamam a atenção para a necessidade de concluir a graduação de forma a abrir a lista de informações tanto na teoria quanto na prática e da importância na ampliação dos estudos, porém os alunos apontam, ainda, para a resistência a leitura e pesquisa e a dificuldade de material impresso sobre o tema Estágio.

O principal vem de uma questão cultural da Educação Física, em que se acredita que Educação Física é uma atividade muito mais prática do que teórica, então os alunos chegam à IES pensando que não precisam ler, escrever, não precisam estudar, que basta imitar modelos já prontos; vejo isso como uma grande dificuldade inicial, acompanhado de que o bacharelado é um curso visivelmente técnico, eles se desprendem dessa condição de leitura e aí a dificuldade maior é essa compreensão de que independentemente de ser bacharelado ou licenciatura, o conhecimento será construído por eles mediante leituras, pesquisas, trabalhos em grupos; e sua atuação prática tem de estar respaldada por uma teoria (Professora 2).

Hoje em dia, muitos alunos estão ingressando nos cursos superiores numa faixa etária muito curta, são observados comportamentos infantis condizentes com nível médio de ensino, o que leva a uma visão distorcida da vivência acadêmica. Não se trata de uma generalização, existem alunos de idade avançada presentes na graduação em Educação Física.

Observam-se também alunos que imaginam não haver cobrança em termos teóricos e, às vezes, por não gostar de ler, interpretar, estudar e pesquisar, deparam com os conteúdos acadêmicos e sentem dificuldade. No entanto, verificou-se que há orientação nesse sentido para que essa visão equivocada seja alterada. Na disciplina de Estágio, alguns imaginam que basta apenas frequentar as academias, não se interessam por leitura de textos, apresentação das vivências, organização de planejamentos, apresentação de relatos de experiência entre outras atividades que envolvem o acompanhamento teórico para ampliar a construção do conhecimento na prática pedagógica. Os professores de nível superior deparam com essas dificuldades, que acreditamos ser universais, até porque muitos alunos são fruto de uma educação tradicional em que basta decorar e reproduzir na íntegra os conteúdos transmitidos. Ao se confrontarem com a pesquisa sentem muita dificuldade, muitos alunos não conseguem interpretar os textos, os capítulos de livros que são entregues para discussão em rodas de conversas. Pude observar uma fala de um aluno que chegou para a professora e confessou que sentia esta dificuldade: “Professora, gostaria de dizer que não entendi o capítulo sobre os saberes, há palavras que não entendo. Esta minha dificuldade vem desde o ensino fundamental, gostaria da sua ajuda, há alguma forma que eu possa melhorar?” (aluno da disciplina de Estágio). São dificuldades trazidas para o ensino superior, um déficit do ensino básico, que serão atenuados aos poucos à medida que um aluno como esse, reconheça suas deficiências e tentem atenuar, começando a ler mais os artigos, livros e textos, criando este hábito para sanar as dificuldades encontradas na sala de aula.

Por outro lado, os alunos que não passam por dificuldades das citadas acima, procuram sempre por indicação de artigos, livros e textos, e apontam para a pouca demanda de material impresso sobre práticas pedagógicas e por estágio.

Percebo que as dificuldades apontadas pelos alunos são relacionadas, a maioria das vezes, com a falta de material para estudo – impresso, livros, artigos, dissertações, teses (Professora 1).

Na construção do conhecimento em estágio, há uma preocupação em não apenas continuarem com uma prática tradicional, em que os alunos apenas preenchem fichas e elaboram relatórios. Foi possível verificar uma quebra numa estrutura do passado em que a palavra estágio significa apenas o momento prático. No viés dos conceitos de

inovação pedagógica, a estrutura apresentada mostrou-se comprometida com a mediação entre teoria e prática.

Diante de uma Prática Pedagógica Inovadora na disciplina Estágio, as professoras apontam as visitas, como exemplo, feitas em locais específicos da prática, ir ao *locus* do futuro estágio, sendo acompanhado pelo professor, o que traz para o estagiário mais segurança diante de uma vivência da prática. Essas ações pedagógicas geram reflexão dessa prática e discussão em sala.

Apontam também o incentivo à interpretação de texto, mediado pelas professoras, em que há a participação dos estagiários nas discussões listando algumas sugestões para a futura prática.

Não fica à margem das mediações o incentivo à pesquisa bem como as rodas de conversa para socialização das experiências. Os estagiários são convidados a entrar no mundo profissional com uma visão ampliada, não reducionista, entendendo que o conhecimento sobre a prática pedagógica não é estanque.

Bem, pelo menos há uma tentativa, através de diálogos sobre reflexão de textos, sobre alguns textos e pesquisa, de visitas a locais que se aproximem da prática (Professora 2).

O conhecimento não é formado apenas pela prática, a epistemologia da prática só acontecerá quando houver consciência de que a prática não se constrói sem teoria, sempre haverá uma relação direta entre o conhecimento e a ação pessoal. A teoria tem seu poder formativo na contextualização e validação da prática. O papel da teoria será de fornecer aos estagiários as perspectivas de análise tanto no que diz respeito à cultura, à sociedade, a contextos históricos e até mesmo da sua prática para que nela possa intervir de forma emancipatória.

A perspectiva de aliar a teoria à prática, trazendo para a sala de aula conhecimentos da prática pedagógica, principalmente nas áreas da intervenção do bacharel em Educação Física, que é Saúde, Lazer e Esportes, romper com barreiras de colocar os estagiários à frente de conhecimentos que vão ajudá-lo a andar com as próprias pernas, indo de encontro ao tradicionalismo que apenas encaminham para os locais de estágio sem orientação nem discussão dessa prática, vem sendo uma atitude de uma das professoras da IES, e ela mesma classifica essa ação como inovadora.

Dentre as possibilidades, considero inovadora vivenciar a prática in loco, vamos a visitas técnicas conhecer a prática pedagógica da Educação Física, outra, é trazer profissionais da área para uma roda de conversa em sala de aula relatando sua experiência prática (Professora 1).

Socializar e compartilhar o conhecimento vivenciado pelos estagiários tornará mais significativa a aprendizagem de outras práticas, pois cada estagiário pode conhecer e apreender experiências diferentes .

Pérez Gómez (2011) comenta que essa apreensão dos significados se dá por meio da socialização das culturas e ideias e ocorre nos indivíduos de várias formas, entre elas, a Imitação; mediante a observação, as ações vão reproduzindo-se. A Experimentação, por meio da manipulação, envolve descobertas significativas para a construção significativa das pessoas, dos objetos, entre outros. A Comunicação, que é um veículo ilimitado no processo de intercâmbios entre os significados. A Reflexão, que trata do processo de voltar para si mesmo analisando seus modos de agir e pensar. Por último, ele comenta sobre a e Mobilização Inconsciente que está ligada ao mundo dos sonhos e fantasias, o medo do desconhecido que influencia nosso pensamento.

Para os estagiários, experimentar uma prática em que tenham poder de fala, poder de crítica e de reflexão tornará a realidade mais bem entendida. Todas as construções dos significados citadas acima serão úteis em diferentes momentos.

Pensando assim, verificou-se um olhar holístico da professora, os estagiários passaram a compreender a importância das mobilizações dessas estratégias de ensino para sua prática no estágio, porque somente terão significado as visitas, as rodas de conversa com a compreensão e a atenção da realidade dos fatos; participar dessas estratégias será importante para sua vida profissional.

### 5.3 A APRENDIZAGEM NA VISÃO DOS ESTAGIÁRIOS

No entendimento de como se processa a aprendizagem, chegamos a situações que permeiam a aprendizagem no ensino superior. Alguns fatores são relevantes nessa construção, o papel das IES no sentido de incentivar a produção do conhecimento e de qualificar os alunos para a vida profissional de forma competente mediando a aprendizagem para que a construção do conhecimento perpassa pelo esforço em pensar,

levar o aluno a refletir, a aprender a aprender, aprender a estudar, aprender a fazer, além de estimular a curiosidade intelectual, em que os questionamentos estejam sempre presentes. O papel do aluno para que nunca se acomode no senso comum, esteja sempre em busca de um conhecimento oculto que possa contribuir para maior entendimento dos conteúdos disciplinares.

Em análise documental, verifica-se que as ementas que compõem a disciplina Estágio da IES investigada propõe em seu primeiro momento de observação um mapeamento da realidade profissional, de forma orientada para preparar os estagiários para futuras intervenções; e em um segundo momento, o desenvolvimento e aperfeiçoamento nos diversos campos propostos para a intervenção do futuro bacharel em Educação Física, sempre com uma prática orientada, tanto pela IES quanto pelos locais conveniados à Instituição. Nóvoa (1999) caracteriza a aprendizagem do aluno em três vertentes de um triângulo composto por saberes das disciplinas, saberes da experiência, saberes da pedagogia, que são construídos ao longo da vida dos alunos, neste caso, dos estagiários. Os saberes são plurais, pois todo indivíduo vive em sociedade, e fazendo parte de uma cultura, tais saberes se acumulam, renovam-se e se produzem pela comunidade científica, passíveis de serem mobilizados nas diferentes práticas (PIMENTA, 2007; TARDIF, 2002).

Entende-se que a mobilização desses saberes será o caminho para uma prática pedagógica significativa, pois a sociedade necessita de profissionais que reflitam, questionem, que sejam pessoas críticas e criativas. Na graduação, o aluno estagiário deverá estar em contato com novas formas de produção do conhecimento.

Qualquer tipo de conhecimento no qual se tenha contato vai sempre terminar fazendo parte da sua intervenção. Na faculdade podemos ter contato com material didático apresentado pelos professores, a maneira de ministrar aulas com utilização da tecnologia; além das atividades em grupo, trabalhos acadêmicos, creio que todos contribuíram positivamente para minha formação e vão fazer parte da minha prática pedagógica (Aluno 1).

Em busca de uma formação profissional de qualidade, o aluno estagiário chega com suas experiências e anseios de novos conhecimentos que serão mediados pelos professores e contribuirão de forma significativa na vida profissional.

O conhecimento nunca estará pronto, ele é uma construção individual mediada pelo social, é o resultado de uma construção coletiva, da interação social, não é uma construção idiossincrática.

O comprometimento com o aprender é maior, principalmente quando solicitados nos trabalhos em grupo, quando nos reunimos, há uma quantidade maior de diferentes interpretações e percepções acerca do mesmo assunto, a aprendizagem se torna mais fácil, diferente de quando se estuda sozinho (Aluno 1).

Estudar em grupo é bastante proveitoso, pois sozinho, temos de pesquisar tudo, e em grupo há ajuda tanto nas pesquisas quanto na opinião dos colegas, que ajudam e colaboram com o conhecimento que ainda não temos, facilitando e completando nosso conhecimento (Aluno 3).

Reportamo-nos a Vygotsky (1991), que afirma existir dois tipos de conhecimento, aqueles produzidos de forma espontânea, construídos ao longo da vida de formas variadas e o outro conhecimento chamado de acadêmico, baseado no conhecimento científico produzido e tratado nas IES (FINO, 2001). O conhecimento acadêmico será interiorizado à medida que vão sendo mediados pelos professores que utilizam ferramentas em suas aulas para traduzirem a interação e a contextualização dos dados da realidade.

Os trabalhos que os professores apresentam em sala de aula são bem elaborados, como os slides. Acredito que são coerentes com os conteúdos que vamos vivenciar na nossa prática. (Aluno 2).

Alguns professores levam os alunos para fazerem intervenção fora da IES. Essas visitas foram bastante proveitosas, facilitando nosso aprendizado. (Aluno 3).

Artigos, data show, trabalhos em grupo, aulas práticas e os festivais de que participamos oferecidos pela IES. (Aluno 5).

Pode-se observar na fala dos alunos que a representação dos recursos acadêmicos metodológicos utilizados pelos professores da IES está contribuindo para uma aprendizagem significativa, a partir do momento da tomada de consciência de que leitura, participação em festivais, visitas aos locais de futuras práticas mostram os dados da realidade. No domínio do saber, não há verdades absolutas. Nesta construção dos

saberes necessários à prática pedagógica eles deverão estar sempre contextualizados com a sociedade.

O ensino nas IES ainda é compartimentado em disciplinas, porém a contextualização e a transferência de esquemas cognitivos devem ser feitos de uma disciplina a outra. Articular os conhecimentos é um difícil caminho, mas deve ser traçado. Estimular o aluno a pensar de forma consciente e produtiva permitindo aproveitar este potencial para estabelecer estratégias de aprendizagem para um construir e reconstruir valores, conceitos e atitudes.

Pensar é mais do que explicar e, para isso, as instituições precisam formar sujeitos pensantes, capazes de um pensar epistêmico, ou seja, sujeitos que desenvolvam capacidades básicas em instrumentação conceitual que lhes permitam mais dizer que saber coisas, mais do que receber informações, colocar-se diante da realidade, apropriar-se do momento histórico de modo a pensar historicamente essa realidade e reagir a ela (LIBÂNEO, 2012, p. 84).

Um dos grandes desafios está sendo exatamente romper com estruturas tradicionais de uma didática tradicionalista de um professor como repassador e o aluno como memorizador, reproduzindo uma visão paradigmática do passado.

No ambiente das IES, espera-se um espaço em que a cultura da inovação permeie com naturalidade, com propostas de ensino, pesquisa e extensão. Incentivar os alunos estagiários a uma busca constante de conhecimento, não apenas os vivenciados na IES, mas outros que completem o conhecimento, até porque o CNE prevê uma carga horária complementar ao curso, como requisito para formação de 200 horas a serem cumpridas pelos graduandos.

Bom, as disciplinas de Estágio na faculdade são excelentes, foi durante o estágio que pude verificar a necessidade de me aprofundar na busca em cursos para melhorar meu aprendizado (Aluno 1).

As visitas contribuíram bastante para complementar o conhecimento prático, bem como a divulgação feita pela IES dos congressos, minicursos, palestras, oferecendo bastante oportunidade em várias áreas do conhecimento para que possamos nos especializar mais em determinado assunto (Aluno 3).

Minicursos, palestras e eventos de que participei como voluntário (Aluno 4).

Durante o ano letivo, são apresentados na IES vários congressos, cursos e minicursos promovidos na cidade e fora dela. A participação dos alunos estagiários é estimulada tanto no que diz respeito a uma complementação de carga horária quanto de conteúdo, porém o estímulo vai para além da participação e também da publicação de artigos científicos, relatos de experiência e de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Em conversa, vários professores de outras disciplinas afirmaram que estimulam os alunos a participar de apresentação em congressos locais.

Alguns alunos escolheram o tema de conclusão de curso baseado na experiência e vivência em seus estágios; outros, ao apresentarem seus relatos de experiência no último semestre da disciplina, participaram de congressos apresentando em pôster seus trabalhos. O incentivo à pesquisa é extremamente positivo partindo das experiências dos estágios. Grande importância tem a prática institucionalizada e burocrática como obrigatoriedade, mas também o estágio ministrado à luz dos diversos autores que entendem o estágio como viés para construção de pesquisa, abrindo possibilidades de ampliação do conhecimento e para uma práxis.

O estágio abre possibilidade para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas, nos sistemas de ensino e nas demais situações ou estimularem, a partir dessa vivência, a elaboração de projetos de pesquisa a ser desenvolvidos concomitantemente ou após o período de estágio (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 51).

Entender a pesquisa como instrumento de aprendizagem é fundamental, pois ela traduz o sentimento de busca e necessidade humana de compreensão e transformação da realidade circundante. “Por outro lado, é já quase unânime o reconhecimento da necessidade de uma formação de professores, com base na reflexão e na investigação” (SOUSA, 2011, p. 8).

O conhecimento não pode delimitar-se a uma abordagem focalista e reducionista; por outro lado, ao estimular o aluno estagiário à pesquisa, está-se proporcionando um desvendamento de conhecimento aparente, do senso comum e partindo para interpretações dos dados do mundo numa visão de globalidade, de conjunto, pois as relações entre os fatos não são vistas a olhos nus, há necessidade de investigar, pesquisar numa visão de totalidade. Os alunos estagiários corroboram com

essa ideia e alguns relatam já estarem inseridos em grupo de pesquisas, entendendo que a pesquisa fará parte de aprendizado mais significativo para sua vida profissional.

Com certeza, as atividades como cursos foram importantes. Estou fazendo parte de uma pesquisa incentivada pelo supervisor do meu estágio, que me tem colocado em contato com banco de dados, com pessoas que pesquisam. Esta oportunidade surgiu com o estágio, e o contato com essas pessoas me alertou e me incentivou para a pesquisa, e hoje me sinto apto a pesquisa sobre outros assuntos (Aluno 1).

Consigo pesquisa sobre diferentes temáticas abordadas em sala de aula e já possuo certo domínio sobre banco de dados que foram abordados em nosso estágio (Aluno 2).

Sim, Saberia pesquisar a respeito de diferentes temáticas, pois na graduação vários professores nos incentivaram a pesquisar (Aluno 5).

A pesquisa no estágio ampliará a possibilidade de análise dos locais, das pessoas que fazem parte, bem como do estagiário desenvolver a postura e habilidades de pesquisador por meio de situações reais de estágio abrindo espaço para melhor compreensão das práticas pedagógicas. É possível identificar novas funções do estágio para além da instrumentalização técnica e também de um futuro profissional pensante, que vive num tempo e num momento histórico com capacidades de entender o sentido coletivo e social de ser futuro professor, um profissional que valoriza a prática como um momento de construção do conhecimento analisando, problematizando e refletindo.

A capacidade de voltar todos os pensamentos na prática individual ou em grupo e utilizar esse conhecimento para produzir e modificar a realidade, como também nossas intenções e melhorar nosso modo de conhecer nos faz ser um profissional reflexivo. De forma a saber utilizar os conhecimentos aprendidos para a própria intervenção.

Acredito que já consigo fazer meus planos de aula e em cada estágio que participei consegui intervir e também realizar um bom trabalho, como avaliação de aula, separar os materiais, ter um bom atendimento aos alunos, estabelecendo uma boa relação estagiário-aluno. Isso para mim ficou bem aprendido (Aluno 2).

Na área da musculação me sinto bastante à vontade para elaborar as aulas (Aluno 3).

Hoje ficou bem mais fácil com o estágio elaborar minhas aulas no momento em que podemos unir a teoria e prática, pois quando temos

só teoria não é bom; no momento em podemos praticar e depois voltar para reflexão, aí sim, considero bom (Aluno 4).

As etapas de estágio em que os estagiários cumpriram na IES foram bastante proveitosas, eles conseguiram entender que a união entre teoria e prática é fundamental na construção da prática pedagógica. Não existe prática sem teoria nem teoria sem prática. “Penso sobre minhas ideias, examino-as, modifico-as, quer dizer, a reflexão me leva a formar uma teoria, um pensamento que orienta minha prática” (LIBÂNEO, 2012, p. 66). Na fala do aluno 4, está clara a importância em fazer da prática uma teoria e se utilizar de uma teoria para descrever sua prática, considerada para ele satisfatória, à medida que toma consciência dos seus atos, atingindo autonomia para realização das próprias práticas e da organização de suas aulas.

Todos os estagiários envolvidos na pesquisa participaram do programa de estágio oferecido pela Academia de Ginástica envolvida na investigação, e apontaram como Inovador o sistema de trabalho que puderam vivenciar neste estágio, sentiram que a mediação entre a teoria e a prática foi feita, tornando o período em que passaram estagiando bastante proveitoso para a futura autonomia como profissionais e mesmo como estagiários.

Considero inovador o estágio de que participei; os supervisores tinham interesse em que os estagiários fossem bons, e neste estágio pude adquirir conhecimento em busca de um foco, que é musculação, pude obter um bom potencial, os professores desta academia ajudam com conhecimento tanto teórico quanto prático. Posso dizer que muito do que aprendi neste estágio está servindo de base para outros estágios e me incentivaram a sempre estar em busca de novos conhecimentos (Aluno 3).

Meu estágio na Academia de Ginástica em Olinda foi inovador, pois, em conversa com colegas da IES, verificamos que não há nada parecido em outras academias, então considero inovador este programa e as atividades que os professores oferecem como pesquisa de campo, trabalhos, visitas, entre outros (Aluno 5).

A noção de inovador para os alunos estagiários parte da iniciativa de algo novo, que venha a contribuir com a aprendizagem diferenciada, quebrando paradigmas de um ensino tradicional, uma aprendizagem que venha a ser significativa para sua vida profissional, uma vez que ainda estão na Formação Inicial.

Ora, se é certo que consideramos que essas práticas de significação, ou sejam, os processos de socialização secundária conducentes à aquisição da identidade profissional, decorrem no exercício da profissão e nos próprios locais de trabalho, também pensamos que a formação inicial portadora de uma qualificação profissional não se deverá alhear desses mesmos processos (FINO, 2003, p. 2).

Fino (2008) aponta para fatores relevantes, que mesmo a Inovação não sendo resultado da Formação Inicial, não se pode deixar de ressaltar seu valor como qualificação para um futuro profissional que fará de sua prática pedagógica um ato próprio, pois a inovação não é induzida, ela parte da crítica e da autocrítica como opção individual. Contudo, por meio de uma chamada à consciência pelos professores e supervisores de estágio, vai colaborar para uma prática diferenciada.

Com o conceito de ensino reflexivo, os formadores de professores têm a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de a melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional (ZEICHNER, 1993, p. 17).

Segundo Zeichner (1993), na IES existe apenas um processo inicial para os futuros professores tomarem a consciência de profissionais reflexivos. O autor afirma ainda que esse é um processo contínuo em toda carreira, reconhecendo que sua futura prática pedagógica deve começar por uma prática como ação reflexiva voltada para o reconhecimento da sua prática.

#### 5.4 O PROCESSO DO ESTÁGIO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA REFLEXIVA E INOVADORA

As Práticas Pedagógicas no estágio supervisionado vêm-se realizando de forma geral sem a mediação necessária para que o estagiário possa ter subsídios para uma formação competente, na grande maioria, os estagiários são “soltos” nas academias de ginástica, expostos a uma prática sem orientação.

Muitos estagiários procuram academias por ser um campo de trabalho em ascensão, porém, com o advento da tecnologia, mudanças vêm ocorrendo em todos os ramos principalmente nos maquinários, nos métodos de treinamento de força, no uso

dos aparelhos que exige uma constante atualização dos profissionais, porém alguns supervisores nem sempre estão dispostos a compartilhar o conhecimento, especialmente pelo aquecimento do mercado, temem a concorrência. Escuto muitos alunos estagiários comentarem que em algumas academias eles não recebem orientação e quando recebem, é de forma superficial.

Por outro lado, escuto também que vários são os supervisores e proprietários que se preocupam em estimular os estagiários a estudar, a discutir artigos científicos, bem como permitirem a observação de suas práticas por serem profissionais experientes no mercado, satisfazendo a curiosidade inicial dos estagiários, que necessitam por outros meios irem à busca de conhecimento mais profundo.

#### **5.4.1 A proposta diferenciada e inovadora da academia**

Partindo de um grupo de pessoas conscientes da necessidade de aprendizagem dos estagiários e também da demanda do mercado, formou-se um programa que capacita os estagiários para uma prática com autonomia.

Veja só, fizemos esse trabalho onde havia uma lacuna no mercado, onde existia uma demanda de profissionais despejados no mercado sem ter essa preparação técnica. Normalmente é o que acontece com outras Instituições, não promovem curso nem palestras específicas para os Estagiários. Com professor, supervisor, que coordena academia, elaboramos um conjunto de ações teóricas e práticas vivenciadas numa Academia e daí surgiu nosso Programa de Estágio (Proprietário).

Esse grupo é formado pelo proprietário da academia, o coordenador e o supervisor. Todos são formados em Educação Física na cidade do Recife. O coordenador está integrado no programa de mestrado, porém os dois possuem especialização na área e são extremamente comprometidos com a prática pedagógica realizada nessa academia.

Sou formado pela UFPE, possuo especialização pela Gama Filho, sou proprietário de duas academias e exerço minha profissão há mais de dez anos (Proprietário).

Licenciado em Educação Física pela Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE/PE). Pós-Graduação Lato Sensu em Musculação e Treinamento de Força pela Universidade Gama Filho/ RJ. Pós-

Graduação Lato Sensu em Treinamento Esportivo pela Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco (ESEF/UPE), pós-graduando *Stricto Sensu* em Educação Física pelo Programa de Associado de Pós-Graduação em Educação Física (UPE/UFPB) (Professor Coordenador).

Sou formado pela UFPE, 2011, estou concluindo a Especialização na Gama Filho (Professor Supervisor).

Trata-se de duas academias de médio porte, uma localizada na cidade de Camaragibe e a outra na cidade de Olinda, onde foi feita toda a Observação Participante. As instalações são boas, tendo um maquinário moderno, bastante higiênico, com recepcionista permanente, sala para avaliação, espelhos, aparelho de som, sala para ginástica toda equipada. Atrai grande público nas duas instalações. A presença do profissional formado é constante, sendo uma exigência do Conselho Regional de Educação Física (CREF). A academia é registrada no conselho e regulamentada perante órgãos públicos.

Como gestor da Academia, procurei nos órgãos regulamentares: Faculdades, CREF, fazer toda a regulamentação não só para o estágio, mas para que a empresa esteja regulamentada perante o Conselho e perante a Legislação (Proprietário).

Na observação dos estagiários que chegavam a essa academia solicitando espaço para cumprir a carga horária das IES, verificou-se que havia um déficit de conhecimentos na área de atendimento, bem como na nomenclatura dos aparelhos e principalmente dos conhecimentos que fundamentam a musculação.

Existia uma heterogeneidade, alguns com alguma base, por ter vindo de outras academias, mas não tinha toda essa preparação, entretanto tem alguns que não sabem de nada, mas para nós não tem problema não saber de nada. Daí, procuramos fazer a troca de conhecimentos desde o passo a passo para que os estagiários assimilem todo o conteúdo teórico, para que tenham um conteúdo- padrão, com desenvolvimento técnico na área de musculação em academia, nós não temos interesse que chegue sabendo, apesar de ser estágio (Proprietário).

Partindo desse déficit, surge o interesse em ampliar o conhecimento dos estagiários para que pudessem exercer sua prática com autonomia. Trata-se de um programa que foi planejado por meio de muitos estudos, reuniões para elaboração,

divisão em módulos, preparação para aulas teóricas e a receptividade dos estagiários na prática pedagógica orientada. Após toda a elaboração, sentiram a necessidade de oferecer aos alunos das IES na cidade do Recife.

Inicialmente é feito um convite nas instituições de ensino superior para ingresso no programa. Nesse momento é apresentada a proposta em forma de palestra. Em seguida, é estabelecido um prazo para que os interessados manifestem seu desejo de participar em forma de inscrição (mediante a solicitação deles, via telefone, e-mail ou pessoalmente). Depois desse momento, é realizada uma reunião, com os interessados, para explicações mais específicas e organização dos horários. Uma vez definidos os horários, cada grupo de estagiário é recepcionado pelo professor responsável por aquele horário, que foi voluntariamente escolhido pelo estagiário de acordo com sua disponibilidade. No caso das aulas teóricas, a recepção é feita por um único professor, visto que esse é um momento coletivo. Nesse sentido as aulas são em um horário fora do funcionamento da empresa, para não comprometer o processo de ensino e aprendizagem (Professor Coordenador).

Além do programa, os estagiários participam mensalmente de palestras com temas variados relacionados com o mercado, marketing, entre outros, ampliando os conhecimentos. Todos são convidados a ingressar no grupo de estudo, organizado pelo coordenador, e aqueles que tiverem interesse em pesquisa podem também se inserir em mais uma possibilidade que vai para além da proposta inicial de ampliação do conhecimento na área de academia de musculação.

Foram feitas 18 observações acompanhando o grupo, e tanto o proprietário quanto o coordenado e o supervisor foram extremamente receptivos a esta investigação; apenas solicitaram o Termo de Anuência, que foi emitido pela instituição conveniada com a Universidade da Madeira em Recife.

Informaram sobre todo o processo e abriram as portas da academia, justificando que seria um dos maiores reconhecimentos do trabalho realizado por eles, o fato de servirem de estudo de caso para um programa de mestrado. Para o grupo, esta investigação servirá de futuro marketing como reconhecimento de um trabalho bem estruturado e que tem uma visão moderna e inovadora, como também a teorização do programa sob o viés de autores nacionais e internacionais contextualizando o trabalho de um grupo que inicialmente não tinha este olhar.

Fez-se o acompanhamento com o grupo logo na primeira visita à IES investigada até quase o fim do período proposto para todo o programa. Na primeira

visita à sala de aula da IES, foram expostos os objetivos do programa com apresentação em *Power Point* e o interesse do mercado de trabalho que tem procurado estagiários com o diferencial.

O grupo tem a preocupação de oferecer o programa a partir do 3.º período, pois os estagiários serão orientados durante quase um semestre e somente iniciarão o estágio curricular obrigatório a partir do 4.º período na IES.

Os alunos, ao ingressarem nas IES, sentem de imediato o desejo de estagiarem, eles ficam ansiosos para “pôr a mão na massa”, parafraseando o ditado popular. Porém, a prática sem orientação devida é ilegal, bem como a intervenção antes da segunda metade do curso. O CREF e o CNE entendem que os alunos só estarão aptos a intervir após cursarem a metade das disciplinas propostas na grade curricular. Embora não seja assim que ocorre, é possível verificar a presença de estagiários que estão na academia sem terem cursado disciplinas que orientem essa prática; na realidade, eles estão apenas imitando o proceder de algum profissional ou exercitando apenas os saberes experienciais sem fazerem associação com alguma teoria. Corrobora-se com Pimenta e Lima (2009, p. 36) quando afirmam que, dessa forma, os estagiários se limitam à imitação de modelos sem contexto e sem análise.

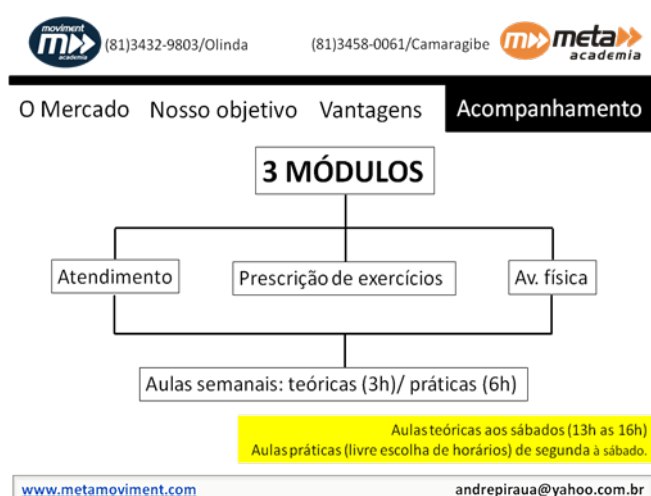
O estágio então, nesta perspectiva, reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa.

Exatamente para evitar esse proceder de forma errada, o programa de estágio dessa academia é formulado por quatro meses com o acompanhamento contínuo do estagiário, oferecendo conhecimento teórico específico e oportunizando uma prática contextualizada.

O curso é teórico aplicado. Toda semana os alunos recebem instruções sobre como devem proceder, totalizando nove horas semanais distribuídas em três horas de aulas teóricas e seis horas de aulas práticas (momento em que os alunos aplicarão os conhecimentos adquiridos). A duração do processo é de quatro meses, e envolve cinco módulos de conhecimentos básicos/ necessários para que os alunos sejam capazes de atuar na prática, com segurança e fundamentação das suas ações. Além das aulas práticas e teóricas, o curso/estágio também oferece mensalmente palestras sobre temas diversos relacionados com o contexto dos conteúdos abordados ao longo de toda a intervenção (Professor Coordenador).

Na primeira reunião, os alunos estavam bastante entusiasmados para começar o estágio orientado. Havia cerca de 30 alunos de várias IES do Recife, não apenas da investigada. A flexibilidade do horário para o acompanhamento prático é bastante vantajosa, pois não compromete as atividades acadêmicas. Cada estagiário disponibilizou seu horário para ser montado um quadro semanal mediante as informações oferecidas.

Figura 3 – Explicativo do programa



Fonte: Apresentação de slides (Prof. André Pirauá)

No sábado seguinte, iniciaram as aulas teóricas com a explicação do proprietário da academia. Ele argumentou sobre todo o processo de atendimento, sobre as normas de funcionamento da academia e atendimento aos alunos. Chamou a atenção dos estagiários para todo o conhecimento “nas normas da academia, embasado em conhecimento científico. Não se baseia em achismo, todo conhecimento deverá ser compartilhado e discutido antes de se pôr em prática” (Proprietário). Acrescentou, ainda, que acompanhar os avanços tecnológicos é fundamental, manter-se sempre atualizado, porém “tem de saber argumentar”.

Todas as informações desse dia basearam-se em conduta ética, normas de atendimento dos alunos da academia e sobre a utilização dos saberes disciplinares necessários à futura prática.

Durante a semana, em uma das participações, a pesquisadora procurou fazer o papel de uma aluna; vestida adequadamente para uma aula de musculação, fez alongamentos, foi para a esteira e chamou uma estagiária do programa para questioná-la e obteve esta resposta: “Apenas observamos, somos orientados, no início a não intervir, pois os alunos podem fazer alguma pergunta a que ainda não sabemos responder”. Imediatamente veio o professor supervisor para o atendimento, não deixando a estagiária sozinha. Quanto a esse episódio, o proprietário argumenta que não permite que os estagiários participem diretamente antes de serem avaliados e receberem o conhecimento necessário para tal prática.

É nossa preocupação que os estagiários só possam intervir quando sentirem segurança, enquanto isso eles só observam, e se algum aluno fizer alguma pergunta, eles respondem que ainda estão em treinamento e chamam o supervisor ou outro estagiário mais antigo. Não queremos que os estagiários respondam algo errado para não carregarem esta ‘mancha’, por isso não os expomos a situações em que não estejam preparados. Nossa intenção é que fiquem preparados para o mercado de trabalho da melhor forma possível, não colocamos em xeque o conhecimento técnico (Proprietário).

No acompanhamento seguinte (sábado à tarde, presença apenas dos estagiários), após a semana de observação com os supervisores sobre as normas e os procedimentos, os estagiários participaram de uma dramatização. Inicialmente, formaram-se grupos de quatro alunos, que teatralizaram um procedimento correto e outro errado. A seguir, participaram de um debate em que o coordenador fez reflexões sobre o porquê das ações, e deu orientação de como proceder em determinadas situações, sempre chamando a atenção para o estagiário dever entender, e não simplesmente executar.

Romper com os contextos do passado e criar os contextos de que o futuro necessita, o que implica uma redefinição do papel dos aprendizes e dos professores, é, no essencial, a função da inovação pedagógica, constituída por práticas qualitativamente novas (FINO, 2011, p. 7).

Foram momentos de muita participação e perguntas; a cada apresentação, havia uma discussão. O interessante é que a estratégia metodológica utilizada foi a explicação e resolução de problemas, e não a demonstração.

Conhecer um objeto é agir sobre ele e transformá-lo, apreendendo os mecanismos dessa transformação vinculados com as ações transformadoras. Conhecer é, pois, assimilar o real às estruturas de transformações, e são as estruturas elaboradas pela inteligência enquanto prolongamento direto da ação (PIAGET, 1985b, p. 36).

No processo do conhecimento, atuar diretamente, mesmo em simulação, facilitará a aprendizagem, pois os estagiários estarão agindo diretamente em situações reais. Nessa construção o erro se converterá em futuras aprendizagens, e não é em punição ou nenhuma forma de inibição para uma futura aprendizagem. Ver o erro como um fator de transformação na reorganização do sistema cognitivo. O professor coordenador que estava à frente nesse dia comentou:

Errar é bom, deve-se aprender com os erros. Vocês estagiários estão aqui para aprender, não se sintam constrangidos em perguntar; só se aprende, tentando, executando, perguntando. O professor supervisor está aqui para mediar a aprendizagem e poder ajudar na prática pedagógica (Professor Coordenador).

Uma das abordagens chamou a atenção para o atendimento de pessoas com necessidades especiais e também sobre atuar com igualdade, respeitando as pessoas, gênero, raça, religião e culturas diferentes.

Atualmente, visualizamos uma articulação mundial voltada à aceitação da diversidade humana; observamos, já há um certo tempo, uma preocupação da sociedade em diversas áreas, como a educacional, a econômica, a social, a cultural, entre outras, com as diferenças de gênero, de etnia, de classes sociais, de estrutura corporal, de idade, e com as deficiências congênitas ou adquiridas, que traduzem os diversos corpos que habitam o planeta e que têm, ou pelo menos que deveriam ter, os mesmos direitos e deveres diante da realidade social, inseridos nos espaços de trabalho, de educação, de lazer e em outros tantos espaços criados pelos e para os seres humanos (GAIO; GÓIS, 2006, p. 16).

A inclusão social deverá ser discutida em todos os ramos de intervenção do estagiário em Educação Física, pois os direitos são os mesmos ao acesso nas academias para todas as pessoas, sem distinção. Observou-se que na IES o estágio IV amplia a intervenção para pessoas com deficiência. Há também uma disciplina que trata exclusivamente de esportes adaptados, portanto, para isso, o estagiário deverá atuar com aceitação da diversidade humana, quebrando paradigmas tradicionais.

Um dos participantes comentou: “O estagiário mostra a teoria na prática, não tem como colocar sem saber como funciona na teoria”. Por meio dos assuntos abordados na IES, é possível atuar de forma mais segura.

Na terceira semana de prática, pela manhã, tivemos mais uma participação. Havia poucos alunos na academia, pois o horário de pico é sempre à noite. Inicialmente, a pesquisadora, depois de se dirigir a um professor supervisor, foi “malhar” (termo popular para designar a prática exercícios nas máquinas de musculação). Logo depois, uma estagiária foi acompanhá-la para cumprir a prática orientada; ao lado, estava o professor supervisor sempre questionando a estagiária com frases: “Qual o nome desta máquina?”, “para onde vai conduzir a aluna agora?”, “qual a postura correta?” Percebia-se um pouco de insegurança na estagiária, mas, por outro lado, demonstrava uma grande vontade de aprender. Em conversa informal, ela disse que estava gostando bastante do programa, pois “eu já havia passado por outras academias, e não aprendi nada”. A estagiária acrescenta:

Lá eu ficava jogada, o supervisor só respondia ao que eu perguntava, fui para aprender e não aprendi quase nada. Aqui estou tendo orientações, as aulas me davam subsídios para poder atuar durante a semana. Eles me deram uma ficha com o nome de todos os movimentos, daí, quando tenho dúvidas, vou acompanhando o supervisor e anotando, e ele sempre me orienta.

Nessa fala, percebe-se que ela já fazia considerações reflexivas quanto ao aprendizado. Segundo Zeichner (1993, p. 16):

Reflexão também significa o reconhecimento de que a produção de conhecimento sobre o que é um ensino de qualidade não é propriedade exclusiva das universidades e centros de investigação e desenvolvimento e de que os professores também têm teorias que podem contribuir para uma base codificada de conhecimento do ensino.

Durante a semana, a orientação foi de acompanhamento sobre as máquinas e os exercícios, sempre pelo supervisor. Na teórica seguinte (sábado à tarde, presença apenas dos estagiários), houve a junção teoria-prática. À medida que os estagiários iam comentando sobre o aprendizado da semana, iam também executando os exercícios. Fazendo o papel de aluno, o supervisor do estágio que comandava a teoria nesse dia, utilizou uma aplicação prática da teoria. Foram tiradas dúvidas no sentido de tornar uma

prática com mais autonomia para que, na semana seguinte, os estagiários pudessem partir para a prática pedagógica, e não apenas observar. Foi feita uma avaliação teórica, mas as perguntas deveriam ser respondidas no decorrer da semana em forma de revisão de todo o conteúdo. Após a revisão feita no sábado, os alunos comentaram que se sentiram tranquilos em atuar sozinhos durante a semana.

O coordenador da academia responde em entrevista que realizam reuniões periódicas entre os organizadores do programa, e fazem avaliações sobre o desempenho dos estagiários.

Há reuniões semanais (formais) para discussão dos diversos pontos relacionados com o desempenho dos alunos e também com a autocrítica, além de reuniões informais sempre que necessário. O processo de avaliação dos alunos se dá em módulos, em que o aproveitamento é mensurado por meio de avaliações teóricas, dinâmicas de grupo e pela observação diária. Essas avaliações são mensuradas de forma quantitativa e qualitativa, registradas e repassadas aos alunos para que eles estejam cientes da sua evolução (Professor Coordenador).

O encontro teórico seguinte (também no sábado à tarde, presença apenas dos estagiários), abordaram-se conhecimentos sobre biomecânica aplicada, anatomia, cinesiologia e musculação. Esses conteúdos fazem parte dos últimos períodos da IES, e para a prática em academia de musculação, é um dos conteúdos fundamentais para contextualizar a prática. Em entrevista com um aluno do último período da IES, ficou clara a importância da abordagem desse conteúdo em semestres iniciais da formação profissional.

Como inovador, posso falar de uma academia que investe nos estagiários, os profissionais não jogam os estagiários soltos na prática sem informação, eles proporcionam a oportunidade de participar de um estágio que, para mim, foi muito interessante, visto que hoje colho frutos de tudo que aprendi enquanto estive nesta academia. Eles passam quatro meses fazendo um curso em que podemos ter conhecimentos que apenas fui ter nas disciplinas do final do curso na IES, mas lá pude obter no início do meu estágio. Quando cursei a disciplina, já possuía os conhecimentos prévios visto neste estágio e isso para mim foi muito proveitoso, tanto como aluno quanto como futuro profissional (Aluno 2).

A aula não foi apenas expositiva, houve várias intervenções dos estagiários, sempre com interação professor-aluno, com perguntas como “O que vocês acham?”,

“Qual sua opinião a respeito?” Houve também indicação da literatura e de artigos científicos que ficaram disponíveis em um grupo *online*, em que o conhecimento é socializado. Demonstrando o compromisso com os alunos, o supervisor que esteve presente nesse encontro chama a atenção para a segurança na execução dos exercícios e também para alunos que fazem parte do grupo de risco como diabéticos, cardíacos e hipertensos.

A cada semana de prática, os estagiários se sentiam mais seguros; foi visível que durante a semana eles estavam agindo com mais autonomia, porém, como em todo processo de ensino-aprendizagem, havia estagiários que ainda se sentiam inseguros. “Eu sinto dificuldades em algumas temáticas e em outras me sinto melhor, porém de modo geral me considero com dificuldade” (Aluno 3).

O importante no processo é que a presença do supervisor é feita até o final do programa.

Temos também uma preocupação com a receptividade dos estagiários por isso não autorizamos colocar nosso uniforme enquanto eles não estejam preparados, para não haver discriminação, aqui eles vão atendendo por parte, só a partir de um mês e meio de preparação eles atendem o cliente (aluno), então os alunos que estão na academia não conseguem decifrar quem é professor e quem é estagiário, é nossa preocupação em não diferenciar o uniforme para que não haja discriminação por parte dos alunos com nossos estagiários, e durante toda formação eles estão sempre acompanhados por supervisores na sala de musculação (Proprietário).

Embora os alunos da academia conheçam os profissionais formados, não evitam ser atendidos pelos estagiários, pois os alunos sabem do programa e do compromisso do proprietário, do coordenador e do supervisor em autorizar que o estagiário tenha autonomia no interior da academia quando realmente já passaram por duas avaliações e por mais de um mês de apenas acompanhamento. Sabem também que, em caso de dúvida, devem recorrer ao supervisor.

O estágio desde 2010, nesta academia, é dividido em duas situações, uma prática e a questão teórica, e ao longo do tempo estamos cada vez mais aperfeiçoando. Hoje estamos dividindo em três módulos. Passamos conhecimentos sobre biomecânica, prescrição de exercícios e incluímos também a parte de avaliação física, então, a partir dessa fundamentação, os estagiários passam por avaliação e daí, então, podem aplicar na prática. No início, os estagiários recebem informações sobre procedimentos de atendimento, anamnese, tudo

antes de ter o trato com os alunos. Quando sentimos um pouco de segurança, eles recebem o fardamento da academia e passam a atender (Professor Supervisor).

Os estagiários são orientados a agir sozinhos em suas tarefas. Simpatia e cordialidade são exigências da academia. O supervisor chama a atenção para o fato de que “fisiologia vocês vão aprender na IES, o conhecimento da aparelhagem também, porém o atendimento é o diferencial que atrai o aluno e faz com que ele confie mais em você”.

Possibilitamos também que os estagiários possam vivenciar item por item de uma melhor forma de atendimento, para uma boa superação e uma boa fundamentação teórica para que o estagiário domine esse conjunto de conteúdos da prática da musculação na academia de ginástica (Proprietário).

Ao completar mais de três meses de acompanhamento tanto nas teorias aos sábados quanto no decorrer da semana, encerrou-se a investigação no momento da segunda avaliação teórica do programa. A avaliação realizada foi em grupo, sem atribuição de notas. Depois de determinado tempo para as respostas, foi aberta a correção também em grupo. A cada pergunta, um grupo respondia e o outro concordava ou discordava, abrindo assim o debate na sala para discussão, socializando o conhecimento. As dúvidas serviram como indicativo para mais estudos; por mais que recebam orientações, passem por simulações de prática, sempre haverá momentos em que os estagiários terão de tomar decisões, pois no cotidiano, as situações vão aparecendo, não existe “receita de bolo”. A segurança surgirá ao longo da caminhada, porém, após várias semanas de acompanhamento, ficou claro o salto qualitativo na aprendizagem dos estagiários.

Os estagiários reconhecem a própria presença e seu papel no local de estágio, transformando sua participação, mesmo por um período pequeno, em espaço de conquista e de negociação (PIMENTA; LIMA, 2009).

Tive a oportunidade e a satisfação de ter contato com profissionais competentes tanto na IES quanto no estágio. Esses contatos foram-me dando subsídios para poder construir programas diários sólidos. Considero inovador ter participado de um estágio em que pude me capacitar por meio de conhecimentos que foram divididos em módulos de aprendizagem de forma racional, que me deram ferramentas para minha formação (Aluno 1).

Imaginemos uma ponte móvel, bastante instável, em que os estagiários vão passar, de um lado, o desejo de vencer o obstáculo; no meio, o caminho inseguro e desconhecido; do outro, o início da vida profissional. Perceber essa distância, fazendo uma analogia entre o discurso teórico e a prática pedagógica, tornará sua trajetória de forma mais segura, correlacionando com novos contextos de aprendizagem de uma prática com qualidade, rompendo com rotinas, considerando a aprendizagem de forma significativa. Dessa forma a contribuição do estágio para o futuro profissional o levará a uma prática autônoma e inovadora.

No momento em que os estagiários deparam com supervisores em locais como academias de ginástica, que propiciam a problematização de situações de aprendizagem, esses orientadores estarão facilitando o processo de aprendizagem dos estagiários, pois eles chegarão à conclusão do que estão fazendo, o significado do que fazem, como e por que estão fazendo e como poderiam fazer uma prática pedagógica diferente.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS ESTÁGIOS CURRICULARES OBRIGATÓRIOS DO CURSO DE BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

#### **Sobre os estágios**

Esta investigação tem o objetivo de tecer análises sobre a prática pedagógica dos estagiários do curso de Bacharel em Educação Física. Durante anos e ainda hoje, observa-se uma tendência tradicional no trato com os estágios supervisionados, por meio de um contexto em que, cumprir as leis e a burocracia de preenchimento de fichas e relatórios seria o suficiente para considerar o estagiário apto a exercer sua função prática nas áreas de intervenção do profissional graduado. No entanto, a demanda do mercado, principalmente em academias de ginástica, vem sofrendo as influências de uma sociedade globalizada e apresentando novos padrões de comportamento, que exige de um estagiário, mesmo em formação, atitudes que demonstrem, entre outras qualidades, padrões de bom atendimento, mais habilidade e capacidade de resolução de problemas.

Vários são os desafios que as IES necessitam superar para fazerem ingressar no mercado de trabalho os profissionais com uma prática pedagógica diferenciada.

Na sociedade atual, percebe-se a exigência, no contexto universitário, de que os currículos dos cursos superiores estejam sintonizados à realidade para o qual se prepara o futuro profissional. Nesta perspectiva, os estágios são observados como importantes campos de treinamentos, espaços de aprendizagem do fazer concreto, em que um rol de situações, envolvendo a atuação profissional se apresenta para o estagiário, em vista da sua formação (MARINHO; SANTOS, 2012, p. 236).

Na virada do século XX para o século XXI, um grande número de alunos ingressa nas IES de Educação Física, tendo vivido experiências em academias, trazendo uma bagagem experimental. Isso tem contribuído também para que, inicialmente, ao cursarem a disciplina de estágio, eles se identifiquem com mais facilidade com práticas anteriores voltadas para academias, bem como com visão no mercado, prevendo futura contratação. Por outro lado, as academias de ginástica têm crescido bastante,

encontramos em todos os bairros a abertura de estabelecimentos. Algumas mais antigas aumentando a quantidade de máquinas e ampliando os espaços, o que abre portas para novos estagiários. No entanto, a absorção tem sido diferenciada, muitas pedem o currículo do aluno, histórico da IES, fazem entrevistas; tem havido seleção em busca de estagiários que ofereçam um diferencial.

Com a possibilidade da abertura de mercado, tem crescido também os cursos de Educação Física. Na cidade do Recife, são em torno de oito IES entre públicas e privadas, oferecendo ao mercado, mais de 200 profissionais por semestre, e a cada seis meses, mais alunos chegam aos períodos de frequentarem os estágios. Concluindo, há muitos estagiários no mercado, mas apenas serão absorvidos os que demonstrem mais conhecimentos, capacidade de resolução, os que atuem com uma prática refletida e justificada. O ensino nas IES vem sofrendo mudanças para atender à demanda do mercado em formar sujeitos capazes para atender ao mundo do trabalho.

A educação superior passa por uma reestruturação para atender as novas demandas que se referem desde as necessidades de maior escolarização, das inovações e transformações no mundo do trabalho, até as exigências atuais de maior eficiência de produtividade. Associado a isso se encontra o papel crescente do conhecimento na sociedade, em que exige cada vez mais qualificação do trabalhador devido às inovações tecnológicas (NASCIMENTO; FRANÇA, 2011, p. 176).

No seio da IES investigada, observou-se uma postura diferenciada dos professores no trato com o conhecimento acerca dos estágios. Atentos para as exigências do mundo moderno, no momento de sala, os professores têm abordado com os alunos textos, capítulos de livros que estimulem o repensar na prática. Observou-se, também, o incentivo à pesquisa, mostrando aos estagiários as possibilidades e a riqueza que eles têm em produzirem artigos científicos, produção principalmente de relatos de suas práticas bem-sucedidas, como também de estudos reflexivos.

Porém, a história nos conta que nem sempre houve um olhar de pesquisa e investigação que apontasse para novos caminhos que levassem os estagiários a uma epistemologia da prática.

Na década de 1930, começaram os cursos de Educação Física no Brasil. A formação inicial previa um profissional que seguisse os métodos calistênicos e militaristas da escola francesa.

Finalmente a 17 de abril de 1939, cria-se a Escola Nacional de Educação Física e Desporto, integrando a Universidade do Brasil, em cujo currículo encontra-se a cadeira de Metodologia da Educação Física por intermédio da qual ensina-se unicamente o método Francês (MARINHO, 1940, p. 89).

Nessa época a Educação Física era praticada no sentido utilitarista de melhoria da raça e para a pequena população que tinha acesso à escola adquirir hábitos higiênicos.

Somente nos anos 1960, foi possível verificar a introdução da disciplina de Prática de Ensino, que cumpria com a função de orientação curricular como: planos de aula, planejamentos e uma prática mínima observada pelo professor que ministrava a disciplina.

Houve mudanças na virada do século que implicaram uma nova visão com relação aos estágios. Uma delas foi a abertura de vários cursos Superiores de Educação Física na capital e no interior de Pernambuco bem como a divisão do Curso Superior de Educação Física, em Licenciados e Bacharéis, havendo também a determinação das áreas de intervenção em que atuaria cada estudante.

Em 2004, fica determinado que os alunos que cursam Licenciatura em Educação Física atuariam apenas em área escolar, e os alunos que cursam Bacharelado em Educação Física atuariam nas áreas de esporte, lazer e saúde. Dessa forma foram encaminhados os estágios nas IES.

Hoje em dia, o estágio, além de disciplina, é regulamentado pela Lei Federal n.º 11.788/2008, que instrui as IES e os estabelecimentos que recebem os alunos para a prática do Estágio Curricular Obrigatório.

Art. 1.º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008, p. 7).

Os estágios podem ser Curriculares Obrigatórios (executados como disciplina) e Não Obrigatórios (executados de forma livre pelo estagiário). Para a realização dos estágios, é obrigatório que sejam acompanhados por profissionais habilitados.

Na visão de muitas IES, o cumprimento da carga horária e das exigências da Lei é o único requisito oferecido para os alunos. Passando apenas por entender esse espaço como único para pôr em prática as teorias da sala de aula vividas nas demais disciplinas, sem haver nenhum acompanhamento, discussão, leituras e interpretação de textos sobre práticas pedagógicas, nem tão pouco pesquisar sobre o assunto.

O estágio, no entanto, não se faz por si só, ele é uma reunião de abordagens de todas as disciplinas do curso, no momento em que os alunos, a partir do 4.º período, partem para a observação de práticas, eles já estão sendo inseridos no campo prático, reunindo os vários momentos vivenciados na IES. Pimenta e Lima (2009) observam que o ideal seria fazer coincidir o início dos estágios com o início do curso por meio de uma prática diferenciada, orientada pelos professores e supervisores, pois possibilitaria a união da teoria e prática, evitando, assim, o distanciamento para a correlação entre os saberes, uma vez que, na maioria das IES, os alunos apenas começam os estágios no 4.º período.

Poderá ocorrer, portanto, desde o início do curso, possibilitando que a relação entre os saberes teóricos e os saberes da prática ocorra durante todo o percurso da formação, garantindo, inclusive, que os alunos aprimorem sua escolha de ser professores a partir do contato com as realidades de sua profissão (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 56).

Porém, esse seria apenas um ideal, pois não há possibilidade de tal afirmação ocorrer, pois esbarramos nas leis que regulam o estágio curricular obrigatório, afirmando ser possível o início do estágio em intervenção somente após a segunda metade do curso.

Para esse processo, várias pessoas estão inclusas: os professores da IES, responsáveis pela disciplina, os proprietários dos locais de estágio, os supervisores, os alunos que participarão da prática, os colegas, entre outros.

O estágio se constitui num momento de construção coletiva e bastante aprendizado para o estagiário, pois, é com um bom acompanhamento que o estagiário poderá sentir-se seguro para iniciar sua prática pedagógica.

Inicialmente, eles passam por uma expectativa: Como serei recebido? Será que vou saber corresponder às expectativas do aluno? Como atuar corretamente? São questionamentos verificados na turma que inicia os estágios. Essas inquietações são constantes a cada semestre, principalmente quando estão sendo dirigidos a um novo

estágio, pois a cada nova área de atuação, surgem as dúvidas e os receios. Nesse momento a presença do professor orientador é fundamental para indicações, muitas vezes intercedendo nos locais de estágio para que aquele estagiário possa intervir. Os professores também alertam para que ele não esqueça que estão ali exatamente para aprender e por meio da prática orientada, a insegurança será minimizada.

As informações que os estagiários recebem em sala de aula na IES reduzem tais questionamentos. A apresentação é feita por uma carta, em que a IES indica o estagiário para o estabelecimento escolhido na lista de convênios já estabelecidos, sendo possível a abertura de outros convênios, assim deseje o estagiário. Eles são orientados para todo o proceder: vestimenta adequada, o uso de termos técnicos, pontualidade, iniciativa, ética profissional, entre outros. No trato com os alunos, devem sempre procurar atendê-los de forma cortês, e estando em dúvida, devem dirigir-se ao supervisor. Mesmo com todas as orientações, é impossível prever todas as situações cotidianas, pois os saberes dos professores não são simplesmente transferidos, segundo Freire (1996, p. 26) comenta quando abordou sobre o ensinar:

Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos.

Em muitos casos, o acompanhamento do supervisor é quase inexistente, vários proprietários usam os alunos como “escravidários”, pois jogam os alunos, sem a devida orientação, para ocuparem o lugar de professores, à custa de pequenas bolsas como engodo de uma função para que ainda não estão preparados. Isso ocorre, principalmente, nos estágios curriculares não obrigatórios em que não há acompanhamento dos professores das IES.

Em busca de novos caminhos, os estagiários devem configurar esse espaço como construção de sua ação de forma refletida, na mobilização dos saberes disciplinares tratados na IES que serão transformados em ação, em prática. Assim, a práxis pedagógica é transformadora, pois quando há o diálogo entre a reflexão e a prática, o processo de aprendizagem ocorre de forma eficaz.

É preciso compreender que o profissional reflexivo proporciona a valorização de saberes experimentais e significativos, e é essencial que processualmente sejam reorganizadas as suas práxis de ensino. No entanto, somente uma reflexão sistemática e continuada é capaz de promover uma práxis de ensino transformadora (SANTOS; FRANÇA, 2011, p. 221).

Não há “receita de bolo”, a prática será sempre senhora das situações, um espaço eclético, onde o estagiário deverá apresentar os conhecimentos teóricos e seu dinamismo para resolver os dilemas. Conforme argumentaram Pimenta e Lima (2009, p. 43):

Neste processo o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

Dessa forma o estagiário estará contribuindo, também, para a formação da sua identidade como futuro profissional, nos momentos de mobilização dos saberes disciplinares, experienciais, curriculares e do conhecimento, entre outros, necessários à atuação (PIMENTA, 2007; TARDIF, 2002). Por meio dessa mobilização prática, ele se identificará com a sociedade, com profissionais, com o mundo do trabalho e terá a noção do que ele deseja para sua vida profissional. Surgirão questionamentos: Em que área de intervenção quero me especializar? Que tipo de conduta vou ter com meus alunos? O que não quero para minha prática? Nas rodas de conversa em sala de aula, esses dilemas foram expostos.

O estágio curricular obrigatório não é simplesmente uma experiência prática vivida pelo aluno da formação inicial, mas uma oportunidade para refletir, sistematizar e praticar a teoria e os instrumentos discutidos durante o curso.

O objetivo é oferecer ao futuro graduado em Educação Física um conhecimento do real em situação de trabalho, isto é diretamente em instituições e locais formais e informais que oportunizem a prática de exercícios e de atividades físicas, recreativas e esportivas, nas perspectivas da prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e da reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, entre outras (BRASIL, 2004a, p. 13).

É previsto pelo Conselho Nacional de Educação que os estágios sejam um momento de realidade, de vivência que prepare o graduando para o mundo do trabalho.

Nem sempre os estágios se constituem dessa forma, os rizomas do tradicionalismo perduram mantendo apenas como obrigação da lei. Há também acomodação e falta de interesse de algumas IES que não querem investir em professores de estágio. Estudos e pesquisas ainda estão engatinhando, poucos são os professores que investem nesta área. Como aponta Zeichner, os professores não recebem incentivos financeiros, nem do status como disciplina Estágio.

A maior parte das vezes assumem a supervisão dos futuros professores além de tudo o que já faziam antes e frequentemente com poucas ou mesmo nenhuma compensações por parte da universidade. Os supervisores universitários têm também muito pouco incentivos para oferecerem uma supervisão de alta qualidade, devido ao baixo estatuto deste trabalho em muitas instituições de ensino superior e universidades (ZEICHNER, 1993, p. 63).

Esse fato também ocorre nas academias, onde nem sempre os supervisores querem orientar os estagiários por já assumirem uma carga de trabalho grande diariamente e não receberem incentivo dos proprietários. Participando das rodas de conversa na sala de aula da IES, como também em conversas com os estagiários de outras instituições, surgiram fatos que comprovam a teoria citada.

Contudo, houve relatos que testemunharam exatamente o contrário. Em vários depoimentos dos estagiários, verifica-se que muitos supervisores, independentemente da carga de trabalho, colocaram-se à disposição para mediação dos conhecimentos dos estagiários. Nessa atitude não se percebeu nada no sentido de serem diferentes ou mesmo “bonzinhos”; foi por acreditarem na ação de humanidade, concordando exatamente com o que Freire (1987, p. 62) aconselhou:

Do pensar autêntico e não no sentido de doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador. Isto tudo exige dele que seja um companheiro dos educandos, em suas relações com estes.

Companheiros no partilhar, como incentivadores para a consulta, para a elaboração de artigos científicos e participação de pesquisas e grupos de estudo.

## No contexto inovador

É possível transformar a carga horária prática dos estagiários em estudos das suas práticas. Encontra-se, assim, uma forma de transformar a indissociabilidade entre teoria e prática, levando as discussões para os pares, socializando o conhecimento produzido por eles mesmos, fazendo, segundo Schön (1992), uma reflexão-sobre-ação. É uma possibilidade ao alcance dos professores orientadores das IES.

O estágio abre possibilidades para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisa para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observada nas escolas, nos sistemas de ensino e nas demais situações que estimulem, a partir dessa vivência, a elaboração de projetos de pesquisa a ser desenvolvidos concomitantemente ou após o período de estágio (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 51).

Perceber o estágio numa perspectiva inovadora estará sempre quebrando regras, ultrapassando barreiras para além da prática institucionalizada, conforme Fino e Sousa (2011, p. 34) afirmam: “a inovação pedagógica passa por uma mudança na atitude do professor, que presta maior atenção à criação de contextos de aprendizagem para os seus alunos do que aquela que é tradicionalmente comum”. O estágio como disciplina na IES abre uma relação de conhecimentos para os graduandos, é um lugar de discussão e aprofundamento de teorias que abrangem toda a grade curricular. Cabe aos professores que a ministram entender a riqueza de possibilidades que eles podem mobilizar para torná-la de forma inovadora.

Com a chamada da atenção dos graduandos para uma prática diferenciada, em novos contextos de aprendizagem, entende-se que se está contribuindo para que o estagiário possa procurar um supervisor comprometido com a mediação dos conhecimentos práticos e teóricos, nos locais de estágio, e até mesmo possam ambos, de forma crítica, verificar as experiências bem-sucedidas e as sem êxito.

Dessa forma, o estagiário de hoje, como futuro profissional amanhã, não se deve limitar a reproduzir formas tradicionais de acompanhamento. À medida que toma consciência da necessidade de que hoje precisa dessa mediação, amanhã também o fará. Fino e Sousa (2011) comentam que a participação dos sujeitos convivendo com práticas inovadoras no sentido hermenêutico poderá ter um papel emancipador para adquirir uma prática diferenciada na sua vida profissional.

Entende-se que esse conjunto de reflexões no contexto da Inovação Pedagógica pode representar ruptura com o pensamento educacional tradicional, trazendo à tona a realidade construtiva, transformando a prática pedagógica do professor, de maneira que os aprendizes possam construir de forma significativa, crítica e reflexiva seu conhecimento.

### **Sobre a investigação**

Após toda a justificativa citada anteriormente, fez-se uma “garimpagem” em busca de uma prática pedagógica que pudesse confrontar-se com a linha da inovação pedagógica em que fosse possível verificar “especialistas na criação das condições que permitem que a matemática, que é a arte de aprender, assuma o comando das situações” (FINO, 2011, p. 111).

O tema Estágio não vem sendo estudado na cidade de Recife. Na busca por uma prática que assuma as características da linha de inovação pedagógica, encontrou-se, por meio de depoimentos dos estagiários da IES investigada, uma academia de ginástica com uma proposta diferenciada. No estudo de caso realizado, ainda se verificou ser possível encontrar profissionais e proprietários comprometidos com uma prática de estagiários para além do singular momento passageiro de cumprimento de uma carga horária, e que desejam partilhar o conhecimento.

O olhar popular aos estagiários é sempre aquele do “faz tudo”, do “serviço pesado”. Há até uma propaganda de uma rede de TV nacional que expõe a figura do estagiário como aquele que tem de fazer tudo, e não tem direito a nada. Esses equívocos se desfazem à medida que os estagiários são orientados nas IES quanto a seus direitos e deveres, constituídos sob uma lei federal e ainda fiscalizados pelo Ministério do Trabalho e Conselho de Educação Física.

A investigação procurou descobrir se existem práticas pedagógicas inovadoras no estágio supervisionado em Educação Física, e a esse questionamento, fez-se a interpretação do estudo de caso realizado numa academia de ginástica situada na cidade de Olinda, que oferece um programa de estágio para alunos do curso de Educação Física da cidade do Recife.

O programa surgiu da ideia do coordenador e do proprietário da academia, ou seja, não foi induzido, partiu de um processo de dentro, que sentiu a necessidade de

oferecer um acompanhamento mais específico aos estagiários, uma vez que os que chegavam à procura de local para cumprimento de sua carga horária apresentavam algumas deficiências, ora no atender, ora no colocar em prática os conhecimentos disciplinares das IES. A cada entrada e saída de estagiário, surgia o problema de ter que repassar todas as informações. Após o programa, a rotatividade diminuiu e as informações e os conhecimentos foram mediados em grupo, e não individualmente como antes, por meio de um curso teórico e prático. Para essa logística, os estagiários tomam conhecimento por informações na própria IES.

Realizaram-se várias reuniões para elaboração do programa que consta de três módulos de aprendizagem. Todos os envolvidos no programa passaram por esse dilema como graduandos e tiveram de batalhar bastante pelo acompanhamento de supervisores. Portanto, tenta-se minimizar essas questões oferecendo de forma inovadora “uma opção de aprendizado partindo de um diferencial, em que o aluno vai para aprender e sai sabendo” (Proprietário).

O acompanhamento do programa foi feito de um modo que permitiu acesso a todas as informações, sem nenhuma restrição, podendo eu participar ora como estagiária do programa, ora como aluna da academia, sendo atendida pelos estagiários em curso. Igualmente na IES, que também abriu as portas para o acesso a fichas de acompanhamento, termo de compromisso, participação nas aulas teóricas, na ementa da disciplina Estágio e no programa do curso.

Realizaram-se 18 visitas na academia para que a interpretação dos fatos constasse com um olhar de dentro, de alguém que se pôde apropriar da cultura do local e do acompanhamento que os estagiários recebem.

No primeiro momento, as visitas foram feitas às salas de aula, momento em que se expôs a proposta aos alunos, onde houve inscrições para quarenta alunos interessados no programa, apresentaram-se os objetivos, os conteúdos teóricos e práticos que seriam vivenciados, o valor da inscrição e mostrou-se a procura do mercado.

No segundo momento, os alunos participaram de uma reunião pré-marcada para início do curso e distribuição dos horários em que os alunos passariam a estagiar durante a semana. Houve uma flexibilidade que facilitou a vida acadêmica não prejudicando as horas necessárias de estudo que os alunos precisavam para suas tarefas acadêmicas; ao contrário de outras academias que procuram utilizar o máximo possível dentro da lei, que é de seis horas diárias.

As aulas teóricas eram aos sábados após o fechamento da academia para os clientes, e as práticas pedagógicas durante a semana, conforme disponibilidade dos estagiários. O acompanhamento na academia foi dado de agosto a outubro e na IES de agosto a novembro de 2012.

Como o programa é oferecido para várias IES, houve contato com estagiários de outras instituições além dos estagiários da IES investigada, assim como depoimentos não gravados em que teceram elogios ao programa uma vez que em outros locais não aprenderam o que estavam aprendendo ali: “Nunca me ensinaram nada disso” (Estagiário).

O conteúdo oferecido no programa da academia visou exclusivamente estágios em musculação. Os módulos eram divididos em: Atendimento, Prescrição de Exercícios e Avaliação Física. Na IES, esse é um conteúdo visto em disciplinas dos últimos períodos do curso, daí o déficit dos estagiários no início dos estágios, corroborando França (2011) quando afirma que os saberes teóricos na formação inicial configuram-se como acadêmico-formais, que necessitam ser postos em prática para que haja uma compreensão racional.

Como a procura por estágios em academias de ginástica, principalmente em musculação é grande, o programa procura atenuar esse distanciamento oportunizando aos estagiários de forma inovadora a mediação dos conhecimentos necessários a uma prática pedagógica significativa, fornecendo ferramentas que propiciam ao estagiário, à luz das teorias, uma prática construtiva.

No sábado, os estagiários recebiam de forma teórica os conhecimentos em aulas expositivas, simulações práticas na sala de musculação, dramatização, estudos em grupo, leitura de textos, palestras de profissionais convidados. Durante a semana, sempre acompanhados pelo supervisor, eles iam à prática pedagógica, inicialmente sem intervenção até que, após avaliação do coordenador, passavam a vestir a camisa da academia e podiam intervir com os alunos. Ressalte-se, porém, que sempre há um professor formado presente na academia, exigência do CREF, sofrendo sanção se houvesse descumprimento.

Na IES investigada, o programa de estágio se dá após o 4.º período, porém apenas com observação; as intervenções vão do 5.º ao 8.º período. A carga horária total a ser cumprida é de 400 horas. Ela se distribui nos períodos em 80 horas, porém com 60 horas para a parte prática e 20 horas para discussão em sala. Os alunos participam

semanalmente de encontros com os professores de estágios que elaboram suas aulas, acompanhamento, entrega de fichas (parte burocrática) como também há uma sequência de material que auxiliam as práticas.

No estágio I – como apenas é de observação, os estagiários participam de estudos dirigidos, leitura de textos, roda de conversa, tendo os assuntos abordados sido identidade profissional por meio dos saberes necessários à prática pedagógica, competências, leis de estágio, professor reflexivo, entre outros. Na prática, eles passam a observar duas modalidades diferentes. Nos estágios a seguir, os alunos vão para a intervenção e são encaminhados na IES a abrirem o rol de conhecimentos, passando pela prática nas três áreas de intervenção do profissional graduado, que são: Esporte, Saúde e Lazer. Em todos os períodos, há a teorização de acompanhamento didático, apresentação de planejamentos, planos de aula, e, por último, um relato de experiência, em que apontam as práticas pedagógicas de maior êxito para sua vida profissional.

Conclui-se que os alunos da IES investigada, que passam pelo programa da academia de ginástica, realizaram uma prática pedagógica no estágio supervisionado de forma inovadora. É evidente que, neste processo, ganham todos, a academia que, além de partilhar o conhecimento, passa quatro meses com estagiários capacitados no seu dia a dia, igualmente os estagiários que têm a possibilidade de estagiar e aprender. O proprietário e o coordenador mostraram uma pesquisa realizada por eles que aponta o sucesso do programa, pois todos que passaram pelo programa conseguiram ocupar lugar de destaque em outras academias.

Ideal seria que todos os estagiários pudessem receber um acompanhamento que significasse aprendizado para sua vida profissional, que as academias olhassem o estagiário como uma via de mão dupla, pois no momento em que passam por descaso numa instituição, levarão a imagem de um local que não se preocupa com a prática pedagógica orientada dos seus estagiários enquanto os que receberam acompanhamento, sempre tecerão elogios. Na participação das rodas de conversa na sala, verificou-se que existem academias que fazem orientação, porém não tão específica quanto a investigada.

Quanto à IES investigada, confirmou-se um compromisso com os futuros profissionais, na medida em que, além das burocracias exigidas pela lei, não desconsiderando sua importância, o preenchimento das fichas de acompanhamento diário servirá como subsídio para elaboração do relatório, bem como a celebração do

Termo de Compromisso e a apólice de seguro garantirão segurança e estabilidade no cumprimento do estágio do aluno. Por meio dos vários autores citados neste trabalho, verificou-se a importância que pode e deve ser dada à disciplina Estágio, que os encaminhamentos possíveis na sala de aula não se restrinjam ao formal, mas que sirvam como ampliação para cada dia mais despertar os graduandos para a necessidade de busca por mais conhecimento, que possam fazer de seus saberes disciplinares uma transformação para uma prática social e refletida para uma atuação profissional segura e justificada.

Os estagiários, como ainda estão em formação, terão um longo caminho para traçar e construir sua identidade profissional, porém será com a experiência bem-sucedida na vivência de seu estágio que sentirão a necessidade de uma prática que, hoje, se encontra como inovadora, pois ainda há presença de práticas tradicionais.

Esperamos que num futuro a inovação a que se propõe esta investigação seja uma constante na prática profissional, que os estagiários sejam os futuros profissionais comprometidos com o partilhar e mediar conhecimentos, entendendo que seus alunos são os sujeitos principais neste processo de ensino e aprendizagem para qualquer que seja sua área de atuação; e no momento em que recebam os estagiários para cumprimento da carga horária das IES, não se neguem em compartilhar e mediar a orientação para uma prática pedagógica de novos aprendizes.



## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luiz Antero e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1997.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES). Parecer CNE/CES n.º 109/2002. Consulta sobre aplicação da Resolução de carga horária para os cursos de Formação de Professores. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 13 maio 2002, Seção 1, p. 21.

\_\_\_\_\_. Parecer n.º 58, de 18 de fevereiro de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 mar. 2004a. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2004/pces058\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2004/pces058_04.pdf)>. Acesso em: 19 ago. 2009.

\_\_\_\_\_. Resolução n.º 7, de 31 de março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v. 1, p. 18, 2004b. Disponível em: <[http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra\\_lei.asp?ID=5](http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra_lei.asp?ID=5)>. Acesso em: 19 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. **Nova cartilha esclarecedora sobre a Lei do Estágio**: Lei n.º 11.788/2008, de 25 de setembro de 2008. Brasília: MTE, SPPE, DPJ, CGPI, 2008. Disponível em: <[http://www.mte.gov.br/politicas\\_juventude/cartilha\\_lei\\_estagio.pdf](http://www.mte.gov.br/politicas_juventude/cartilha_lei_estagio.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2012.

BURIOLLA, Marta A. Feiten. **O estágio supervisionado**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Formação superior em educação física: considerações à luz das diretrizes curriculares nacionais e do documento de intervenção do Confef. **Revista E. F.**, n. 15, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3571>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

CUNHA, Maria Isabel. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara, SP: JM Ed, 1998.

FINO, Carlos Nogueira. **Convergência entre a teoria de Vygotsky e o construtivismo/construcionismo**. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa, 2004.

\_\_\_\_\_. FAQs, etnografia e observação participante. **SEE: Revista Europeia de Etnografia da Educação**, n. 3, p. 95-105, 2003.

FINO, Carlos Nogueira. O futuro da escola do passado. In: SOUSA, Jesus Maria; \_\_\_\_\_ (Org.). **A escola sob suspeita**. Porto: ASA, 2007.

\_\_\_\_\_. Inovação pedagógica: significado e campo (de investigação). In: MENDONÇA, Alice Mendonça; BENTO, António V. (Org). **Educação em tempo de mudança**. Funchal: Grafimadeira, 2008.

\_\_\_\_\_. Inovação pedagógica, etnografia, distanciação. In: \_\_\_\_\_. **Etnografia da Educação**. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa, 2011. p. 99-118.

\_\_\_\_\_. Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, n. 2, p. 273-291, 2001.

\_\_\_\_\_; SOUSA, Jesus Maria (Org.) **Pesquisar para mudar (a educação):** investigação em inovação (em educação). Funchal: Universidade da Madeira, CIE/UMa, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica F. Dança, diversidade e inclusão social: sem limites para dançar. In: TOLOCKA, Rute Estanislava; VERLENGIA, Rosângela (Org.) **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIMENO SACRISTÁN, José. \_\_\_\_\_. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio. **Profissão professor**. Porto: Porto Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Tradução Ernani F. da Fonseca. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. **La pedagogía por objetivos: obsesión por la eficiencia**. 6. ed. Madrid: Morata, 1990. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=REUWyfiAnsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

\_\_\_\_\_ et al. **Educar por competências: o que há de novo?** Porto Alegre: Artmed, 2011.

KRUG, Hugo N; SILVA, Márcio S. A opinião discente sobre o estágio curricular supervisionado em educação física na UFSM. **Revista Digital**, Buenos Aires, año 13, n. 119, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd119/estagio-curricular-supervisionado-em-educacao-fisica.htm> acesso em 10/01/2012>. Acesso em: 19 mar. 2012.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos et al. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2010.

MARINHO, Alcyane; SANTOS, Priscila M. Estágios curriculares nos cursos de bacharelado em educação física. In: NASCIMENTO, Juarez; FARIAS, Gelcemar. **Construção da identidade profissional em educação física: da formação à intervenção**. Florianópolis: Ed. da Udesc, 2012.

MARINHO, Inezil P. **História da educação física no Brasil**. São Paulo: Cia Brasil Ed., 1940.

MARTINS, Joel. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, Ivani (Org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MASETTO, Marcos Tarcisio. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MONTEIRO, Ana Maria C. Professores: entre saberes práticas. **Educação e Sociedade**, ano 22, n.74, p. 121-142, abr. 2001.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

NASCIMENTO Juarez; FARIAS, Gelcemar. **Construção da identidade profissional em educação física: da formação à intervenção**. Florianópolis: Ed. da Udesc, 2012. (Temas em Movimento, v. 2).

NASCIMENTO, Laissa M. S.; FRANÇA, Robson Luiz de. Ensino superior e mercado de trabalho. IN: FRANÇA, Robson Luiz de (Org). **Inovação pedagógica na educação brasileira: desafios e modernização na práxis educativa**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2011.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**: temas da educação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. **Profissão professor**. Porto: Porto Ed 1999.

PAPERT, Seymour. **A família em rede**: ultrapassando barreiras digital entre gerações. Tradução Fernando J. S. Nunes e Fernando A. B. L. e Melo. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

PAPERT, Seymour. **LOGO**: computadores e educação. Tradução José Armando Valente. São Paulo: Brasiliense, 1980.

\_\_\_\_\_. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. Competências ou pensamento prático?: a construção dos significados de representação e de ação. In: GIMENO SACRISTÁN, José et al. **Educar por competências**: o que há de novo? Porto Alegre: Artmed, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Tradução Nathanael C. Caixeira. Paris: Presses Universitaires de France, 1985a.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1985b.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. (Org). **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e docência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROESCH, Silvia M.A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**: guia para estágios, trabalhos de conclusão de curso, dissertação e estudo de caso. 3, ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, Dilce M.; FRANÇA, Robson Luiz. A práxis pedagógica e o discurso da inovação da educação. In: FRANÇA, Robson Luiz de (Org.). **Inovação pedagógica na educação brasileira**: desafios e modernização na práxis educativa. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2011.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivo. In: NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**: temas da educação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SOARES, Carmen. **Educação física: raízes européias e Brasil.**- 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SOUSA, Jesus Maria. **O professor como pessoa.** Lisboa: Edições ASA, 2000.

\_\_\_\_\_. Trabalho docente: contextos e práticas: professor de outrora, professor de agora. In: CONGRESSO DA SPCE. INVESTIGAR, INOVAR E DESENVOLVER: DESAFIOS DAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, 11., 2011, Guarda. **Actas...** Guarda: Instituto Politécnico da Guarda, 2011. ISBN: 978-972-8681-35-7. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/jesusousa/Publicacoes/66TrabalhoDocenteContextosePraticas.pdf>>.

STAKE, Robert E. **The art of case study research.** Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M.; SILVA, K .A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, v. 11, n. 4, p. 7-12, out.-dez. 2003. Disponível em: <[http://www.aleixo.com/arquivos/artigos\\_ptg/Ader%C3%Aancia%20e%20manuten%C3%A7%C3%A3o%20da%20pr%C3%A1tica%20de%20exerc%C3%ADcios%20em%20academias.pdf](http://www.aleixo.com/arquivos/artigos_ptg/Ader%C3%Aancia%20e%20manuten%C3%A7%C3%A3o%20da%20pr%C3%A1tica%20de%20exerc%C3%ADcios%20em%20academias.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 21, n. 73, p. 209-244, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302000000400013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000400013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 mar. 2012.

TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro.** Tradução Marcos A. M. Matos. São Paulo: Artenova, 1972.

\_\_\_\_\_. **A terceira onda.** Tradução João Távora. Rio de Janeiro: Record, 1980.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

YIN, Robert K. **Estudos de casos: planejamento e métodos.** Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



## **APÊNDICE A – Transcrição das entrevistas**

### **DONO DA ACADEMIA- Professor José de Souza Cruz**

Sou formado pela UFPE, possuo especialização pela Gama Filho, sou proprietário de duas academias e exerço minha profissão há mais de dez anos.

#### 1- A Academia obedece a Lei de Estágio?

Como gestor da Academia, procurei junto aos órgãos regulamentares: Faculdades, Cref, fazer toda a regulamentação não só para o estágio, mas para que a empresa esteja regulamentada perante o Conselho e perante a Legislação

#### 2 - A Academia prepara os estagiários? Há algum programa específico?

Fazemos esse trabalho em que havia uma lacuna no mercado, existia uma demanda de profissionais despejados no mercado sem ter preparação técnica. Normalmente é o que acontece com outras Instituições, não promovem curso nem palestras específicas para os Estagiários. Com o professor André Pirauá, elaboramos um conjunto de ações teóricas e práticas vivenciadas numa academia e daí surgiu nosso Programa de Estágio, em que os estagiários recebem instruções teóricas e práticas, ou seja a teoria aplicada. Possibilitamos também que os estagiários possam vivenciar item por item de uma melhor forma de atendimento, para uma boa superação e boa fundamentação teórica a fim de que o estagiário domine esse conjunto de conteúdos da prática da musculação na Academia de Ginástica.

#### 3- Qual a importância de ter um estagiário preparado?

Primeiramente a gente tem uma preocupação de ter uma qualificação boa, que não existia, então a gente resolveu treinar visando o sucesso dos estagiários, e como nós temos profissionais treinados para exercer não só a prática no nosso estabelecimento, como em qualquer lugar do mercado, a gente se propõe através do curso, e se compromete que no período de quatro meses eles estão preparados para o mercado de trabalho não só aqui como em todo o Brasil.

#### 4- Como os alunos-estagiários chegam à sua academia?

Existia uma heterogeneidade, alguns com alguma base, por terem vindo de outras academias, mas não tinham toda essa preparação, entretanto tem alguns que não sabem de nada, mas para nós não tem problema não saber de nada, e daí procuramos fazer a troca de conhecimentos desde o passo a passo para que os estagiários assimilem todo o conteúdo teórico, para que tenham um conteúdo padrão, com

desenvolvimento técnico na área de musculação em academia. Nós não temos interesse em que chegue sabendo, apesar de ser estágio, já aconteceu de professores formados nos procurarem para ter nosso curso, para a academia é até interessante que o estagiário não saiba muito, pois através da nossa preparação fica até mais fácil absorver a preparação.

Temos também uma preocupação com a receptividade dos estagiários por isso não autorizamos colocar nosso uniforme enquanto eles não estejam preparados, para não haver discriminação, aqui eles vão atendendo por parte, só a partir de um mês e meio de preparação eles atendem o cliente (aluno), então os alunos que estão na academia não conseguem decifrar quem é professor e quem é estagiário, é nossa preocupação em não diferenciar o uniforme para que não haja discriminação por parte dos alunos com nossos estagiários, e durante toda formação eles estão sempre acompanhados por supervisores na sala de musculação.

É nossa preocupação que os estagiários só possam intervir quando sentirem segurança, enquanto isso eles só observam, e se algum aluno fizer alguma pergunta, eles respondem que ainda estão em treinamento e chamam o supervisor ou outro estagiários mais antigo. Não queremos situações em que não estejam preparados, nossa intenção é que fiquem preparados para o mercado de trabalho da melhor forma possível, não colocamos em xeque o conhecimento técnico.

## COORDENADOR DA ACADEMIA

### 1- Qual a sua formação?

Licenciado em Educação Física pela Faculdade Salesiana do Nordeste (Fasne/PE)

Pós-Graduação Lato Sensu em Musculação e treinamento de Força pela Universidade Gama Filho/ RJ, Pós-Graduação Lato Sensu em Treinamento Esportivo pela Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco (ESEF/ UPE)

Pós-graduando Stricto Sensu em Educação Física pelo Programa de Associado de Pós-Graduação em Educação Física (UPE/UFPB)

### 2- Como você recebe os alunos-estagiários?

Inicialmente é feito um convite nas instituições de ensino superior para ingresso no programa. Nesse momento é apresentada a proposta em forma de palestra. Em seguida, é estabelecido um prazo para que os interessados manifestem seu desejo de participar em forma de inscrição (mediante a solicitação deles, via telefone, e-mail ou

pessoalmente). Depois desse momento, é realizada uma reunião, com os interessados para explicações mais específicas e organização dos horários. Uma vez definidos os horários, cada grupo de estagiário é recepcionado pelo professor responsável por aquele horário, que foi voluntariamente escolhido pelo estagiário de acordo com sua disponibilidade. No caso das aulas teóricas, a recepção é feita por um único professor, visto que esse é um momento coletivo. Nesse sentido as aulas se realizam em um horário fora do funcionamento da empresa, para não comprometer o processo de ensino-aprendizagem.

### 3- Como se faz a preparação? Há mediação teoria-prática?

O curso é teórico aplicado, toda semana os alunos recebem instruções de como devem proceder, totalizando 9 horas semanais distribuídas em 3 horas de aulas teóricas e 6 horas de aulas práticas (momento em que os alunos irão aplicar os conhecimentos adquiridos). A duração do processo é de quatro meses, e envolve cinco módulos de conhecimentos básicos/ necessários para que os alunos sejam capazes de atuar na prática, com segurança e fundamentação das suas ações. Além das aulas práticas e teóricas, o curso/estágio também oferece mensalmente palestras sobre temas diversos relacionados com o contexto dos conteúdos abordados ao longo de toda a intervenção.

### 4- Há reuniões periódicas para avaliação?

Há reuniões semanais (formais) para discussão dos diversos pontos relacionados ao desempenho dos alunos e também relacionados a auto crítica, além de reuniões informais sempre que necessário. O processo de avaliação dos alunos se dá em módulos, onde o aproveitamento é mensurado por meio de avaliações teóricas, dinâmicas de grupo e pela observação diária. Essas avaliações são mensuradas de forma quantitativa e qualitativa, registradas e repassadas aos alunos para que eles estejam cientes da sua evolução.

COORDENADOR DA ACADEMIA - Pedro

### 1- Qual a sua formação?

Sou formado pela UFPE, 2011, estou terminando Especialização na Gama Filho.

### 2- Como você recebe os alunos-estagiários?

Engraçado que alguns estagiários, apesar de serem imaturos, chegam com alguma vivência, alguns por já terem vivenciado a disciplina na faculdade, mais a maioria ainda chega sem fundamentação, então é nosso trabalho tirar as dúvidas, e temos muita cautela em fazer este trabalho, indicamos livros de musculação, e sentimos que são defasados em regra de atendimento

### 3- Como se faz a preparação? Há mediação teoria-prática?

O estágio desde 2010 aqui nesta academia é dividido em duas situações, uma prática e a questão teórica, e ao longo do tempo estamos cada vez mais aperfeiçoando. Hoje estamos dividindo em três módulos. Passamos conhecimentos sobre biomecânica, prescrição de exercícios, incluímos também a parte de avaliação física, então a partir desta fundamentação os estagiários passam por avaliação e daí então podem aplicar na prática.

No início, os estagiários recebem informações sobre procedimentos de atendimento, anamnese, tudo antes de ter o trato com os alunos, quando sentimos um pouco de segurança eles recebem o fardamento da academia e passam a atender.

### 4- Há reuniões periódicas para avaliação?

Fazemos avaliações de dois em dois meses, práticas e teóricas, são realizadas em grupo dos estagiários e , também reuniões com o corpo de professores, supervisores e o proprietário da academia. Os estagiários passam também por avaliações para que possamos verificar seu desempenho, eles também preenchem relatório de prática na tentativa de melhor qualificar o estagiário.

## PROFESSORES DA FACULDADE- DISCIPLINA DE ESTÁGIO

A- Ana Zélia Belo

### 1- Ocorrem, em sala de aula, atividades simuladas de estágio supervisionado?

Faço sim. No segundo momento da disciplina, eles vão vivenciar o que planejaram. Além de fazer o acompanhamento nos locais onde eles estão vivenciando o estágio, eles apresentam os planos de aulas com os demais alunos da sala, então esse trabalho é feito individual ou em dupla, e os demais alunos da sala simulam como se fossem as pessoas dos locais de estágio, então eles vivenciam aquele plano de aula comigo e os demais alunos simulando a realidade de estágio onde eles irão praticar.

2- Quais dos recursos técnico-metodológicos utilizados podem facilitar o aprendizado dos seus alunos?

Como recurso técnico metodológico que trabalho em sala, uso a mídia, eles apresentam em data show esses planejamentos do qual fizeram, apresentam algumas discussões em grupo, discutem sobre artigos que se traz nesta contextualização da temática estágio II, no caso esportiva. Utilizamos esses recursos técnicos-metodológicos na apresentação dos planejamentos elaborados por eles.

3- Em sua opinião, seminários, debates entre outras atividades desenvolvidas em grupos são técnicas de estudo que facilitam o aprendizado?

Sem dúvida, eu acredito sim que, através desses momentos de troca de experiências com um pequeno grupo ou com grande grupo, auxilia sim na construção do conhecimento do aprendizado, no momento de contextualização coletiva, em que pode haver uma grande troca nessa construção do conhecimento. Através dos debates de textos, como na construção, só seminário em si, é um momento de muita riqueza na construção do conhecimento.

4- Em sua opinião, qual das atividades complementares contribuiu mais para a formação do futuro profissional?

As atividades complementares vêm exatamente para atender a essa demanda do qual já diz a terminologia, para complementar essa contextualização, essa construção em sala de aula. Ela intermedia. Costumo dizer em sala da importância em participar de eventos acadêmicos científicos, congressos, fórum e nos demais eventos. Há um somatório com os conhecimentos das disciplinas da IES. Acho importante também as palestras trazidas para a sala de aula, roda de conversas com profissionais experientes, pois se torna um contexto rico que complementam também esta área que está sendo discutida auxiliando a construção do dia a dia na sala de aula.

5- Você saberia dizer quais as dificuldades principais dos alunos para pesquisar a respeito das temáticas estudadas em sala de aula?

Percebo que as dificuldades apontadas pelos alunos são relacionadas, na maioria das vezes, com a falta de material para estudo (impresso, livros, artigos, dissertações, teses) a outra situação dificultosa são lugares mais específicos para estagiarem (ex: espaço do conteúdo lutas ou lugares de atividades esportivas menos exploradas na sociedade).

6- Você saberia dizer, se na forma de ensino os conteúdos em sala de aula, sua metodologia poderia ser considerada inovadora?

Procuro aplicar metodologias que estimulem os alunos a buscar o conhecimento nas diversas possibilidades.

Dentre as possibilidades considero inovadora vivenciar a prática *in loco*, vamos a visitas técnicas conhecer a prática pedagógica da Educação Física; uma outra é trazer profissionais da área para uma roda de conversa em sala de aula relatando sua experiência prática.

## PROFESSORES DA FACULDADE- DISCIPLINA DE ESTÁGIO

Professora 2 – Nayana

1- Ocorrem em sala de aula atividades simuladas de estágio supervisionado?

Acredito que sim, uma vez que, como atividade em sala de aula, solicito aos alunos que tragam estudo de caso e escolham uma temática dentro do estágio e apresentem no caso seu programa de treinamento e algumas considerações que eles achem relevantes.

2- Quais dos recursos técnico- metodológicos utilizados que podem facilitar o aprendizado dos seus alunos?

Primeiramente explico o que é estágio, os alunos têm sempre muitas dúvidas em relação a isso, e muitas vezes se concentra no estágio como trabalho “Escraviário”, como se costuma dizer, o aluno passa a acreditar porque os estágios são remunerados, que aquela é sua melhor forma de estágio. Então acho superimportante essa conscientização através de textos que falem sobre o estágio e sobre as leis que o regem acompanhado de um diálogo para que eles entendam que estão no estágio para aprender, e não para trabalhar como professor ou supervisor, fato que vem acontecendo, principalmente porque os estagiários tentam casar os estágios obrigatórios com os não obrigatórios, para terem uma remuneração.

3- Em sua opinião, seminários, debates entre outras atividades desenvolvidas em grupos são técnicas de estudo que facilitam o aprendizado?

Sim, seminário, discussão, leitura de texto e algumas cobranças, como resenhas, resumo até porque sai do rimo do aluno das aulas expositivas; em algum momento eles terão de refletir sobre um novo texto, um resumo ou uma resenha.

4- Em sua opinião, qual das atividades complementares contribuiu mais para a formação do futuro profissional?

Eu acho que a extensão, que é algo que nas IES não tem, deixa uma lacuna que poderia ser um subsídio para que esse aluno possa entender o que é esse campo de atuação, para ele refletir na ação, na prática. Eu acredito que a IES que não tem extensão deixa uma lacuna muito grande na formação dos alunos, então preenchemos com visitas em que levamos os alunos a poder refletir o conteúdo visto em sala de aula, o conteúdo teórico visto em vivências práticas. Seminários e algumas outras atividades que levem para mais próximo de sua futura atuação com o público.

5- Você saberia dizer quais as dificuldades principais dos alunos para pesquisar a respeito das temáticas estudadas em sala de aula?

Eu acho que o principal vem de uma questão cultural da Educação Física, em que se acredita que Educação Física é uma atividade muito mais prática do que teórica, então os alunos chegam à IES pensando que não precisam ler, escrever, não precisam estudar, que bastam imitar modelos já prontos. Vejo isso como uma grande dificuldade inicial; acompanhado de que o bacharelado é um curso visivelmente técnico, eles se desprendem dessa condição de leitura, e a dificuldade maior é essa compreensão de que independentemente de ser bacharelado ou licenciatura, o conhecimento será construído por eles através de leituras, pesquisas, trabalhos em grupos; e sua atuação prática tem de estar respaldada por uma teoria.

6- Você saberia dizer, se na forma de ensino, os conteúdos em sala de aula, sua metodologia poderia ser considerada inovadora?

Pelo menos há uma tentativa, através de diálogos sobre reflexão de textos, sobre alguns textos e pesquisa, de visitas a locais que se aproximem da prática. Encontramos algumas resistências e pela pouca compreensão da necessidade que essa atividade tem na sua formação; por vezes nos sentimos na condição de professores expositores do conhecimento, pois não há muito interesse dos alunos.

## ALUNO-ESTAGIÁRIO

1 Gregório

1- Você aprendeu os conhecimentos propostos nas atividades simuladas de estágio em sala de aula?

Certamente. Acredito que vocês quando têm intenção de construir uma didática e um método de intervenção é válido, daí se agrega conhecimento que será muito válido para a formação profissional.

2- Quais dos recursos técnico-metodológicos utilizados pelo professor melhor facilitou seu aprendizado?

Qualquer tipo de conhecimento no qual se tenha contato vai sempre terminar fazendo parte da sua intervenção, na faculdade podemos ter contato com material didático apresentado pelos professores, a maneira de ministrar aulas com utilização da tecnologia. Além das atividades em grupo, dos trabalhos acadêmicos, creio que todos contribuíram positivamente para minha formação e irão fazer parte da minha prática pedagógica.

3- Em sua opinião, seminário em grupos é uma técnica de estudo que facilita o aprendizado?

Tenho certeza de que quando se quer aprender qualquer proposta de atividade complementar será útil para se aprender. Verifico isso na sala da IES que é frequentada por pessoas mais maduras, e o comprometimento com o aprender é maior, principalmente quando solicitados nos trabalhos em grupo. Quando nos reunimos há uma quantidade maior de diferentes interpretações e percepções acerca do mesmo assunto, a aprendizagem se torna mais fácil, diferente de quando se estuda sozinho.

4- Em sua opinião, qual das atividades complementares contribuiu para sua formação como futuro profissional?

As disciplinas de estágio na faculdade são excelentes, foi durante o estágio que pude verificar a necessidade de me aprofundar na busca em cursos para melhorar meu aprendizado.

5- Você saberia pesquisar a respeito das temáticas estudadas em sala de aula?

Com certeza. As atividades como cursos, foram importantes, estou fazendo parte de uma pesquisa incentivada pelo supervisor do meu estágio, que me tem colocado em contato com banco de dados, com pessoas que pesquisam. Esta oportunidade surgiu no

estágio, e o contato com essas pessoas me alertou e me incentivou para a pesquisa, e hoje me sinto apto a pesquisar sobre outros assuntos.

6- Você saberia utilizar os conhecimentos aprendidos para elaboração de aulas? Quais metodologias você considera inovadoras?

Só tive a oportunidade e a satisfação de ter contato com profissionais competentes tanto na IES quanto no estágio. Esses contatos foram me dando subsídios para poder construir programas diários sólidos. Considero inovador ter participado de um estágio em que pude me capacitar através de conhecimentos que foram divididos em módulos de aprendizagem de forma racional, que me deram ferramentas para minha formação.

## **ALUNO-ESTAGIÁRIO**

2 Marcel

1- Você aprendeu os conhecimentos propostos nas atividades simuladas de estágio em sala de aula?

Através de trabalhos práticos, seminários; os que consegui buscar conhecimento fora e dentro da IES foram bastantes incentivadores para meu conhecimento e também os trabalhos em grupo apresentados em sala ajudaram na construção do conhecimento, favorecendo todos alunos.

2- Quais dos recursos técnico-metodológicos utilizados pelo professor melhor facilitou seu aprendizado?

O trabalho que os professores apresentam em sala de aula são bem elaborados, como os slides; acredito que sejam coerentes com os conteúdos que vamos vivenciar na nossa prática.

3- Em sua opinião, seminário em grupos é uma técnica de estudo que facilita o aprendizado?

Certamente, porém é uma questão relativa, pois, dependendo do grupo de que você esteja fazendo parte, há alguns alunos que não têm interesse em aprender nem contribui, daí temos de filtrar os alunos que estão comprometidos com a aprendizagem para não acabar fazendo o trabalho sozinho, porém, quando há participação de todos, é muito válido e coerente.

4- Em sua opinião, qual das atividades complementares contribuiu para a sua formação como futuro profissional?

Creio que as vivências internas e externas realizadas na IES, bem como nossas intervenções que são abordadas pelos professores, ampliaram bastante nosso conhecimento, nossa intervenção. As palestras que os professores promovem convidando outros profissionais são também muito importantes e contribuem bastante com o aprendizado.

5- Você saberia pesquisar a respeito das temáticas estudadas em sala de aula?

Consigo pesquisa sobre diferentes temáticas abordadas em sala de aula e já tenho um certo domínio sobre banco de dados que foram abordados em nosso estágio.

6- Você saberia utilizar os conhecimentos aprendidos para elaboração de aulas? Quais metodologias você considera inovadoras?

Acredito que já consigo fazer meus planos de aula e em cada estágio que participei consegui intervir e também realizar um bom trabalho, como avaliação de aula, separar os materiais, ter um bom atendimento aos alunos, estabelecendo boa relação estagiário-aluno. Isso para mim ficou bem aprendido.

Como inovador, posso falar de uma academia que investe nos estagiários, os profissionais não jogam os estagiários soltos na prática sem informação, eles proporcionam a oportunidade de participar de um estágio que, para mim, foi muito interessante, visto que hoje colho frutos de tudo que aprendi enquanto estive nesta academia. Eles passam quatro meses fazendo um curso onde podemos ter conhecimentos que apenas fui ter nas disciplinas do final do curso na IES, e lá pude obter no início do meu estágio, quando cursei a disciplina já possuía os conhecimentos prévios vistos neste estágio e isso para mim foi muito proveitoso, tanto quanto aluno como futuro profissional.

### **ALUNO-ESTAGIÁRIO**

3 Rafael

1- Você aprendeu os conhecimentos propostos nas atividades simuladas de estágio em sala de aula?

Sim, principalmente os conteúdos teóricos a respeito do funcionamento dos estágios; gostei bastante das teorias vistas em sala de aula.

2- Quais dos recursos técnico-metodológicos utilizados pelo professor melhor facilitou seu aprendizado?

Alguns professores levam os alunos para fazer intervenção fora da IES; essas visitas foram bastante proveitosas, facilitando nosso aprendizado

3- Em sua opinião, seminário em grupos é uma técnica de estudo que facilita o aprendizado?

Sim, estudar em grupo é bastante proveitoso, pois sozinho temos de pesquisar tudo e em grupo, há ajuda tanto nas pesquisas quanto na opinião dos colegas que ajudam e colaboram com o conhecimento que ainda não temos, facilitando e completando nosso conhecimento.

4. Em sua opinião, qual das atividades complementares contribuiu para a sua formação como futuro profissional?

As visitas contribuíram bastante para complementar o conhecimento prático, bem como a divulgação feita pela IES dos congressos, minicursos, palestras, oferecendo bastante oportunidade em várias áreas do conhecimento para que possamos nos especializar mais em determinado assunto.

5- Você saberia pesquisar a respeito das temáticas estudadas em sala de aula?

Eu sinto dificuldades em algumas temáticas e em outras me sinto melhor, porém, de modo geral, considero-me com dificuldade.

6- Você saberia utilizar os conhecimentos aprendidos para elaboração de aulas? Quais metodologias você considera inovadoras?

Na área da musculação me sinto bastante à vontade para elaborar as aulas. Considero inovador o estágio de que participei em que os supervisores tinham interesse que os estagiários fossem bons, e neste estágio pude adquirir conhecimento em busca de um foco que é musculação, pude obter um bom potencial. Os professores desta academia ajudam com conhecimento tanto teórico quanto prático; posso dizer que muito do que aprendi neste estágio está servindo de base para outros estágios e me incentivaram a sempre estar em busca de novos conhecimentos.

## ALUNO-ESTAGIÁRIO

4 Luiz

1- Você aprendeu os conhecimentos propostos nas atividades simuladas de estágio em sala de aula?

Sim, foi de fato muito importante, pois aprendi a fazer planejamento de aula, seção de treinamento e outras coisas ligadas a minha área na Educação Física.

2- Quais dos recursos técnico-metodológicos utilizados pelo professor melhor facilitou seu aprendizado?

A utilização de data show, filmes e os trabalhos em grupos como seminários.

3- Em sua opinião, seminário em grupos é uma técnica de estudo que facilita o aprendizado?

Sim, porque podemos trocar informações com outros companheiros dentro e fora da sala de aula.

4- Em sua opinião, qual das atividades complementares contribuiu para a sua formação como futuro profissional?

Minicursos, palestras e eventos de que participei como voluntário.

5- Você saberia pesquisar a respeito das temáticas estudadas em sala de aula?

Sim, porque os embasamentos teóricos que recebemos aqui na IES, graduação nos deu bastantes subsídios para que possamos pesquisar, aqui na IES e fora.

6- Você saberia utilizar os conhecimentos aprendidos para elaboração de aulas? Quais metodologias você considera inovadoras?

Hoje ficou bem mais fácil a partir do estágio elaborar minhas aulas no momento em que podemos unir a teoria e prática, pois quando temos só teoria, não é bom, no momento em que podemos praticar e depois voltar para reflexão aí, sim, considero bom.

No estágio de que participei na Academia Moviment é assim, nós temos a teoria, prática e teoria, sempre voltamos para a teoria com mais questionamento. Durante a semana, temos a oportunidade de pôr na prática o que é visto na teoria. Isso considero inovador, essa questão de ter a aula teórica e aula prática, pois podemos esclarecer nossas dúvidas com o professor (supervisor) que está sempre presente, deixando-nos mais seguros.

## **ALUNO-ESTAGIÁRIO**

5 Marina

1- Você aprendeu os conhecimentos propostos nas atividades simuladas de estágio em sala de aula?

Sim, na IES nós participamos de trabalhos com os alunos, com atividades práticas, e apresentamos aos colegas em forma de aula o que estamos aprendendo no momento.

2- Quais dos recursos técnico-metodológicos utilizados pelo professor melhor facilitou a seu aprendizado?

Artigos, data show, trabalhos em grupo, aulas práticas e os festivais de que participamos oferecidos pela IES.

3- Em sua opinião, seminário em grupos é uma técnica de estudo que facilita o aprendizado?

Sim, a partir do momento em que unimos o conhecimento de outras pessoas, considerando o que cada um pensa ajuda bastante.

4- Em sua opinião, qual das atividades complementares contribuiu para a sua formação como futuro profissional ?

O estágio curricular obrigatório realizado na Academia Moviment, que tem um plano em que os estagiários ao chegarem lá passam por programa com módulos, e podemos aprender bem sobre nomenclaturas, estudamos passo a passo o que necessitamos para pôr em prática dentro de uma academia, acrescentou bastante. Não só o que eles apresentaram, como também as palestras, avaliações somaram bastante ao meu conhecimento.

5- Você saberia pesquisar a respeito das temáticas estudadas em sala de aula?

Sim, saberia pesquisar a respeito de diferentes temáticas, pois na graduação vários professores nos incentivaram a pesquisar.

6- Você saberia utilizar os conhecimentos aprendidos para elaboração de aulas? Quais metodologias você considera inovadoras?

Sim, já me considero capaz de elaborar aulas. Considero inovador meu estágio na Academia de Ginástica em Olinda, pois em conversa com colegas da IES, verificamos que não há nada parecido em outras academias, então considero inovador esse programa e as atividades que os professores oferecem como pesquisas de campo, trabalhos, visitas, entre outros.